A carreira do novo pobre: processos e fatores de desqualificação social

Nelson José Sampaio Reis

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pelo Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Membros do Júri

Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Doutor Marcos Paulo Taipa de Sousa Ribeiro
Estabelecimento Prisional do Porto

Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 17 valores

Dedicatória

À minha esposa Lurdes Vaz.

Aos meus pais, Nelson Lopes Reis
e Raimunda do Espirito Santo
Sampaio Reis.

Sumário

DEDICATÓRIA ..... **II**

SUMÁRIO ..... **III**

AGRADECIMENTOS ..... **V**

RESUMO ..... **VI**

ÍNDICE DE FIGURAS ..... **VIII**

ÍNDICE DE QUADROS ..... **IX**

ÍNDICE DE GRÁFICOS ..... **X**

ÍNDICE DE CAIXAS DE OBSERVAÇÃO ..... **XI**

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO 1 - PROBLEMÁTICA TEÓRICA: ITINERÁRIO SOBRE AS QUESTÕES DA NOVA POBREZA E DA EXCLUSÃO SOCIAL **5**

CAPÍTULO 2 - ATUALIDADE DA SITUAÇÃO SOCIAL PORTUGUESA **14**

2.1 Desemprego **14**
2.2 Desigualdades **15**
2.3 Risco de pobreza relativa **16**
2.4 Emprego **18**
2.5 Desemprego jovem **19**

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO **23**

3.1 Fases da investigação **25**
3.2 Observação etnográfica **27**

CAPÍTULO 4 - O CORAÇÃO DA CIDADE **28**

4.1 O Nascimento **28**
4.2 O Espaço Físico **28**
4.3 O percurso **30**
4.4 Os programas do Coração da Cidade **36**
4.5 Os Programas Ativos **37**
4.6 A Fila **41**
4.7 O Tipo de Combate **41**
4.8 Os números do Coração da Cidade **43**

CAPÍTULO 5 - RETRATOS SOCIOLÓGICOS **44**

5.1 Perfil1: Reformado Carente **44**
5.2 Perfil 2:trabalhador precário **50**
5.3 Perfil 3: jovens regressados a casa dos pais **54**
5.4 Perfil 4: desempregado perto da reforma **58**

CAPÍTULO 6 - CARACTERIZAÇÃO DOS RETRATOS SOCIOLÓGICOS (ANALISE HORIZONTAL E VERTICAL) **63**

6.1 Perfis dos retratos sociológicos **63**
6.2 Recursos **64**
6.3 Origens sociais **65**

6.4 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS 66
6.5 ANÁLISE VERTICAL 70

CONCLUSÃO 75

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 78

ANEXOS 82

ANEXO 1. GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA AOS NOVOS POBRES 82
ANEXO 2. GUIÃO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA AOS CARGOS DE DIREÇÃO 84
ANEXO 3. DOCUMENTOS RELATIVOS À INSTITUIÇÃO 85

Agradecimentos

Agradeço a minha esposa Lurdes Vaz pelo apoio e compreensão.

Agradeço ao Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes, pela sua valiosa orientação.

Agradeço as minhas irmãs Goreti e Elizabeth Reis por convencerem-me de que era capaz.

Agradeço ao meu sobrinho Eduardo pelos bons conselhos.

Agradeço o carinho de todas as pessoas do Coração da Cidade, com especial atenção à voluntária Emília.

Agradeço aos meus colegas e amigos Agostinho Lisboa, Aureliano Coelho e Rosilda Portas.

Resumo

Este estudo de casos, realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pretende compreender os mecanismos e processos, que levam pessoas em situação de nova pobreza a ativar práticas e esquemas mentais desajustados, face aos desafios de uma nova realidade, o que pode gerar processos de isolamento e anomia social. Pensamos que este problema pode ser explicado pelo "desfasamento entre estruturas passadas e atuações presentes, ou seja, o meio com o qual as pessoas se defrontam está muito distante daquele face ao qual elas estão objetivamente ajustadas, o que poderá ser determinante para a criação de uma carreira de novo pobre. Neste sentido, nossa investigação será desenvolvida com o intuito de descobrir possíveis respostas para uma melhor adaptação a um novo contexto adverso, de forma a reduzir os riscos de exclusão social. Nosso estudo terá por base o conceito de desclassificação social de Serge Paugam, que será articulado com os conceitos de *hysteresis do habitus* de Pierre Bourdieu e de *carreira desviante* de Howard Saul Becker. Nossa pesquisa empírica será realizada no Coração da Cidade (departamento de apoio social da IPSS Migalhas de Amor). No nível micro, vamos tentar perceber: os percursos de vida dos novos pobres, através das suas "histórias de vida"; os funcionamentos e organograma da referida instituição através da análise documental, e entrevistas semidiretivas aos seus dirigentes, colaboradores e voluntários; e ainda, a um nível macro, será feita uma revisão teórica sobre as grandes tendências de exclusão social e desigualdade na sociedade portuguesa e na sociedade global.

Palavras-Chave*: Novos Pobres, Desclassificação Social, Exclusão social.*

Abstract

This qualitative research work, carried out under the Master in Sociology, Arts Faculty , University of Porto, aims to understand the mechanisms and processes that lead people into poverty using new practices and maladjusted mental outlook to face the challenges of a new reality, which can generate processes of isolation and social economic privation. We think that this problem can be explained by the gap between past structures and present situations that means the ways with which actors are facing reality is a very part from that to which they are objectively adjusted which may be crucial for creating the new career of poverty. In this sense, our research will be carried in order to find possible answers to better adapt to new adverse conditions in order to reduce the risk of social exclusion. Our study will be based on the concept of social disqualification of Serge Paugam, which will be articulated with the hysteresis concepts of habitus of Pierre Bourdieu and deviant career by Howard Saul Becker. Our empirical research will be held at Coração da Cidade (social support department of IPSS Migalhas de Amor). At the micro level, we try to understand: the life paths of the new poor, through their "life history"; run by the organizational chart of the institution through document analysis and semi-directive interviews with their leaders, employees and volunteers and even at macro level a theoretical review of the major trends of social exclusion and inequality in Portuguese society and global society will be made.

Keywords: New Poverty, Social Disqualification, Social Exclusion.

Índice de figuras

Figura 1- Modelo teórico: a carreira de novo pobre 13
Figura 2 - Declaração de registo definitivo da Segurança Social 85
Figura 3 - Lista do Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social 86

Índice de quadros

Quadro 1 - Legenda 31
Quadro 2 - Evolução dos públicos: dos sem-abrigos aos novos pobres 31
Quadro 3 - Os programas 36
Quadro 4 - Entre o assistencialismo e o empoderamento 42
Quadro 5 - Dimensões de caraterização dos retratos sociológicos 63
Quadro 6 - Análise horizontal dos retratos sociológicos por dimensões de esferas de vida 67

Índice de gráficos

Gráfico 1- Taxa de desemprego (%): total por sexo..... 14
Gráfico 2 - Coeficiente de Gini UE-28 em 2013..... 15
Gráfico 3 - Evolução das desigualdades S90/S10 em 2013 16
Gráfico 4 - Taxa de risco de pobreza,entes e depois das transferências sociais (%)..... 17
Gráfico 5 – Taxa de risco de pobreza depois das transferências sociais 17
Gráfico 6 - Taxa de emprego (%)..... 18
Gráfico 7 - População empregada: total, tempo completo e parcial..... 19
Gráfico 8 -Taxa de desemprego jovem..... 19
Gráfico 9 - População desempregada (milhares)..... 20
Gráfico 10 -Prestações de emprego da Segurança Social..... 20
Gráfico 11 - Despesa da Segurança Social: total e prestações sociais 21

Índice de caixas de observação

Caixa de observação 1 - “O caso Dália”..... 34
Caixa de observação 2 - "O mercado social" 38
Caixa de observação 3 - "O caso Sônia" 40

Introdução

Esta pesquisa corresponde a uma dissertação académica intitulada “a carreira de novo pobre: processos e fatores de desqualificação social” e foi desenvolvida no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação do Professor Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes.

Todos os dias, em Portugal, escutamos diversos relatos de pessoas em situação de dificuldades económicas. São dramas familiares que atingem novos estratos da sociedade portuguesa causando processos de exclusão social, cujo desfecho poderá ser o aparecimento de uma nova classe de miseráveis. Este estudo tem como objetivo analisar os processos de transição de indivíduos com uma condição de vida estável do ponto de vista socioeconómico, para situações de “nova pobreza”, a partir de duas hipóteses: a primeira defende que as pessoas ao entrarem numa situação de nova pobreza encontram-se desajustadas, uma vez que operacionalizam esquemas mentais velhos, os quais não se adequam à uma nova situação, o que pode potenciar situações de exclusão social. Na abordagem desta questão, vamos nos apoiar no conceito de “*hysteresis do habitus*” de Bourdieu, “enquanto desajustamento das estruturas incorporadas passadas às estruturas sociais presentes da prática” (Caria, 2002, pp. 135-143), ou seja, “Nas situações de crise ou de transformação brutal, […] os agentes têm dificuldade em ajustar-se à nova ordem estabelecida: as suas disposições tornam-se disfuncionais e os esforços que eles possam fazer para as perpetuar contribuem para os enterrar mais profundamente no fracasso.” (Bourdieu, Pierre 1998, p.143).

A segunda hipótese defende que, no processo para a nova pobreza, as variáveis não atuam todas ao mesmo tempo, mas atuam por etapas e sequencialmente, onde cada etapa poderá aprofundar as anteriores, sendo por isso, um procedimento passível de ser estudado. Assim, apoiados no conceito de “carreiras desviantes” de Howard Saul Becker, o que queremos “compreender aqui é a sequência de mudança na atitude e na experiência” (Becker 2008, p.52) dos indivíduos atingidos pela nova pobreza; que técnicas as pessoas têm que aprender para lidar com esta nova situação; qual é o tipo de subcultura ou nova subcultura resultante da carreira de novo pobre.

Nossa investigação seguirá a metodologia de estudo de casos, através da "história de vida" dos novos pobres, mediante entrevistas semiestruturadas, aplicadas a uma pequena amostra, intencional não probabilística, formada a partir de um universo de pessoas que recorrem a instituição portuense Coração da Cidade. Inicialmente os nossos entrevistados foram escolhidos segundo três critérios: casais em situação de nova pobreza porque perderam o emprego; casais que regressaram para a casa dos pais por falta de recursos materiais que lhes permitissem uma vida autónoma e reformados cujos rendimentos passaram a ser insuficientes, uma vez que agora veem-se obrigados a ajudar os familiares. Contudo, como é normal em pesquisas qualitativas, o trabalho de campo por vezes impõe as suas próprias exigências, o que nos levou a optar por uma mudança nos nossos critérios. Assim, procedemos a seguinte modificação: no lugar de entrevistar casais, decidimos entrevistar o indivíduo do agregado familiar inscrito no Coração da Cidade, mediante quatro novos perfis: "trabalhadores precários" que entraram em situação de nova pobreza devido aos baixos rendimentos; "indivíduos que regressaram à casa dos pais" por falta de recursos materiais que lhes permitissem manter uma vida autónoma; "indivíduos reformados" cujos rendimentos passaram a ser insuficientes, uma vez que agora vêem-se obrigados a ajudar os familiares; e "indivíduos desempregados próximos da idade da reforma". Esta mudança nos critérios acontece porque percebemos uma incidência significativa de famílias unipessoais, formadas na sua maioria por idosos divorciados e famílias monoparentais, formadas na sua maioria, por mulheres divorciadas.

A mesma metodologia intensiva também será usada para a análise da instituição. Assim, vamos estudá-la aprofundadamente através de análise documental (com estudo do organograma, dos papéis, das funções, serviços e hierarquias, e ainda os seus objetivos) e entrevista, mediante três perfis: cargos de direção; novos pobres que colaboram como voluntários e voluntariado propriamente ditos. A um nível estrutural será feita uma revisão teórica sobre as grandes tendências de exclusão social e desigualdade na sociedade portuguesa e na sociedade global.

Com base no estabelecimento da direção principal do estudo por intermédio da nossa declaração de objetivos e identificação do objeto de estudo vamos procurar responder as seguintes questões de partida:

1- Quais são os processos sociais que nos permitem entender a transição de uma situação social estável para categorias de nova pobreza?
2- Quais são as sequências, as etapas e os processos que estão por trás de uma carreira de novo pobre?

No primeiro capítulo deste trabalho é feita uma abordagem a problemática teórica da pobreza e exclusão social. Começando pelas perspetivas de pobreza absoluta (ou normativas), relativas e subjetivas, que se complementam tornando o objeto de estudo mais abrangente. Sendo que as duas primeiras assentam numa dimensão mais materialista da pobreza, ao passo que a abordagem subjetiva vai se apoiar em noções onde a pobreza é o resultado de uma construção social. Neste sentido, cada sociedade vai ter uma perceção específica e cultural da pobreza, que por sua vez pode gerar uma cultura de pobreza, dando origem a um estilo de vida que poderá ser transmitido de forma transgeracional.

Ainda falamos, neste capítulo, das noções de exclusão social que está intrinsecamente relacionada a noção de pobreza. Desta forma, a exclusão social será entendida como uma consequência da situação de pobreza, embora como veremos possam existir situações de exclusão social, sem que exista pobreza. Vamos observar, ainda, as relações da exclusão social com os processos de desigualdade social na sociedade portuguesa. Assim, por um lado, enquanto alguns indivíduos conseguem ter uma participação social plena, resultante de uma acumulação de recursos, por outro lado, outros estão totalmente excluídos da participação por falta destes mesmos recursos. Ainda veremos as relações da nova pobreza com as mutações no mercado de trabalho que vão dar origem a processos de desqualificação social. Para fechar este capítulo, vamos falar da dificuldade que os agentes sociais podem encontrar para se adaptar a uma nova situação que é desfavorável, podendo assim dar origem a uma carreira de novo pobre.

Na sequência, no capítulo 2, vamos fazer uma análise da atual situação social em Portugal, utilizando dados secundários retirados dos principais portais de estudos estatísticos portugueses. Como por exemplo o Instituto Nacional de Estatística (INE), o Pordata, e o Observatório das Desigualdades. Deste modo, vamos procurar perceber as características do fenómeno do desemprego em Portugal, relacionando este fenómeno com as questões da desigualdade dentro do espaço comunitário. Por sua vez, tentaremos

perceber de que forma estes fenómenos se relacionam com o aumento ou diminuição das taxas de risco de pobreza nos diversos grupos etários e ainda como é feita a gestão dos recursos da Segurança Social pelo Estado. O capítulo 3 versa sobre o tipo de metodologia mais adequada para a recolha e tratamento de dados, de forma a encontrar respostas para questões da nossa pesquisa. Assim, discutiremos, neste capítulo, as técnicas que julgamos mais adequadas para nossa abordagem empírica, como também faremos uma exposição das fases da pesquisa previamente estabelecidas.

O capítulo 4 é dedicado a apresentação do Coração da Cidade. Vamos falar sobre a gênese desta instituição, assim como sobre as suas características físicas e espaciais. Seguidamente, nós faremos uma exposição do percurso da instituição, demonstrando a evolução dos seus programas e tipo de públicos assistidos durante os seus 19 anos de existência. Vamos discutir também, neste capítulo, o tipo de combate a pobreza, assim como os objetivos e missão da organização. Finalmente, para fechar este capítulo, serão abordados alguns problemas da instituição, assim como os números atuais do Coração da Cidade. No capítulo 5 é feita a exposição de um conjunto de 10 retratos sociológicos, construídos a partir de entrevistas realizadas aos novos pobres. Na sequência desta introdução, no capítulo 6, faremos uma análise horizontal e vertical dos retratos sociológicos. No que se refere a análise horizontal, vamos expor a caracterização dos 4 perfis de nova pobreza escolhidos para a seleção dos entrevistados, como também a analise dos recursos materiais dos agentes sociais estudados. Este capítulo nos mostra ainda as origens sociais dos novos pobres, assim como as convergências de divergências observadas nos retratos, mediante 5 categorias que nos possibilitaram encontrar tando as regularidades, como os coeficientes de singularidade dos retratos sociológicos, os quais utilizamos para a concretização, caso a caso, da análise vertical. Por fim, faremos uma balanço dos resultados da pesquisa expondo as nossas considerações finais.

Capítulo 1 - Problemática teórica: itinerário sobre as questões da nova pobreza e da exclusão social

Na literatura especializada, "a complexidade do fenómeno [da pobreza] explica a diversidade de perspectivas em que o mesmo pode e tem vindo a ser definido" (Costa, 2008, p. 21).Contudo, estas diferentes visões, na maioria das vezes, complementam-se para dar uma visão mais abrangente deste objeto de estudo.

Para Costa, "uma definição de pobreza é apenas um ponto de partida indispensável para que se possa distinguir o pobre do não-pobre." (Costa, 2008, p. 31). Segundo o autor, isso acontece porque ao tentarmos usar uma dada definição percebemos que existem múltiplos caminhos sobre os quais teremos que fazer opções até conseguirmos criar uma ferramenta que permita identificar a pobreza. Dessa forma, para estudar a pobreza, podemos seguir um método normativo (conceito normativo/universalista); observar os hábitos e costumes de cada sociedade (conceito relativo), ou inquerir a sociedade acerca do que deve ou não ser considerar uma situação de pobreza.

Estes três conceitos podem ser divididos em "duas classes: a classe dos conceitos objectivos, que abrange o conceito *normativo* (também designado por *absoluto*) e o conceito *relativo*, e a classe que inclui o conceito *subjectivo*." (Costa, 2008, p. 31). Qualquer uma dessas modalidades utilizadas, na prática não se apresenta em estado puro, não sendo, por isso, nenhuma delas, totalmente objetiva, nem totalmente subjetiva.

João Ferreira de Almeida, referindo-se ao nível do limiar do rendimento (como sendo uma das questões prévias no estudo do fenómeno da pobreza) considera que "é preciso distinguir os conceitos de pobreza absoluta e pobreza relativa." (Almeida, 1992:13), aproximando-se assim da corrente ou tradição socioeconómica a qual está relacionada, por sua vez, ao conceito objetivo da pobreza.

Neste sentido, a pobreza absoluta refere-se "a um conjunto de bens ou recursos abaixo dos quais se deve falar de pobreza" (Almeida, 1992, pp.14). Refere ainda o autor que tal perspetiva "levanta dificuldades metodológicas por exigir a definição das necessidades mínimas de subsistência." (idem). Na mesma linha de pensamento, Luís

Capucha defende que as pessoas que se encontram em situação de pobreza absoluta possuem recursos "tão escassos que não garantem a subsistência e «eficiência física» nem suprem as mais elementares necessidades." (Capucha,1998, p. 21). O autor também aponta dois tipos de pobreza absoluta: a pobreza absoluta primária, quando "a escassez resulta da simples ausência de recursos e a pobreza absoluta secundária que resulta do uso ineficiente de recursos parcos" (idem).

Almeida observa ainda que a avaliação da pobreza está também ligada ao fato de ser um conceito relativo ao tempo e espaço, "consequentemente [relativos] a valores predominantes numa dada sociedade." (Almeida, 1992, p.14). O conceito de pobreza relativa é localizado "por uma referência a um lugar e tempo precisos [todavia] apresenta dificuldades pela necessidade que tem de integrar noções como as de património, rendimentos fixos, estabilidade dos rendimentos, etc." (idem). No mesmo sentido, Luís Capucha refere que "são pobres as pessoas, famílias, ou grupos cujos recursos materiais, culturais e sociais são tão escassos que os excluem dos modos de vida minimamente aceitáveis segundo a norma nos países em que vivem." (Capucha,1998, p. 22).

Para Rodrigues, "quando falamos de pobreza, aproximamo-nos mais dos termos económicos e monetários. Pobreza corresponderá, então, à «privação de recursos materiais que afecta as populações desempregadas ou mal remuneradas, tendo por cenário um processo tendencial de pauperização dos indivíduos ou dos grupos (Rodrigues 2000)»." (Rodrigues, 2010, p. 32). Costa refere que a privação constitui uma situação de *carência,* podendo ser resultado da ausência de recursos. Dessa forma, o autor aproxima-se também de uma abordagem socioeconómica, a qual "a pobreza [é associada] a uma situação de privação resultante da insuficiência de recursos económicos, relacionando-a com as noções de subsistência e de necessidades básicas." (Rodrigues, 2010, p. 32).

Contudo, a perspetiva objetiva, baseada em critérios normativos, apesar de ser «mais visível» tem dificuldades "para dar conta da multidimensionalidade do fenómeno e para analisar o comportamento das pessoas, dos grupos e das instituições relacionados com ele." (idem).

Partindo do pressuposto de que uma abordagem materialista seria insuficiente para explicar todo o fenómeno da pobreza, alguns autores vão defender uma visão mais

subjetiva e culturalista da pobreza na qual a noção é entendida como o resultado de uma construção social. Esta perspectiva pretende "atraer la atención hacia el hecho de que la pobreza en las naciones modernas no es sólo un estado de privación económica, de desorganización, o de ausencia de algo. Es también algo positivo en el sentido de que tiene una estructura, una disposición razonada y mecanismos de defensa sin los cuales los pobres difícilmente podrían seguir adelante" (Lewis, 1961). Neste sentido, Rodrigues vai defender que a pobreza pode resultar também de outras causas, como o uso inadequado dos recursos, comportamento aditivos, doenças mentais, etc.

Dessa forma, "a distinção entre o pobre e o não pobre não assentará em critérios normativos, mas na percepção que cada sociedade tem da pobreza". (Costa, 2008, p. 21). Isto quer dizer que a pobreza constitui uma "*situação existencial* para a qual concorrem não só as necessidades materiais, mas também elementos de ordem psicológica, social, cultural, espiritual, etc…" (Costa, 2008, p. 22). Esta visão aproxima-se, por sua vez, da dimensão subjetiva da vulnerabilidade que se refere "ao sentido dado pelas populações caracterizadas como desfavorecidas às suas vivências e aos modos de adaptação aos constrangimentos situacionais que as rodeiam." (Capucha,1998, p.24).

Na tradição culturalista, segundo Capucha, o fenómeno da pobreza é tendencialmente produtora da cultura de pobreza**,** a qual "corresponde a maneira de ser, fazer e sentir das pessoas, famílias ou grupo". (Capucha,1998, p.21). Para o autor, trata-se de uma abordagem que "assenta em microanálises multidimensionais de comunidades, famílias ou pessoas que constituem o fundo da escala socio-económica das nações modernas". (Capucha,1998, p.21). Ou seja, a cultura da pobreza configura assim uma "totalidade complexa que integra os conhecimentos, as crenças, os valores e representações, as capacidades, os hábitos e os modos de agir que se constituem em estilo de vida transmissível de geração em geração, num círculo vicioso." (Capucha,1998, p.22).

Desta forma, a situação de falta de recursos está assim ligada a consequente privação e exclusão social, refletindo, entre outras coisas, nas condições de vida, poder, participação social, cidadania, etc. Por isso, um indivíduo quando se encontra em situação de pobreza vai ter enfraquecida ou mesmo rompida, a sua relação com diversos outros sistemas sociais, como o mercado de bens e serviços, o sistema de saúde, o sistema educativo, a participação política, laços sociais com amigos e com a

comunidade local. (Bruto da Costa, 1998, apud Perista, Batista, 2010). Quanto maior for a intensidade da privação, maior será o número de sistemas sociais envolvidos e mais profundo o estado de exclusão social. Por conseguinte, podemos concluir que "a pobreza representa uma forma de exclusão social, ou seja não existe pobreza sem exclusão social." (Perista, Batista, 2010).

Capucha refere que, o conceito de pobreza e de exclusão social não são novos. "Desde finais da década de oitenta, conheceram uma difusão sem paralelo, tornaram-se obrigatórias nos discursos oficiais, ganharam espaço mediático e vulgarizaram-se nas conversas dos cidadãos comuns. (Capucha,1998, p.19). Atualmente, contudo, "embora distintos, são ambos necessários e estão estreitamente inter-relacionados." (Costa, 2008, p. 61).

Para Capucha, a exclusão social consistirá na impossibilidade de todos os membros de uma sociedade beneficiarem dos direitos e de cumprirem os deveres a eles associados. Estando a exclusão social "inscrita nas próprias dinâmicas e instituições sociais, políticas e económicas" e ainda " inculcada nas estruturas mentais das pessoas que a sofrem" (Capucha,1998, p.20). Dessa forma, segundo o autor, a exclusão social é o resultado de processos sociais objetivos, caracterizado pela impossibilidade temporária ou prolongada de acesso ao mercado de trabalho, como também, o produto de processos subjetivos "que dizem respeito à forma como as pessoas excluídas vivenciam a sua condição de excluídas, reagindo perante o estatuto desvalorizado que lhes é imposto e desenvolvendo formas de adaptação às situações com que são confrontadas" (Capucha,1998, p.20), levando à perda de estatuto de cidadania plena assim como a desvinculação dos padrões de vida "tidos como aceitáveis na sociedade em que vivem." (Capucha,1998, p. 20)

Para Rodrigues, a pobreza é um dos fenómenos integrantes da exclusão social. Assim, a pobreza vai ser uma forma da exclusão social que, por sua vez, abrange "formas de privação não-material, ultrapassando a falta de recursos económicos" (Rodrigues, 1999, p. 69). Dessa forma o conceito de exclusão social vai enquadrar a "ausência ou insuficiência de recursos sociais, políticos, culturais e psicológicos." (idem). A exclusão é um processo complexo onde "causas e consequências aparecem entrelaçadas entre si." (idem). Ao contrário da pobreza, a exclusão social é um processo dinâmico, "associado a uma trajetória que conduziu a marginalização, presenciando a

acumulação de *handcups* vários (rupturas familiares, carências habitacionais, isolamento social, etc.).” (Idem)

Partindo do princípio que a desigualdade é inerente a qualquer forma de estruturação social, é natural que haja diferentes capacidades de articulação e acumulação de recursos, tanto materiais como sociais, por parte dos indivíduos de uma dada sociedade. Dessa forma a exclusão é gerada pela intensificação das desigualdades, conjuntamente com os seus mecanismos de produção. Trata-se de um movimento dialético de oposição entre os que mobilizam de forma efetiva os recursos, e por isso conseguem ter uma participação social plena, e os que estão privados desses mesmos recursos, e por isso mesmo, incapacitados parcial ou totalmente de participarem dos diversos sistemas sociais. Dessa forma, a exclusão vai-se configurar como um fenómeno multidimensional, ou seja “um fenómeno social ou um conjunto de fenómenos sociais interligados que contribuem para a produção do excluído” (Rodrigues, 1999, p. 64). O autor refere, ainda, que a exclusão pode ter um carater cumulativo, dinâmico e persistente, que encerra processos de produção; e um caracter evolutivo, através do surgimento de novas formas de pobreza.

As novas formas de pobreza, por sua vez, estão profundamente relacionadas às transformações no mundo do trabalho e ligam-se sobretudo a uma nova forma de capitalismo, o qual reflete os efeitos de diversos fatores, dentre os quais, os de uma economia mundializada, possibilitada por uma rede virtual global, na qual se praticam, entre outras coisas, transferências de capital, cujos fluxos de capitais vão gerar uma concentração desigual de riqueza. Este sistema económico globalizado gerou uma nova e peculiar divisão internacional do trabalho, assim como causou processos de deslocalização de fábricas, para países com menores custos de produção. Ao mesmo tempo, e ainda numa lógica de diminuição de custos, deu-se um aproveitamento dos incrementos tecnológicos que resultou na substituição de homens e mulheres por máquinas, que para além da destruição de postos de trabalho, levou à desqualificação, à precarização das relações de trabalho, e à fragilização “sobremaneira [dos] trabalhadores em geral, inclusive os mais qualificados, com maior enfase para os menos qualificados” (Antunes,1999, apud Pizzio, 2009, p. 210).

Todas estas mudanças no mercado de trabalho resultaram naquilo que o sociólogo francês Serge Paugam chamou de desqualificação social. Paugam

problematiza “os estigmas relacionados às condições de vida degradadas ou precarizadas e ganha complexidade teórica na medida em que não é apenas uma forma de se referir a velhos problemas, mas aponta para a temática da chamada nova pobreza.” (Pizzio, 2009, p. 211). Assim, as situações de pobreza e os processos de exclusão do mercado de trabalho são decorrentes de um processo de desqualificação social. Dessa forma, falar de desqualificação social significa “estudar a diversidade dos estatutos que os caracterizam, as identidades pessoais, quer dizer, os sentimentos subjetivos da própria situação que vivem no decurso de várias experiências sociais, e enfim, as relações sociais que mantém entre si e com os outros” (Paugam, 2003, p. 25). O autor ainda defende que “Nas sociedades modernas, a pobreza não é somente o estado de uma pessoa que tem falta de bens materiais, corresponde igualmente a um estatuto social específico, inferior e desvalorizado, que marca profundamente a identidade dos que a experimentam” (Paugam, 2003, p. 23).

Paugam vai articular três ideias ao conceito de desqualificação social que se encontram vinculadas aos conceitos de pobreza e exclusão. A primeira é a noção de trajetória que implica uma visão longitudinal do processo, permitindo apreender o percurso temporal dos indivíduos; a segunda noção defende que o conceito de identidade pode ser positivo ou negativo, de crise ou de construção dessa identidade; em terceiro lugar, é destacado o aspeto da territorialidade, ou seja dimensão espacial que leva a processos excludentes.

O processo de desqualificação ainda é composto por três fases: a fragilidade; a dependência; e a rutura. A fase da fragilidade se relaciona com a experiência vivenciada da deslocalização social. Assim, a deslocalização pode resultar numa maior dificuldade de inserção profissional, e a perda de uma referência (local de moradia). Segundo Paugam, estas experiências são normalmente dolorosas, onde as pessoas que as vivenciam sentem-se deslocadas. “Tem-se aqui a sensação de estar vivendo uma situação de inferioridade social em relação a uma situação anterior.” (Pizzio, 2009, p. 211). Paugam enfatiza ainda que se esta “situação se prolonga, pode conduzir à dependência face aos serviços de assistência ” (Paugam, 2003, p. 17)

A dependência corresponde à fase na qual os serviços sociais se responsabilizam pelas dificuldades enfrentadas pelos indivíduos. Nesta fase, a maioria das pessoas acaba por desistir de ter um emprego. Contudo, segundo o autor, “Aqueles que fazem a

experiência da *dependência* procuram compensações para os seus fracassos fazendo valer a sua identidade parental, a sua capacidade para gerir o lar, para exercer diversas atividades junto da sua vizinhança" (Paugam, 2003, p. 18).

A terceira fase é marcada pela experiência da rutura. Nesta fase os indivíduos passam por um conjunto de dificuldades: desvinculação do mercado de trabalho, problemas de saúde, problemas relativos a habitação, diminuição dos contatos familiares e isolamento da comunidade. Em suma, sofrem um processo de soma de fracassos "que conduziu a uma forte marginalização". (Paugam, 2003, p. 18)

Para Paugam, a questão da desqualificação está vinculada à construção de uma identidade, de um *status* e a condição social objetivas das populações vistas em situação de precariedade económica e social. E ainda defende que ela não pode ser entendida de forma completa sem uma abordagem prévia de uma hierarquia do *status* social. Desta forma, a desqualificação social é entendida como "O movimento de expulsão gradativa, para fora do mercado de trabalho, de camadas cada vez mais numerosas da população – e as experiências vividas na relação de assistência, ocorridas durante as diferentes fases desse processo. Cumpre realçar que o conceito de desqualificação social valoriza o caráter multidimensional, dinâmico e evolutivo da pobreza e o *status* social dos pobres socorridos pela assistência" (Paugam, 1999, p. 68, apud Pizzio, 2009, p. 214).

Acreditamos que o processo de desqualificação social proposto por Paugam pode levar à *hysteresis do habitus*, a qual resulta da existência de um movimento inercial do habitus que faz com que este continue atuando da mesma forma, ainda que desapareçam as condições objetivas que o produziram (Bourdieu, 2000, p. 32); assim como pode levar, também, à uma carreira desviante, uma vez que se trata de um processo de desqualificação. Assim, nossa intenção é encontrar uma nova forma de abordar a questão da nova pobreza, procurando responder a nossa pergunta de partida que se debruça sobre os processos de adaptação à uma mobilidade social descendente e às etapas subjacentes àquilo a que chamaremos de "carreira de novo pobre".

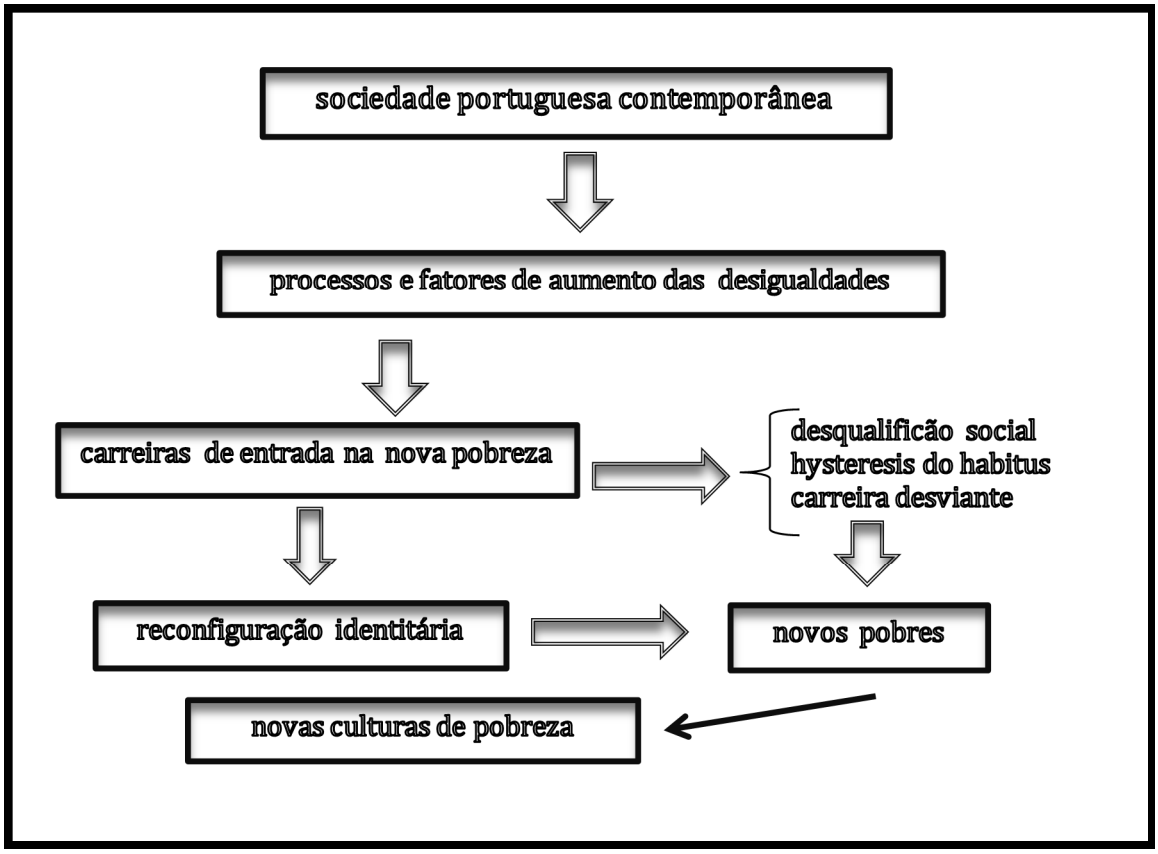
A nova pobreza pode ser entendida como uma transição relativamente rápida. Consiste num processo de mobilidade social descendente, no qual as pessoas deixam de ter uma posição definida no mercado de trabalho. Não significando necessariamente que estejam fora do mercado de trabalho, porque podem estar na chamada pendularidade entre emprego, desemprego e estágio, ou inatividade. O que pode levar a situação de

exclusão social por precariedade e fragilização dos laços sociais. Aí é que estão as situações de nova pobreza. Isto é, não são as velhas situações de pobreza em que, entre gerações, a escassez vai se reproduzindo. São pessoas que conseguiram sair dessa situação de pobreza e agora repentinamente são novamente precarizadas. Ou poderá mesmo ser, em alguns casos mais abruptos, pessoas que nunca viveram uma situação de pobreza e agora estão a lidar com ela. Nesses casos acontecem aquilo a que Bourdieu chama de a "histerese do *hábito*" (Bourdieu, 2000, p. 26), isto é, pessoas que foram socializadas com um conjunto de condições objetivas que já não existem porque passam a viver uma nova situação, um novo contexto. Todos os seus esquemas de interpretação do mundo, de orientação para a prática, para a ação, de classificação e organização da realidade, todos estes esquemas estão ainda muito marcados pelas condições em que foram educadas. Ou então, no caso dos processos de mobilidade social, muitas dessas pessoas fizeram questão de esquecer o passado pobre. Ele já é muito longínquo ou está muito soterrado. Por conseguinte, há aqui um desajustamento entre o habitus e o contexto. Isto pode se traduzir em formas desajustadas de consumo, na dita vergonha social e nas aparências. Estas pessoas podem querer aparentar ser o que já não são. O que poderá causar também um certo isolamento, porque muitas destas pessoas não querem que os outros saibam a situação real em que estão. E isto pode facilitar as situações de anomia, isto é, de falta de laços sociais. Mais ou menos de repente, estas pessoas perderam os círculos de sociabilidade, perderam os contactos que tinham. O habitus que ainda está incorporado não permite às pessoas saberem como irão fazer face a escassez de recursos. Isso leva a uma serie de desajustamentos, ou de crises, que no seu sentido etimológico remete para o desajustamento que cria uma espécie de indeterminação, uma espaço vazio, de anomia, isto é de falta de ligação social e falta de regras sociais. Dessa forma, e partindo da ideia de que a situação de exclusão é cumulativa, ou seja é um processo de desclassificação social, nossa primeira hipótese vai defender que as pessoas, ao entrarem numa situação de nova pobreza, tenderão a usar um conjunto de disposições que pertencem a uma situação social antiga, e portanto terão dificuldades em adaptar-se a novas práticas sociais.

Por outro lado, a partir do conceito de carreira desviante, utilizado por Becker, vamos tentar compreender como alguém se torna um novo pobre; perceber quais são as etapas e os processos que levam que se passe de uma situação para outra; descobrir que técnicas as pessoas têm que aprender para lidarem com a situação, ou ainda saber qual é

o tipo de subcultura, ou nova subcultura, ou identidade resultante de uma carreira de novo pobre. Acreditamos que se trata de um processo que não se dá de um momento para o outro, mas em etapas: primeiro a perda do emprego, depois o afastamento dos amigos e dos familiares, etc. Até ao ponto de ter que recorrer a uma instituição de solidariedade, seja ela pública, do terceiro setor ou ambas. Assim sendo, nossa segunda hipótese vai defender que no processo de nova pobreza as variáveis não atuam todas ao mesmo tempo, mas é feito por etapas e sequências, onde cada etapa pode aprofundar, ainda mais, as anteriores.

Figura 1- Modelo teórico: a carreira de novo pobre

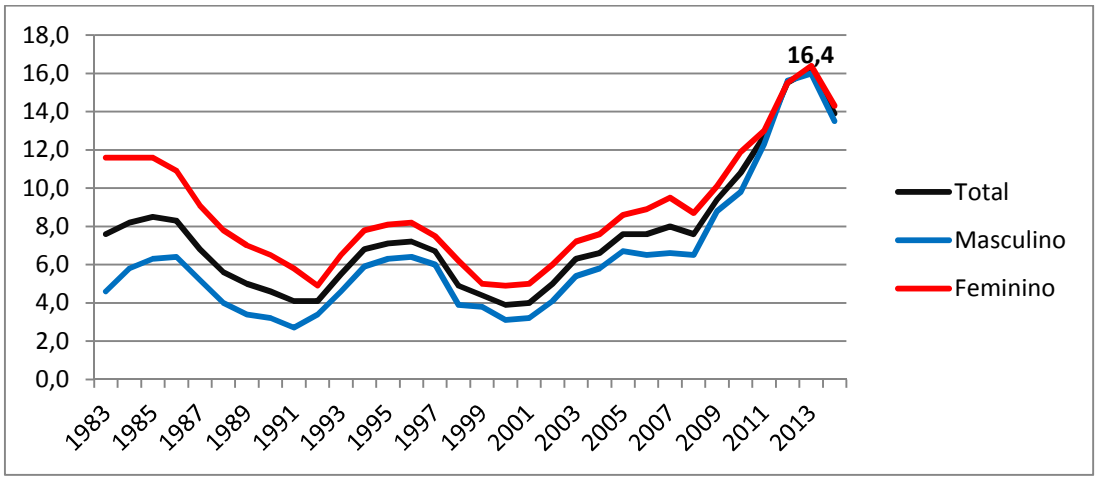


Capítulo 2 - Atualidade da situação social portuguesa

2.1 Desemprego

O desemprego é atualmente um dos maiores prolemas da sociedade portuguesa. No gráfico1, abaixo, podemos observar que, de 1983 até o início do século, Portugal apresentava uma taxa de desemprego total, abaixo de 4%, configurando uma situação próxima do pleno emprego, ou desemprego residual. Contudo, a parir do início do século XXI, inicia-se um processo de crescimento da taxa de desemprego, anterior à crise económica de 2008, o que evidencia um carater estrutural do fenómeno, ou seja, um desemprego persistente que se vai acumulando, independentemente dos ciclos económicos. Este crescimento chega a ultrapassar a taxa dos 16% em 2013.

Gráfico 1- Taxa de desemprego (%): total por sexo



Fonte: Pordata/INE 2014

Esta taxa de desemprego sofreu um relativo abrandamento, situando-se perto dos 14% em 2014. Contudo, como é sabido, o INE mede apenas o desemprego oficial, ou seja apenas as pessoas inscritas nos Centros de Emprego são contabilizadas, ficando de fora os inativos disponíveis[1], o subemprego visível, e ainda o subemprego invisível[2]. Para além disso, uma boa parte dessa redução do desemprego não reflete, necessariamente, a criação de novos postos de trabalho em Portugal, uma vez que, ela poderá ser explicada, também, pela emigração, e pela entrada de desempregados nos

[1] Inativos disponíveis são aquelas pessoas que estando desempregadas e declarando pretender trabalhar não fizeram diligências para encontrar emprego nas últimas 3 semanas.

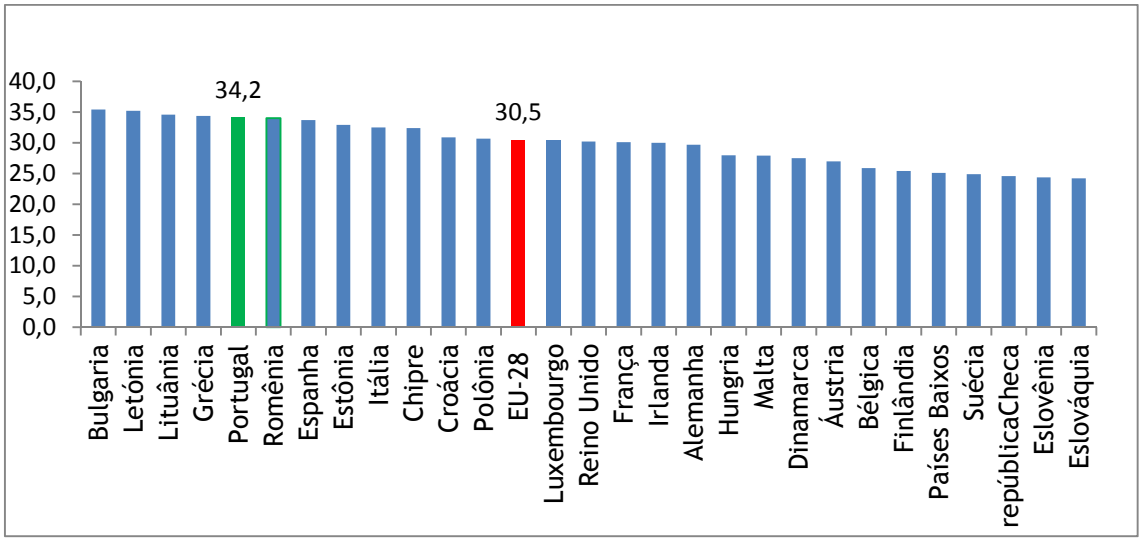
[2] O subemprego pode ser dividido em subemprego visível, referente a situação dos trabalhadores cuja duração do trabalho é menor do que a duração normal que estão dispostos a realizar; por sua vez, o subemprego invisível refere-se a uma inadequada utilização qualitativa da força de trabalho, resultando numa baixa produtividade, ou na subutilização das habilidades do trabalhador.

cursos de requalificação promovidos pelo Estado através dos Centros de Emprego, deixando, por isso, de ser contabilizados na taxa de desemprego.

2.2 Desigualdades

Seja como for, a taxa de desemprego vai ter influência direta no índice de desigualdade em Portugal. O gráfico 2, abaixo, indica que Portugal está entre os países mais desiguais da Europa comunitária, com um coeficiente de Gini de 34,2%, para o ano de 2014, ficando atrás da Grécia, Lituânia, Letónia, e Bulgária. Portugal está, apenas 3,7% acima da média europeia (30,5%), o que, por outro lado, evidência que a própria Europa comunitária é também um espaço de fortíssimas desigualdades.

Gráfico 2 - Coeficiente de Gini UE-28 em 2013



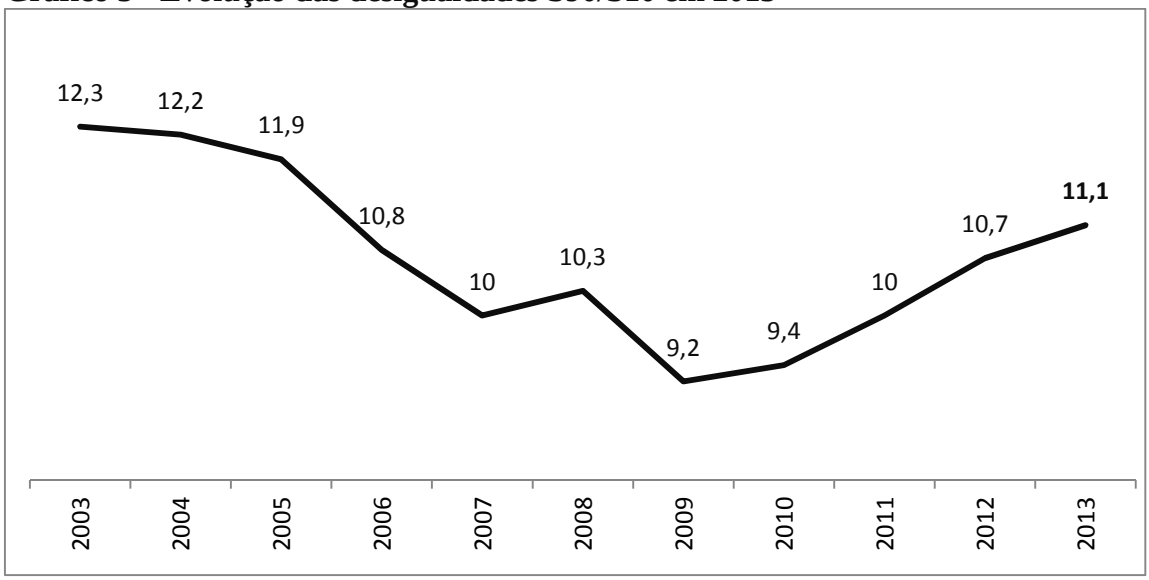
Fonte: INE 2014

Contudo, é importante perceber também a distribuição dos rendimentos pelos estratos sociais, o que permite, dentre outras coisas, analisar os fenómenos de polarização ou a coalizão social. Assim, o indicador S90/S10 faz uma comparação entre os 10% das pessoas com maior rendimento, e os 10% das pessoas com menor rendimento, ou seja, trata-se de um rácio que permite saber quantas vezes o decil do topo da pirâmide social recebe mais rendimentos que o decil da base.

Observando o gráfico 3, abaixo, podemos dizer, que as desigualdades em Portugal têm crescido desde o surgimento da crise. Assim, após 6 anos de diminuição lenta e gradativa das desigualdades desde 2003 até, sensivelmente 2009, as desigualdades têm vindo a aumentar desde então em Portugal. Ainda, podemos

verificar, que em 2013 “os 10% mais ricos da população auferiam um rendimento 11,1 vezes superior ao dos 10% mais pobres – em relação a 2012, houve um aumentou 0,4 pontos percentuais. Portugal não atingia um valor tão elevado neste indicador desde 2005” (Observatório das Desigualdades, 2015). Isso ilustra bem a intensidade da desigualdade em Portugal, e mostra, também uma tendência para o fenómeno da polarização social.

Gráfico 3 - Evolução das desigualdades S90/S10 em 2013



Fonte: INE 2014

2.3 Risco de pobreza relativa[3]

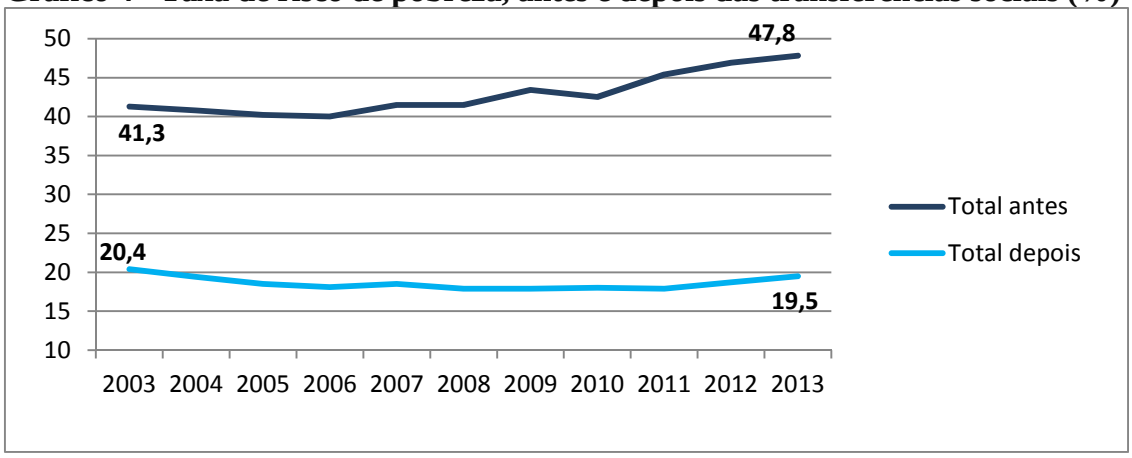
A taxa de desemprego reflete, diretamente, na variação da taxa de risco de pobreza, a qual poderá ser colmatada pelos apoios sociais do Estado.

O gráfico 4 abaixo, compara, sincronicamente, o risco de pobreza dos portugueses antes e depois das transferências sociais. Assim, no ano de 2003 a taxa de risco passa de 41,3%, antes das transferências, para 20,4% depois das transferências. Ou seja, praticamente, o risco de pobreza cai para a metade após as prestações sociais. Em 2013 o impacto das transferências na diminuição do risco de pobreza é ainda maior, passando de 47,8% (antes) para 19,5% (depois). Como podemos observar, as transferências sociais em Portugal são um fortíssimo mecanismo de diminuição das desigualdades. Mesmo assim, apesar de ocorrer uma variação considerável na diminuição do risco de pobreza, a sociedade portuguesa apresente uma taxa muito

[3] Adotamos o conceito de pobreza relativa, no qual o limiar de risco de pobreza corresponde a 60% do rendimento nacional mediano por adulto equivalente.

elevada, ou seja quase um quinto da população está em risco de ficar pobre, apesar dos apoios sociais do Estado português.

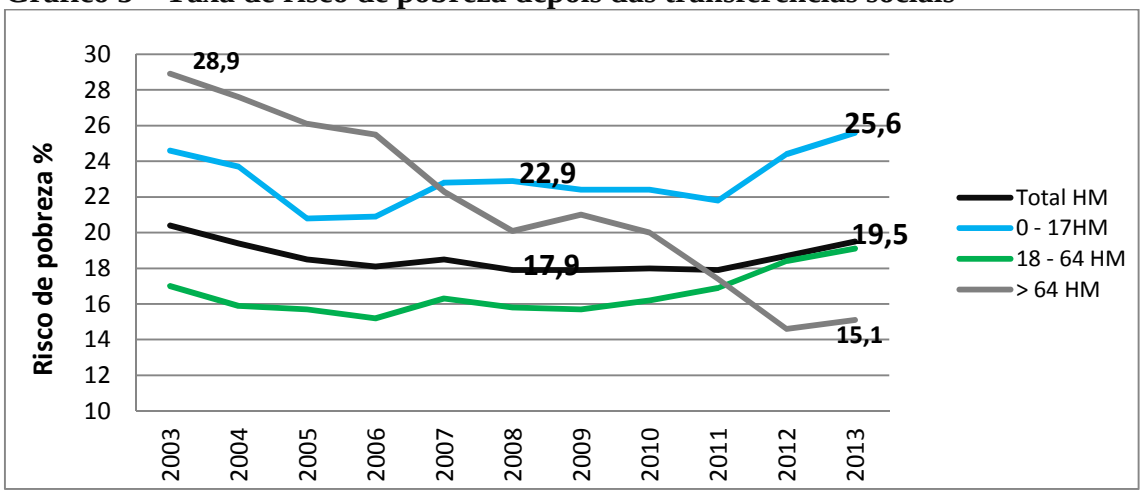
Gráfico 4 - Taxa de risco de pobreza, antes e depois das transferências sociais (%)



Fonte: INE 2014

De forma diacrónica, no gráfico 5 abaixo, podemos verificar a evolução do número de pessoas em risco de pobreza após as transferências sociais[4]. Assim, passa de 17,9% (início da crise) em 2008 para 19,5% do total da população em 2013. O que corresponde, a quase um quinto da população portuguesa abaixo do limiar de pobreza. Sendo que a população abaixo dos 18 anos, no mesmo espaço de tempo, sobe de 22,9 para de 25, 6%, ou seja, um em cada quatro carenciados em Portugal, uma é menor de 18 anos.

Gráfico 5 – Taxa de risco de pobreza depois das transferências sociais



[4] As transferências sociais estão associadas a seis grandes categorias de riscos de pobreza: 1) velhice e sobrevivência (pensões de reforma, de dependência, etc.); 2) saúde (dependência total ou parcial devido a doença; invalidez; acidentes de trabalho; doenças profissionais); 3) maternidade / família (prestações ligadas à maternidade; contribuições familiares; ajuda à educação e cuidado com as crianças); 4) desemprego (indemnizações; apoios à inserção ou reinserção profissional); 5) dificuldades de habitação (apoios à habitação); 6) pobreza e exclusão social (rendimentos mínimos de inserção).

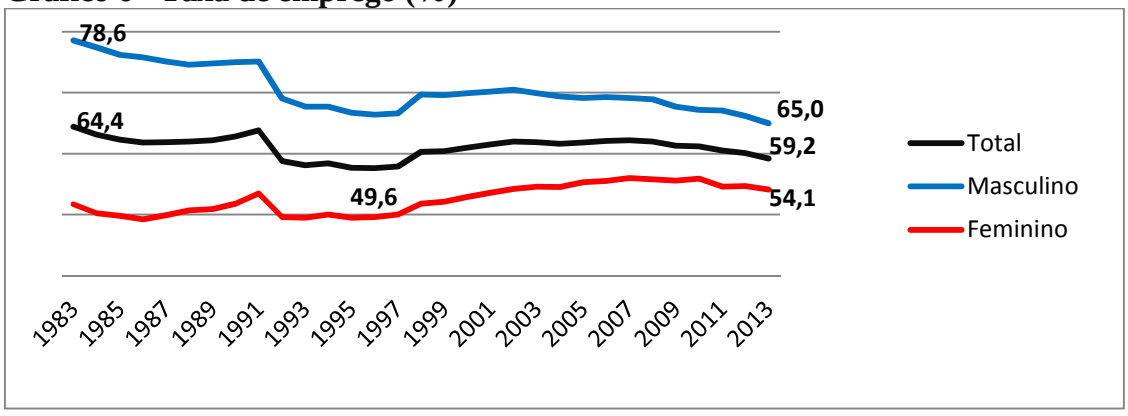
Fonte INE 2014

Por sua vez, vemos que o risco de pobreza atinge sobretudo o grupo das mulheres. A taxa cresce de 18,4% em 2008 para 19,5% em 2013. Tendo uma variação de 1,1%, o que mostra uma tendência para a feminização da pobreza. Por outro lado, constatamos ainda, uma acentuada diminuição da taxa de risco de pobreza dos idosos, após os apoios sociais, o que pode ser explicado pelas políticas de mínimos sociais, implementadas pelo Estado português. Como sabemos, uma parte dos idosos nunca descontou para a Segurança Social. A proteção desta faixa etária é, segundo Lopes, uma característica do *Welfare State* dos países do sul da Europa. (Lopes, conferência 24/04/2015). Assim, desde a implantação do sistema de prevenção social, que os idosos têm sido alvo de uma seletividade positiva, que lhes proporciona uma maior cobertura. (Lopes, 2015). Isso tem permitido retirá-los dos grupos mais expostos à pobreza.

Contrariamente aos idosos, os jovens passaram a ter uma exposição a pobreza muito maior. Este fato é mais preocupante, porque tem riscos acrescidos, uma vez que pode dar origem a uma população desqualificada, principalmente vitimada por fenómenos como o insucesso escolar.

2.4 Emprego

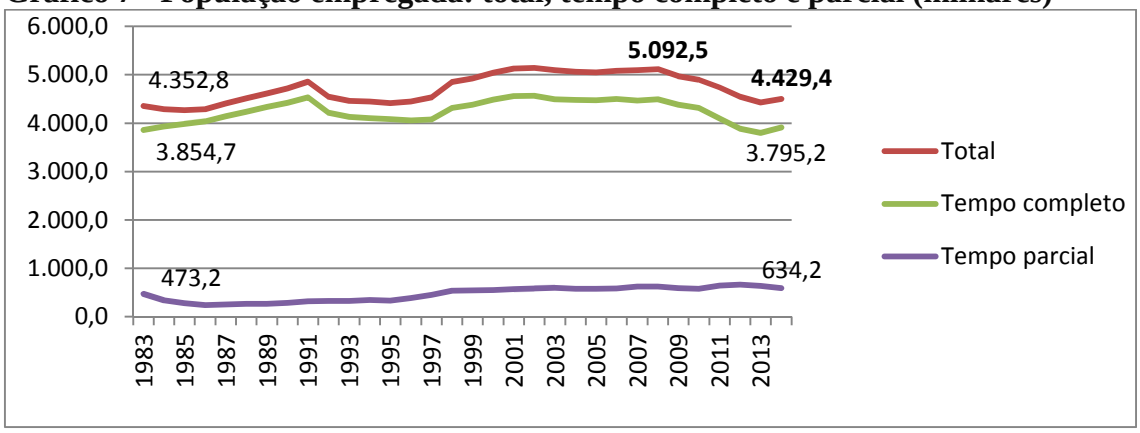
Gráfico 6 - Taxa de emprego (%)



Fonte: Pordata 2014

O gráfico 6, acima, nos mostra que no geral há uma tendência para a diminuição da taxa de emprego em Portugal, contudo é de se realçar a subida da taxa de emprego feminina de 49,6% em 1996 para 54,1% em 2013, o que contrasta com o aumento do risco de pobreza deste grupo, sugerindo que o aumento do emprego feminino poderá estar localizado, sobretudo, na faixa dos empregos precários.

Gráfico 7 - População empregada: total, tempo completo e parcial (milhares)



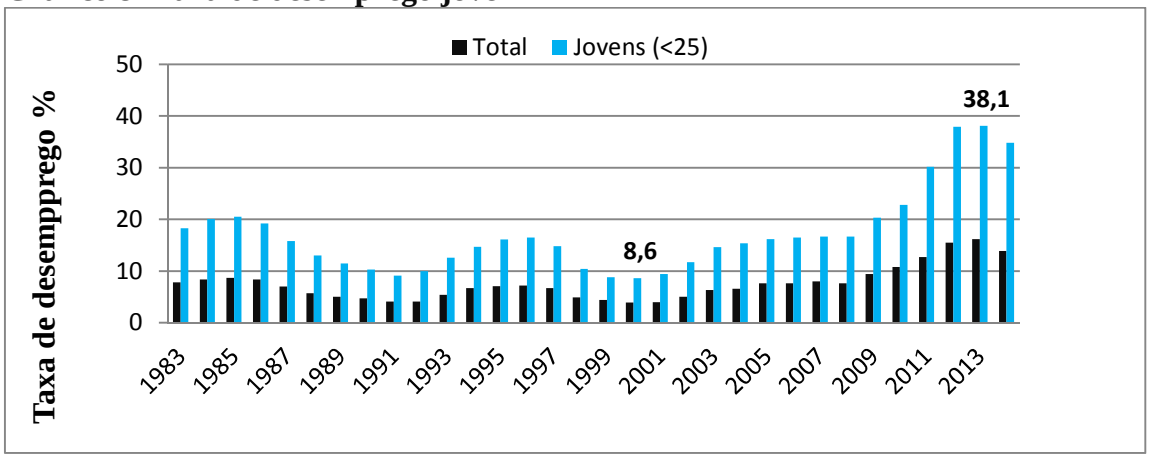
Fonte: Pordata 2014

De qualquer forma, a população portuguesa perdeu mais de 500 mil empregos em 2013, (ver gráfico 7, acima). Isto significou uma redução de 10,7% nos números do emprego.

2.5 Desemprego jovem

O gráfico 8, abaixo, nos mostra que a taxa de desemprego jovem, que estava em 8,6%, em 2000, vai para 38,1% em 2013. Embora, esta taxa tenha sofrido um recuo de cerca de 3,3 pontos percentuais de 2013 para 2014, o nível desemprego jovem em Portugal mantem-se bastante elevado.

Gráfico 8 -Taxa de desemprego jovem

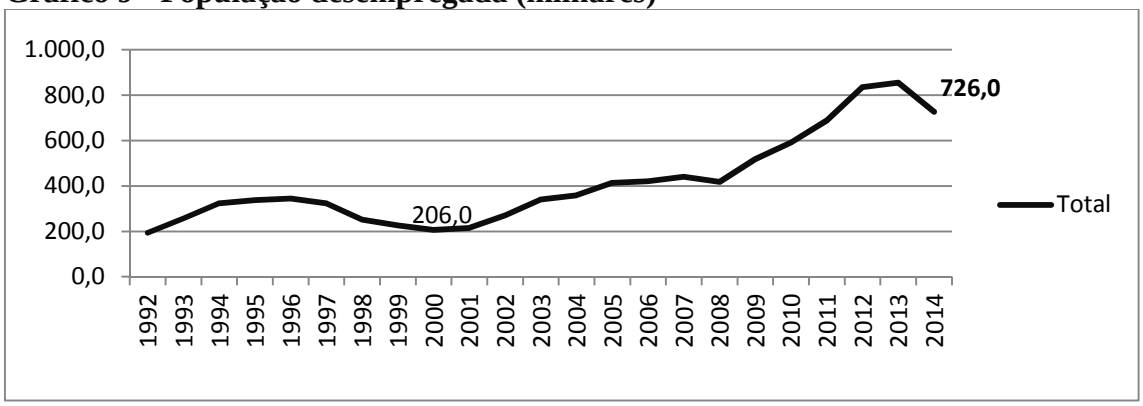


Fonte: Pordata 2014

Dessa forma, para além de constatarmos o aumento gradativo da taxa de desemprego em Portugal, percebemos também um aumento gradativo do impacto que o apoio social tem na diminuição do risco de pobreza. Assim, a taxa de risco de pobreza em 2003 desce de 41,3% (sem apoio) para 35, 2% (com o apoio), sofrendo um recuo do risco de 6,1 %. Ao passo que, o risco de pobreza em 2013 desce de 48,8 % (sem apoio), para 23,1% (com apoio), tendo um recuo de 25,7%. O que evidencia um crescimento

significativo das transferências sociais, ou seja um crescimento do Estado Social que refletiu na diminuição da pobreza em Portugal, evidenciando, também o papel chave do Estado na diminuição dos impactos provocados pelas altas taxas de desemprego.

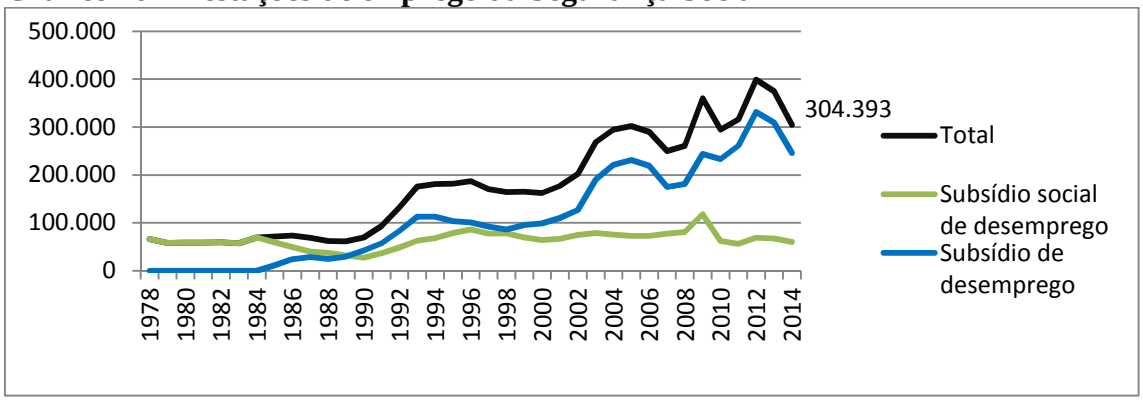
Gráfico 9 - População desempregada (milhares)



Fonte: Pordata

Contudo, podemos observar no gráfico 9, acima, que em 2014, Portugal possuía 726 mil desempregados, sendo que, destes, menos da metade recebia prestações da Segurança Social[5], como podemos ver no gráfico 10, abaixo. O que significa que apesar do volume de transferências sociais ter aumentado significativamente nos últimos anos, o número de desempregados desprotegidos aumentou perto de duas vezes mais, o que configura um dado negativo para o país, uma vez que reflete o desmantelamento do Estado Social português.

Gráfico 10 -Prestações de emprego da Segurança Social

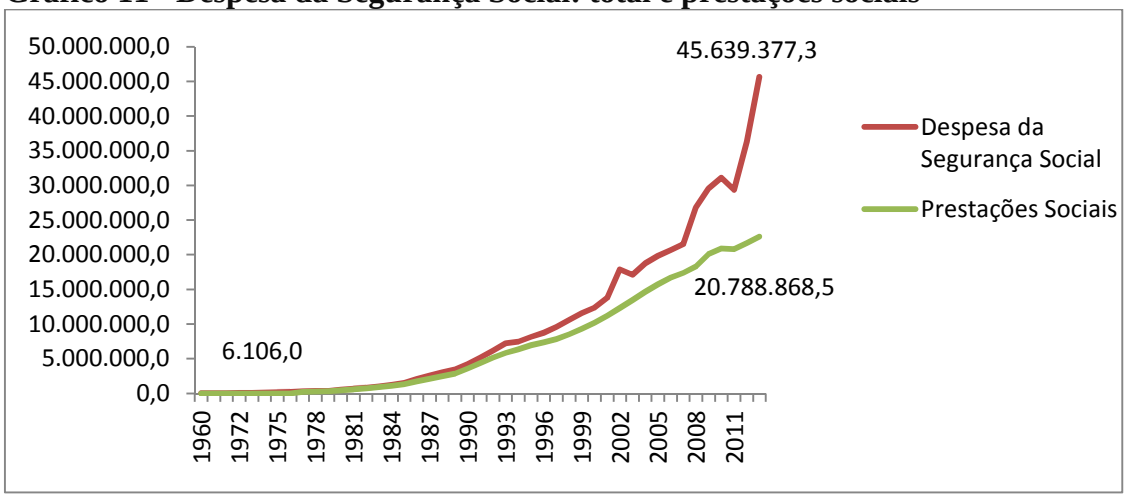


Fonte: Pordata 2015

[5] [5] O subsídio social de desemprego é o montante compensatório atribuído pela segurança social aos desempregados com baixo rendimento familiar e que não podem aceder ao subsídio de desemprego, ao passo que subsídio de desemprego é o montante compensatório atribuído pela segurança social durante um número limitado de meses enquanto o trabalhador que perdeu o seu emprego procura um novo trabalho.

O gráfico 11, abaixo, confirma este retrocesso das despesas do Estado relativamente às prestações sociais. Ou seja, a partir da crise de 2008, essas prestações sociais foram sofrendo um recuo gradativo, justamente, quando deveriam ser incrementadas, o que configura uma situação contracíclica. Isto porque, seria mais lógico que as transferências sociais acompanhassem o crescimento da taxa de desemprego. Mas pelo contrário, o que aconteceu foi um enfraquecimento das redes de apoio sociais do Estado. Agravando, ainda mais, os efeitos causados pelo aumento da taxa de desemprego.

Gráfico 11 - Despesa da Segurança Social: total e prestações sociais



Fonte: Pordata 2014

No entanto, podemos observar ainda, que as despesas da Segurança Social não deixaram de crescer em Portugal.

Um estudo do Observatório sobre Crises e Alternativas intitulado "Protecção social, terceiro sector e equipamentos sociais: Que modelo para Portugal?" acerca das políticas sociais mais recentes, assinado pela economista Cláudia Joaquim, confirma a nossa análise, referindo que ocorreu uma “diminuição da proteção social nomeadamente nas componentes de solidariedade e proteção familiar. Ao contrário do que seria expectável num período de aumento de desemprego e de diminuição dos rendimentos líquidos das famílias, as prestações sociais de combate à pobreza mais severa foram sujeitas a alterações legislativas para que o seu acesso fosse mais restrito, tendo como consequência a diminuição dos seus beneficiários, a redução ou o congelamento do valor das prestações e o agravamento do risco de pobreza em Portugal.” (Joaquim, 2015, p. 69). Assim, Cláudia Joaquim defende que “houve claramente uma aposta nesta área, com uma evidente canalização de recursos públicos das prestações sociais de

combate à pobreza para medidas com um forte pendor caritativo.” (idem). O que reflete na diminuição do Estado Social, uma vez que há uma transferência das competências do Estado português para o terceiro setor.

Capítulo 3 - Metodologia de investigação

> *"A decisão geral [de uma pesquisa] envolve qual projeto deve ser utilizado para se estudar um tópico. A informação dessa decisão deveria refletir as concepções que o pesquisador traz para o estudo, os procedimentos da investigação (chamados de estratégias) e os métodos específicos de coleta e de análise e interpretação dos dados. A seleção de um projeto de pesquisa é também baseada na natureza do problema ou na questão de pesquisa que está sendo tratada, nas experiencias pessoais dos pesquisadores e no público ao qual o estudo se dirige." (Creswell, 2009, p. 25)*

Neste estudo intensivo, vamos trabalhar um grupo de pessoas atingidas pelo fenómeno da nova pobreza para responder as seguintes questões de partida: a) Quais são os processos sociais que nos permitem entender a transição de uma situação social estável para categorias de nova pobreza? b) Quais são as sequências, as etapas e os processos que estão por trás de uma carreira de novo pobre?

Queremos compreender, com isso, o sentido que estas pessoas dão às suas próprias dificuldades e etapas de adaptação a uma nova realidade. Defendemos, por um lado, que um melhor entendimento deste fenómeno poderia permitir, às próprias pessoas atingidas, o desenvolvimento de melhores estratégias para uma adaptação menos penosa ao novo contexto de precariedade, podendo diminuir ou mesmo evitar processo de exclusão social. Por outro lado, permitiria também às instituições e decisores políticos, a criação de programas sociais de apoio mais adequados aos novos pobres, uma vez que, estes programas seriam baseados em uma perspetiva mais bem informada.

O fenómeno da nova pobreza surgiu na década de 1970 com a crise petrolífera mundial, afetando os países mais desenvolvidos do mundo. Esta crise teve como consequência a emersão de novas políticas neoliberais que recorreram "às novas tecnologias, à desregulamentação do mercado, às privatizações" (Rodrigues, 2010, p. 27), levando ao aumento da precarização das condições trabalhistas, gerando desemprego, ou situações de emprego precário. Estas mudanças não afetaram apenas os que já faziam parte da conhecida pobreza tradicional, como também, aqueles que sempre tiveram uma situação estável.

Parece-nos importante compreender de que forma as pessoas vivenciam este processo de transformação, como se adaptam, ou não, ao novo contexto e às novas práticas sociais, levando em conta que, poderá haver um desajuste entre as estruturas

incorporadas durante uma situação de vida estável passada e as novas práticas sociais de um presente instável e precário (Caria, 2002, pp. 135-143). Este desajuste poderá tornar ainda mais complicada a vida dessas pessoas, uma vez que ainda não possuem respostas em termos de regras para o novo contexto.

O nosso projeto de investigação vai seguir um conjunto de etapas normalmente utilizado num processo metodológico. Dessa forma, após a formulação do problema de pesquisa, da declaração de objetivos, e das questões de partida, vamos entrar numa fase exploratória de recolha e análise das teorias relativas ao nosso objeto de estudo. Depois disso, passaremos a construção dos principais conceitos teóricos para uma melhor compreensão do objeto estruturado no enquadramento teórico. De seguida, vamos elaborar um modelo de análise para se proceder a especificação dos conceitos, das dimensões e dos indicadores da nossa investigação.

Segundo Creswell, a proposta "para conduzir a pesquisa, envolve a intersecção de filosofia, de estratégias de investigação e de métodos específicos." (Creswell, 2009, p. 27).O fenómeno da "nova pobreza" em Portugal é recente. Por esta razão a quantidade de pesquisas realizadas sobre este tema é relativamente pequena. Tal fato justifica a nossa escolha em desenvolver um estudo qualitativo, uma vez que "A pesquisa qualitativa é exploratória e conveniente quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a serem examinadas" (Creswell, 2009, p. 44). Deste modo, vamos seguir uma conceção construtivista, na qual os indivíduos procuram entender o mundo, criando significados subjetivos a partir de suas experiencias.

Assim, procederemos a uma "coleta de dados no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado" (Creswell,2009, p. 208). Neste sentido, faremos uma recolha de informações por múltiplas fontes de dados como: conversas direta (face a face) com as pessoas envolvidas na instituição Coração da Cidade (meio natural); Assim, recorreremos a uma amostra intencional não probabilística, pela qual faremos uma recolha de informações por meio de estudo de caso, através técnica da entrevista que será aplicada pelo próprio investigador aos utentes, colaboradores e voluntários do Coração da Cidade. No caso dos utentes, realizamos retratos sociológicos à maneira de Bernard Lahire, para perceber o percurso, a trajetória dos indivíduos até uma situação de nova pobreza, mediante quatro critérios: i)"trabalhadores precários" que entraram em situação de nova pobreza em virtude dos

baixos rendimentos; ii)“regressados à casa dos pais” por falta de recursos materiais que lhes permitissem uma vida autónoma, iii)“reformados com baixos rendimentos” e vi)“desempregados perto da idade da reforma” que não recebem apoios do estado. Ainda procedemos a observação direta de situações do cotidiano da instituição.

Relativamente aos colaboradores e voluntários do Coração da Cidade, também será feito estudos de caso para um entendimento aprofundado da instituição, mediante três perfis: cargos de direção; novos pobres que colaboram como voluntários, e voluntários propriamente ditos. É importante referir que todos os respondentes estarão protegidos pelo anonimato e devidamente informados acerca dos propósitos do estudo. Por conseguinte, terão seus interesses e direitos sempre salvaguardados no caso de publicação dos dados, assim como seus nomes ou características significantes serão mantidas em confidencialidade. Faremos também uma análise documental, para estudar o organograma da organização, assim como vamos analisar quais os seus papéis, funções, serviços, hierarquias, e ainda os seus objetivos.

Após a recolha dos dados, serão extraídos os sentidos e organizados em categorias ou temas que cobrem todas as fontes de dados. A pesquisa intensiva é tendencialmente indutiva porque permite a criação de padrões, categorias e temas próprios “organizando os dados em unidades de informações cada vez mais abstratas” (Creswell, 2009, pp. 208/9).

3.1 Fases da investigação

Todo trabalho de investigação deve seguir três princípios básicos denominados atos do procedimento científico. São eles: a rutura; a construção; e a verificação ou experimentação. (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 25). Dessa forma, nossa primeiro passo “consiste precisamente em romper com os preconceitos e as falsas evidências” do senso comum (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 26). Trata-se de uma fase exploratória, na qual faremos as operações de leitura dos principais autores na área da pobreza e exclusão social, para assegurar a qualidade da problematização, assim como vamos realizar entrevistas exploratórias que nos permitirão ter uma primeira aproximação à realidade vivida pelos atores sociais da organização portuense de solidariedade Coração da Cidade. Todo este ato de rutura será modulado pelas nossas perguntas de partida que incidem sobre os processos sociais necessários para entender a transição de uma

situação socioeconómica estável para as situações de nova pobreza; e sobre as sequências, as etapas e os processos que estão por trás de uma carreira de novo pobre. Além disso, e ainda dentro da fase exploratória, vamos fazer uma análise documental.

Em seguida, entraremos numa etapa charneira entre o ato de rutura e o ato da construção para "precisarmos as grandes orientações da investigação e definirmos uma problemática relacionada com a pergunta de partida" (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 89), ou seja vamos adotar uma perspetiva teórica para tratar o problema colocado pelas perguntas de partida. Dessa forma, com o alargamento da perspetiva da análise será possível encontrar uma maneira mais aproximada para abordar o problema, por meio de uma problemática apropriada (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 89). Com a elaboração da problemática, entramos no segundo ato do procedimento – a construção. Nele vamos proceder a criação de um modelo de análise que "permitirá estudar de forma precisa os fenómenos concretos" (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 109). O modelo análise torna possível a condução de um trabalho sistémico de recolha e análise dos dados de observação. Dessa forma, o modelo de análise "Constitui a charneira entre a problemática fixada pelo investigador, por um lado, e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso, por outro." (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 109)

Após a formulação do modelo de análise, entraremos na fase da observação que pertence ao último ato de procedimento da nossa investigação, o ato da verificação. Nele, vamos submeter o nosso modelo de análise ao teste dos fatos e confrontá-lo com os dados observáveis. (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 155). Após a recolha de dados vamos proceder a uma a análise, no sentido de encontrar os dados pertinentes para testarmos as nossas hipóteses sobre a relação entre esquemas mentais passado e um novo contexto, e a relação entre a nova pobreza e os seus processos de adaptação com o objetivo de compreender as etapas de entrada em situações de nova pobreza.

Entrando numa fase de análise das informações, nosso estudo vai proceder a uma análise de conteúdo das entrevistas semidiretivas cujas informações e testemunhos serão tratados de forma metódica. Esta análise é adequada para estudar "o estudo do não dito, do implícito." (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 230). Por outro lado, esta análise dificilmente é generalizável, "dado que os limites e os problemas colocados por estes

métodos variam muito de um para outro." (Quivy; Campenhoudt, 2013, p. 231). De modo que as diferentes variantes não são equivalentes ou intermutáveis.

Por fim, chegamos à fase das conclusões. Nela, faremos uma revisão das grandes linhas do procedimento da nossa investigação e uma exposição das possíveis contribuições da nossa pesquisa, para um melhor entendimento do fenómeno da nova pobreza em Portugal.

3.2 Observação etnográfica

Apesar de não estar inicialmente no projeto de investigação, optamos também por realizar, para além do registo analítico e das entrevistas, um terceiro registo de observação direta, dirigido ao mercado social e ainda ao apoio social do Coração da Cidade, onde observaremos os processos de seleção, dos novos pobres, para os programas da instituição. Os resultados de algumas dessas observações foram transformados em "caixas de observação", e introduzidos no capítulo 4, referente à caracterização do Coração da Cidade, com o intuito de mostrar o *modus operandi* da instituição, através de um ponto vista mais informal do investigador.

Capítulo 4 - O Coração da Cidade

Neste capítulo, faremos uma apresentação do Coração da Cidade. Desde o seu surgimento, ao conhecimento dos cantos da casa, assim como do percurso, programas, e respetivos públicos-alvo. Ainda, faremos referência à forma de combate a pobreza, e ideologia da organização. Finalmente, abordaremos alguns pontos de conflitos, problemas e questões não resolvidas. Tudo isso será realizado, por meio de análise documental (a partir de material cedido pela instituição), assim como, pela análise de entrevistas semidiretivas (dirigidas aos cargos de direção) e observação direta feitas na instituição.

4.1 O Nascimento

O Coração da Cidade surge no Porto, no ano de 1996, na rua do Almada. A sua presidente, Lassalete Piedade Santos, foi a responsável pelo seu aparecimento. Numa entrevista concedida em 12 de março de 2015, Lassalete autodenomina-se "fundadora e dinamizadora" da instituição que preside desde o início. Contudo, refere também que a ideia da criação da organização não foi sua, mas foi-lhe transmitida por entidades espirituais:

"A espiritualidade pede-nos que nós possamos abrir no Porto um espaço. Um restaurante (é mesmo assim que eles falam) a que daríamos o nome Coração da Cidade, e que iria firmar-se na cidade para emprestar dignidade à pobreza […] Portanto, nós, no Coração da Cidade fizemos esse investimento, é assim que ele nasce em 96, no dia 10 de agosto, pelas quinze horas. A espiritualidade veio realmente ter connosco…. E é assim que o Coração da Cidade nasce." (Lassalete Piedade, presidente)

4.2 O Espaço Físico

Atualmente, a instituição está instalada na movimentada rua Antero de Quental nº 806, numa casa de três pisos de, aproximadamente, 900 metros quadrados de área habitável. No rés do chão existe um hall de entrada, uma "Sala de Separação", uma "Sala de Reposição", o mercado "Espaços do Coração", também chamado de "Mesa Farta", um refeitório, um vestuário masculino, e uma casa de banho. Ainda neste nível, nos fundos, por fora da casa, naquilo que outrora deveria ter sido uma garagem e anexos, estão uma sala para refrigeração, uma cozinha, e uma lavandaria, onde também

existe um vestuário feminino. Na parte de cima da casa, está a administração: a sala do apoio social, da secretaria e da presidência.

Por desejo da presidente, o Coração da Cidade possui apenas uma única porta de entrada e saída, evitando, tanto quanto possível, a discriminação logo à entrada de todos os que se dirigem ao Coração da Cidade:

"Eu decidi fechar aquela porta [dos funcionários e visitantes] … Então [por] aquela [única] porta entra toda a gente. Entra a diretora, entra o que pede, entra os administrativos. Entra toda gente. Quem vem dar e quem vem receber. Portanto quando se entra, não se sabe o que que a pessoa vem aqui fazer. E depois sentamos e vamos resolver o nosso assunto." (Lassalete Piedade, presidente)

Esta entrada única, dá para uma espécie de hall, que funciona também como sala de espera, com bancos de pedra e cadeiras pretas de metal. Há quadros nas paredes, que tornam o ambiente mais aconchegante. Junto à entrada, está um vistoso aquário, com peixes coloridos de água quente, que hipnotizam os olhos, tanto de quem entra, como de quem já está a espera de ser atendido. Um relógio inglês, antigo e avariado, de estação ferroviária, transmite uma sensação de esperança, mesmo que ninguém aparentemente se importe com a imobilidade dos seus ponteiros.

Junto à entrada, ao lado direito de quem entra, a um nível mais baixo, encontramos a "Sala da Separação", que consiste no espaço onde são selecionados todos os alimentos que chegam ao Coração da Cidade, doados por algumas das principais cadeias de supermercados do distrito do Porto. Ou seja, nesta sala faz-se a triagem e pesagem dos diversos produtos. Os alimentos que são considerados impróprios para o consumo humano são separados e encaminhados para a Sociedade Protetora dos Animais, ao passo que os alimentos que passam no "controle de qualidade" são encaminhados para a "Sala da Reposição", onde os produtos catalogados ficam armazenados à espera de reabastecerem as prateleiras do mercado que serve os programas Vidas em Risco e Mesa Farta.

Junto a este mercado está o refeitório dos voluntários, uma casa de banho para uso interno e um vestuário masculino com os respetivos cacifos. Adjacente à "Sala de

Reposição" há um compartimento onde funciona o "Mercadinho Social"[6], no qual os voluntários podem comprar produtos a preços mais baixos. Ainda, entre o hall de entrada e o mercado Mesa Farta, existe uma casa de banho para os utentes. Nos fundos do terreno, na ex-garagem, está uma sala com uma arca congeladora e duas arcas de frio. Adjacente à sala das arcas, está a cozinha que confeciona refeições, tanto para os voluntários da organização, como também para o serviço de *take away*, destinado aos utentes. A seguir a cozinha, está a lavandaria para serviços internos, que funciona também como vestuário feminino para as voluntárias.

No 1º andar da casa está a secretaria, onde trabalham a secretária da presidente Ana do Céu; o responsável pelos recursos humanos Armando Santos e a tesoureira Maria José. Na sala ao lado, fica o apoio social onde trabalham a Dra. Luiza, que seleciona os utentes que recorrem ao coração da Cidade, juntamente com o contabilista Ângelo. No mesmo nível existe uma farmácia. Finalmente, no 2º andar situa-se a sala da presidente Lassalete Piedade. Todos os elementos da direção e administração desta organização são voluntários.

4.3 O percurso

O Coração da Cidade é o departamento de ação social da Associação Migalhas de Amor – Grupo Espírita de Fraternidade Cristã (AMA), registada no ano 2000, NIPC[7]-504204670, com sede na Rua de Antero de Quental nº 806. Ligadas ao departamento de ação social, existem 5 lojas sociais, que vendem, a baixos preços, móveis, vestuário, calçados, e brinquedos, doados à instituição. Destas lojas que apoiam os programas do Coração da Cidade, três estão localizadas no Porto (Rua de São Dinis, Santa Catarina e Heroísmo) e as outras duas estão em Água Santas e em Passos Ferreira, onde há também um centro espírita chamado "Complô de Paços de Amor" que faz parte da Associação Migalhas de Amor.

"Associação Migalhas de Amor é de fato uma organização espírita que tem por base […] a ação da caridade no jeito e no intuito cristão. Contudo é um movimento ecuménico […] É por isso que geralmente as pessoas que colaboram no AMA são, todas, voluntárias também do Coração da Cidade." (Amadeu Santos, vice-presidente)

[6] O "Mercadinho Social" serve apenas os voluntários do Coração da Cidade. Não devendo ser confundido com o "Mercado Social" que serve os utentes da instituição.
[7] NIPC - número de identificação de pessoa coletiva.

Desta forma, segundo Amadeu Santos, há uma forte relação entre a Associação Migalhas de Amor e o Coração da Cidade. " *O Coração da Cidade trata do corpo e trata tudo que seja apoio material, a Associação Migalhas de Amor trata da alma"*. Contudo, percebemos uma grande preocupação da organização em frisar o seu carater ecuménico. *"O espiritismo não é uma religião. Como não é uma religião … toda gente tem cabimento."* (Amadeu Santos, vice-presidente)

Quadro 1 - Legenda

SA	Sem-abrigo
TX	Toxicodependente
IPPLE	Imigrante proveniente dos países do leste da europa
D	Desempregado
DCD	Desempregado de curta duração
IC	Idoso carenciado
FC	Família carenciada
TP	Trabalhador precário
RC	Reformado Carenciado
DCFD	Desempregado Carenciado no Fundo de Desemprego

Quadro 2 - Evolução dos públicos: dos sem-abrigos aos novos pobres

Ano	Acontecimento	Beneficiários
1996	Nasce o Coração da Cidade na Rua Almada	
1997	Começa a servir refeições diárias	SA
1998	Amplia o apoio ao distrito do Porto	SA
1999	Entram os toxicodependentes	SA; TX
2000	Entram os imigrantes de Leste	SA; TX; IPPLE
2001	São servidas diariamente 875 refeições	SA; TX; IPPLE
2003	Novas instalações na Rua Antero de Quental Entram os desempregados e idosos	SA; TX; IPPLE; DC; IC
2004	São apoiadas 500 famílias carenciadas Campanha alimentar "SOBRAS"	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2005	Ano da Humanização Programa Banco Alimentar da Família	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2006	Programa VER, vidas em risco	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2007	Abertura do mercado no qual horas de trabalho comunitário são trocadas por bens essenciais Lojas de vendas social para ajudar as famílias a pagar as contas de água, luz e aluguel.	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2008	Livraria AMA - abre livraria de venda solidária CEIRAS – Centro especiais de recursos e apoio social - apoiam às mães Voluntários AVE – entrega de alimentos a domicílio	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2009	Programa SE - Socialmente Educados, para indivíduos sem família. Alojamentos temporários chamados	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA

	"trampolim" Programa Aresta – apoio de recursos espiritual e social com tratamento acompanhado	
2010	Programa POPH – melhoria de vida e de conhecimento	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2011	Programa GIF – acompanhamento individual das pessoas sem apoio	SA; TX; IPPLE; DC; IC; FA
2012	Programa SER socorro em rede – ajuda alimentar para a classe média e classe alta Fim da ajuda aos sem-abrigos Abertura do serviço de Take Away Programa Oficinas de Amor – ajuda aos necessitados que fazem trabalhos manuais	FC; RC; TP; DCFD (Fim do apoio aos sem-abrigos e beneficiários do RSI) Mudança de critérios de seleção
2013	Migalhas de Amor - apoios para Take Away Mesa Farta – ajuda alimentar	FC; RC; TP; DCFD (início da ajuda aos novos pobres)

Inicialmente (1996), o Coração da Cidade estava vocacionado para combater a pobreza extrema na cidade do Porto, ou seja, dava apoio àquelas pessoas cuja insuficiência de recursos não lhes permitia suprir as suas necessidades básicas como alimentação, vestuário, calçado e habitação. Nesse sentido, os sem-abrigos foram os primeiros utentes do Coração da Cidade.

Contudo, o Coração da Cidade não se coaduna com a ideia de alimentar os sem-abrigos na rua. "*Para além de ser uma falta de dignidade total,…até é um ato humilhante."* (Amadeu Santos). Isto, de certa forma, já evidenciava, por parte da instituição, um posicionamento que se afastava de um modelo meramente caritativo. Há uma vontade de retirar as pessoas da passividade em que se encontram, e de mudar as suas atitudes em relação às suas próprias dificuldades:

"*Por que, que motivo têm eles para sair da situação onde estão, quando na rua, no sítio onde estão, vão-lhes lá dar de tudo? Que motivos têm eles para mudar, para sair daquela situação? Não têm motivos absolutamente nenhuns. Ora isso é, então, não resolver coisa nenhuma* […] *Então, nós partilhamos muito o princípio de Confúcio: «se vires alguém com fome a beira do rio, dá-lhe duas iscas e simultaneamente ensina-o a pescar». Este é o princípio do Coração da Cidade."* (Amadeu Santos, vice-presidente).

Esta vontade de "retirar as pessoas da rua" está patente também nas palavras da presidente do Coração da Cidade: "*Nós viemos não para fazer caridade, mas para fazer humanização."* (Lassalete Piedade, presidente).

Consequentemente, neste mesmo ano de 1997, na rua do Almada, *“ [foi criado] um primeiro restaurante na cidade do Porto, para que eles [os sem-abrigos] pudessem, primeiro, com dignidade, comer dentro de uma casa.”*. (Amadeu Santos, vice-presidente)

No ano seguinte, 1998, o Coração da Cidade expande o seu raio de ação para o distrito do Porto. Em 1999, começam a servir refeições aos toxicodependentes encaminhados pela Segurança Social. Em 2000, começam a apoiar também os imigrantes provenientes de países do leste europeu. Em 2001 uma média de 875 carenciados vão jantar todos os dias as instalações da instituição.

Em 2003, começam a apoiar os desempregados e os idosos carenciados. Neste mesmo ano, a organização muda suas instalações para a rua Antero de Quental nº806.

Em 2004, o Coração da Cidade começa a receber as famílias carenciadas atingida pelo desemprego. No início deste ano, a Segurança Social encaminhou 500 famílias para o Coração da Cidade. Em setembro do mesmo ano o Coração da Cidade já ajudava 2000 pessoas. Sendo que, já havia no distrito do Porto 6500 famílias registadas, a precisar de auxílio alimentar.

De 2004 até 2012, o Coração da Cidade atendia indiscriminadamente os sem-abrigo, toxicodependentes, imigrantes provenientes do leste europeu, desempregados carenciados, idosos carenciados e famílias carenciadas.

A partir de 2012, por uma questão de adequação à uma nova realidade social, o Coração da Cidade viu-se forçado a mudar o perfil do seu público-alvo, no sentido de tornar mais eficiente e sustentáveis os diversos apoios oferecidos pela instituição.

Um dos motivos desta mudança está relacionado com o aumento do número de instituições vocacionadas para ajudar os sem-abrigo no distrito do Porto, levando a um subaproveitamento dos recursos das instituições, uma vez que os sem-abrigos e toxicodependentes acabavam por recorrer a mais de uma instituição, desperdiçando, assim, recursos que poderiam ser canalizados para outros tipos de carenciados.

“Como, entretanto, nestes dezasseis ou dezassete anos apareceram mais quinze associações na cidade do Porto, todas a dar apoio ao sem-abrigo, então, em

conversação coma a Segurança Social, nós paramos com os apoios ao sem-abrigos". (Amadeu Santos, vice-presidente)

Por outro lado, o aumento exponencial de pessoas carenciadas com o Rendimento Social de Inserção tornava-se inviável o apoio a este grupo por parte do Coração da Cidade.

"*Nosso projeto não abrange [mais as pessoa com] rendimento mínimo […] os rendimentos mínimos, nós não temos condições de os ter cá. Eles […] são muitos"*. (Ana do Céu, secretária)

Contudo, esta mudança é vista como injusta por muitos candidatos que não são selecionados pela instituição. A caixa abaixo exemplifica uma destas difíceis situações com uma carenciada que perdeu o direito ao programa Vidas em Risco.

Caixa de observação 1 - "O caso Dália"

Observação realizada no Coração da Cidade em 02/04/2015.

Dália tem 30 anos e vive em Vila Nova de Gaia. Chegou ao Coração da Cidade por volta das 10:30 da manhã e trazia sua filha de pouco mais de um ano, num carrinho de bebé. Tinha um ar preocupado. Dirigiu-se ao Sr. Almeida (um voluntário carenciado destacado para encaminhar as pessoas ao apoio social) para por seu nome na lista de espera. Teria que esperar pelo menos uma hora para ser atendida. Havia 7 pessoas à sua frente. Seu bebé estava irrequieto, quanto mais ela tentava acalmá-lo, mais agitado ele ficava. Mas isto não parecia afetar as pessoas à volta, que aguardavam tranquilamente a sua vez de ser atendidas no mercado social.

Uma hora depois (11:30), Dália e sua filha já estavam na sala do apoio social. Sentou-se numa cadeira, por detrás de um armário colocado estrategicamente para garantir um mínimo de privacidade àquelas pessoas que supostamente teriam que expor as suas "misérias", na esperança de conseguir a ajuda da instituição. Dália entregou o seu cartão do Coração da Cidade, que lhe dava o direito de frequentar o mercado da Mesa Farta. Dra. Luiza, uma das responsáveis pelo apoio social, verificou que Dália estava suspensa do programa. Motivo: Dália esteve três meses sem aparecer no Coração da Cidade, sem dar qualquer justificação. Iniciou-se uma conversa onde Dra. Luiza explica os motivos pelos quais Dália perdera o direito ao programa VER.

Dra. Luiza - As pessoas que não vêm é porque não têm grandes necessidades. As pessoas que têm necessidades vêm. Nós temos uma lista grande de pessoas a espera para entrar.

Dália - Eu tenho um bebé, o problema é que eu venho cá e as pessoas começam a implicar comigo porque eu tenho um bebé, não posso entrar no supermercado. E tal…e eu fico com receio.

Dra. Luiza – Prontos, a senhora deixou de vir, e não disse nada. Deixa passar três meses e hoje vem

aqui novamente. Não dá... Vamos ver os porquês da senhora não vir. É porque tem uma bebé?

Dália - Sim

Dra. Luiza – E a partir de agora não tem a bebé?

Dália - Ela já está frequentando o infantário

Dra. Luiza - Então hora bem, quer dizer, também a sua necessidade não é assim muita, muita, muita… porque se a senhora tivesse muita necessidade …, a senhora arranjava uma maneira de vir.

Dália – Eu não tenho ninguém para deixar o bebé. Eu vinha cá, as pessoas implicavam comigo porque eu trazia o bebé.

Dra. Luiza - Quais os rendimentos que a senhora tem?

Dália - Eu estou a receber o RSI.

Dra. Luiza - Mas o que estava a receber quando fez a inscrição?

Dália – nada.

Dra. Luiza - A senhora tem que se dirigir a outra instituição. Até porque, é de Gaia. Hoje a senhora vai levar [alimentos] mas vai ter que se dirigir a outra instituição.

Dália - Porquê?

Dra. Luiza- Porque está com o RSI e faltou durante 3 meses. Agora teria que apresentar novos papéis e os novos papéis que a senhora vai apresentar, vai incluir o RSI. E neste momento nós já não estamos a inscrever estas pessoas. São assim as regras da instituição. Nós agora estamos a inscrever pessoas que estão reformadas, a trabalhar com ordenados baixos ou que estão a receber pelo fundo desemprego.

Dália - Então as pessoas estão a trabalhar e recebem, eu não estou.

Dra. Luiza - Mas é assim que é a nossa instituição.

Dália - Mas é engraçada que as pessoas estão a trabalhar e têm apoio e os outros não.

Dra. Luiza - Não somos nós que mandamos na instituição.

Dália - Mas está mal feito, porque é uma coisa para apoiar e não está a apoiar quem precisa, está a apoiar aquelas pessoas que não necessita.

Dra. Luiza - hoje uma vez que a senhora está cá, vai levar alimentos, está bem?

O processo de seleção dos beneficiários do programa VER (Vidas em Risco) não é infalível. Por vezes aceita pessoas que não estão realmente necessitadas. Contudo, com o passar do tempo, alguns desses casos mal avaliados vão sendo detetados, naturalmente, pela observação da frequência/ausência de quem pede ajuda, como também através dos alimentos que os necessitados/não necessitados escolhem no mercado da instituição.

O Coração da Cidade parte do pressuposto de que todos falam a verdade, até que provem o contrário. Como no caso de Dália, que esteve três meses sem recorrer à ajuda alimentícia, não apresentando, para tal falta, uma justificação plausível. Note-se que Dália, apesar de tudo, já tinha sido aceite excecionalmente pelo Coração da Cidade, uma vez que não preenchia o perfil necessário para ter direito ao programa VER. O fato de ter uma filha recém-nascida pesou nesta decisão da instituição.

Existem perto de 800 utentes inscritos para a Mesa Farta. Contudo, só aparecem em torno de 200 pessoas nos dias em que o mercado está aberto. O que levanta dúvidas quanto a real necessidade de muitos utentes do Coração da Cidade.

Além do grande número de instituições que apoiavam os sem-abrigos, o surgimento de um novo tipo de pobreza, também contribuiu para que o Coração da Cidade mudasse o perfil dos seus utentes. Dessa forma, o novo crivo foi regulado para apoiar principalmente pessoas com dificuldades provenientes dos estratos médios da sociedade.

"Mas entretanto criou-se uma situação de crise…no país, que levou a grandes cortes substanciais nos ordenados das famílias,…dentro das famílias, muitos começaram a ficar no desemprego. Um ou os dois [membros do casal], mesmo. E mesmos os reformados começaram a ter cortes nas reformas. Eles até aqui tinham capacidade, digamos assim, para cobrir as suas responsabilidades. Mas muitos deles deixaram de ter esta capacidade." (Amadeus Satos, vice-presidente)

4.4 Os programas do Coração da Cidade

Em 19 anos de vida, o Coração da Cidade criou 12 programas que tentaram colmatar as dificuldades de muitas pessoas carenciadas no distrito do Porto, o que demonstra uma preocupação em adequar os apoios às necessidades mais críticas.

"Nós vamos acompanhando a população que tem mais carência, conforme ela se vai manifestando, vamos chegando com os programas sociais para aquele ponto essencial, nós somos muito maleáveis na nossa aproximação social." (Lassalete Piedade, presidente)

Quadro 3 - Os programas

Ano	Programa	Atividade	Público-alvo
2004	SOBRAS	Apoio em géneros doados por empresas alimentares	SA; TX; IL; DC; IC; FC
2005	BAF	Banco alimentar da família	
2006	VER	Vidas em risco - para famílias no limite da pobreza.	
2008	CEIRAS	Apoio às mulheres com filhos	
2008	Livraria AMA AVE	Livraria AMA – formação de jovens Ave -Apoio às pessoas acamadas	
2009	SE	Socialmente Educados - Apoio às pessoas solitárias	
2009	ARESTA	Apoio de recurso espiritual e social com	

		tratamento acompanhado	
2010	POPH	Apoio a pessoas com insucesso nos cursos de formação da UE	
2011	GIF	Guia Individual Familiar - acompanhamento das pessoas sem apoio	
2012	SER	Socorro em Rede - Ajuda alimentar para pessoas provenientes da classe média e alta	FC; RC; TP; DFD (Fim do apoio aos sem-abrigos, toxicodependentes e RSI)
2012	TAKE AWAY	Apoio alimentar para desempregados no fundo desemprego, reformados carenciados e trabalhadores precários.	FC; RC; TP; DFD (início da ajuda aos novos pobres) mudança dos critérios de seleção
2012	OFICINAS DE AMOR	Apoio aos trabalhadores trabalhos manuais, expondo seus produtos nas lojas sociais	FC; RC; TP; DFD
2013	MIGALHS DE AMOR	Doações de 0,50 € para pessoas que não podem pagar o take away	
2013	MESA FARTA	Oferta de alimentos não confecionados/ participação de 0,50€	

4.5 Os Programas Ativos

"Nós temos muitos programas mas a maior parte não estão a funcionar porque os governos não nos dão apoio" (Lassalete Piedade, presidente)

De fato, atualmente, o Coração da Cidade possui apenas dois programas ativos: O Programa Vidas em Risco (VER); Mesa Farta. Ambos estes programas utilizam o mercado social, que garante a subsistência alimentícia para às famílias carenciadas, selecionadas pelo Coração da Cidade. O mercado social está aberto três vezes por semana (terça, sexta e sábado). Conforme o programa, o utente poderá receber alimentos mediante duas modalidades: (1) trabalho voluntário por alimento, ou (2) dinheiro por alimentos.

O programa Vidas em Risco oferece, aos utentes, umas das duas modalidades referidas, relativamente ao uso do mercado social "Espaços do Coração", de acordo com as características de cada utente:

- Trocar 10 horas semanais de trabalho voluntário por 30 pontos em alimentos. Não podendo gastar mais que 10 pontos, por cada vez que vai ao mercado social.
- Comprar 10 pontos em alimentos por 1,00€. (Como no Programa Mesa Farta)

Em qualquer dessas modalidades, os 10 pontos dão direito a 10 alimentos à escolha. Por exemplo: com 10 pontos o utente pode levar (1) um quilo de batata, (2) uma dose de sopa, (3) um litro de leite, (4) 300 gramas de queijo, (5) 300 gramas de fiambre, (6) um quilo de banana, (7) um quilo de maçã, (8) um quilo de batata, (9) um quilo de cenoura e (10) um pão de ló. Assim o mercado social supre as necessidades básicas relativamente aos alimentos considerados frescos ou perecíveis. No que se refere aos alimentos secos, como, arroz, feijão, etc., os utentes recebem um cabaz quinzenalmente.

Caixa de observação 2 -"O mercado social"

Observação realizada no Coração da Cidade em 03/03/2015.
Às 9:00 horas, na rua Antero de Quental, nº 806, já estão pessoas na fila para o "Mesa Farta". É assim que chamam o mercado social do Coração da Cidade, embora tenha sido batizado com o nome "Espaços do Coração". Os clientes formam um grupo constituído por homens e mulheres de várias idades, embora, aparentemente, o grosso das pessoas tenha idade compreendida entre os 40 e 65 anos. Há muitos imigrantes provenientes de países do leste europeu - pele clara, olhos claros, alta estatura. Neste subgrupo os homens estão em maioria. Mas vê-se, também, alguns afrodescendentes. Os portugueses estão em maior número, obviamente. Não há ninguém mal vestido, ninguém com sapatos gastos, calças rasgadas ou descabelado de cara suja. Algumas pessoas revezam os lugares na fila, para descansarem as pernas. Estas sentam pela calçada ou fica dentro de seus carros. "Já não se fazem pobres como antigamente", pensei…
O mercado só abre às 11horas, e a fila já vai na esquina. Há um entra-e-sai constante de voluntários que trazem e levam todo o tipo produtos. Duas viaturas do Coração da Cidade estão estacionadas perto da entrada: uma Iveco Dayle de 2007 e um Volks Wagen Transporter de 2000.
No mercado, os voluntários fazem os últimos procedimentos para a abertura, como num mercado qualquer. Às 11 em ponto os utentes já podem entrar. Pegam um cartão com o número de chegada, e sentam-se pelos bancos e cadeiras espalhados junto às paredes, até serem chamados. Como o mercado é relativamente pequeno, entram 4 ou 5 pessoas de cada vez. Em média cada pessoa leva 7 a 10 minutos para escolher 10 produtos que equivalem a 10 pontos. Um funcionário anuncia, em voz alta, o número do utente da vez. Este se dirige ao mercado, pega um carrinho, passa pelo caixa, onde entrega o seu número de chegada, mostra seu BI e cartão do Coração da Cidade. O controlo é feito pelo Sr. Fernando que recebe um euro, ou desconta no cartão de horas de voluntariado, ou, ainda, verifica a autorização que dá direito a 10 pontos em alimento gratuitamente.
Não há um tempo definido para fazerem as "compras". Contudo, se alguém demora mais um pouco, é logo avisado de que há outras pessoas à espera para entrar. Depois de escolhidos os 10

produtos, um voluntário vai fazer a contagem. Somente depois de contados é que os alimentos podem ser colocados nas sacolas. Cada utente deve trazer a sua sacola.
A variedade e quantidade dos alimentos doados pelos supermercados não são constantes, uma vez que dependem de variáveis como: quantidade de sobras de cada mercado; e qualidade dos alimentos doados. Nem todos os alimentos que chegam a instituição estão em condições de ser consumidos pelos utentes. Tanto que muitos alimentos são reencaminhados para a Sociedade Protetora dos Animais.
Quando há excessos de alimentos eles são oferecidos gratuitamente, ou trocados por pontos, sem limite de peso. Por exemplo, o pão é gratuito. Não entra na contagem dos pontos, pode-se levar a quantidade que desejar. O mesmo poderá acontecer com a sopa. Normalmente, o quilo da fruta vale 1 ponto. Mas por exemplo se houver abundância de maçã, o utente pode levar a quantidade que bem entender em troca de 1 ponto. Quando há bolo inteiro, por exemplo, bolos de aniversário, os utentes podem comprar por um euro.
Por outro lado, quando há escassez de alimentos (quando as doações diminuem), só é permitido levar 5 pontos em produtos, para garantir que nesse dia todos consigam levar alimentos. Neste caso, os utentes que estão na modalidade "dinheiro por alimento" pagam apenas 50 cêntimos.
Quando há jogos no Estádio do Dragão, as sobras dos serviços de *catering* do Futebol Clube do Porto são enviadas para o Coração da Cidade, e são distribuídas gratuitamente no mercado.

Para além de alimentos, o programa VER, vende a baixo preço, ou troca por trabalho voluntário, roupas, calçados, móveis e brinquedos. Seus utentes também têm direito a apoio médico e apoio judiciário.

Os requisitos de seleção dos candidatos são comuns aos dois programas: VER, Mesa Farta. Assim, os candidatos devem dar prova de que se encontram em situação de precaridade, apresentando documentos, sendo que, pelo menos, uma pessoa do seu agregado, incluindo o próprio candidato, seja reformado com baixa reforma; ou trabalhador precário; ou beneficiário do fundo de desemprego.

No programa VER, o utente fica sujeito às visitas surpresas por parte da instituição que vai verificar a higiene, arrumação da casa e condição das crianças. Para além disso, o utente deve adotar uma "boa conduta", ou seja não poderá ter problemas com álcool, drogas, ou prostituição. O programa exige também que o utente demonstre que pretende melhorar de situação. Também não é permitido frequentar continuamente cafés ou bares, e ainda, não pode usufruir do apoio de outras instituições. O programa VER tem uma duração de um ano, que poderá ser prolongada.

No programa Mesa Farta o utente paga 1,00€ por 10 pontos, que serão trocados por 10 géneros alimentícios. O utente do Mesa Farta pode ou não fazer parte do programa VER.

Existe também um mecanismo de ajuda temporária àquelas pessoas que não se encaixam no perfil dos programas oferecidos pelo Coração da Cidade. Chama-se Migalhas de Amor. Neste apoio as pessoas necessitadas recebem 10 pontos, gratuitamente, para levantar alimentos. Geralmente são ajudas de curta duração, as quais não requerem abertura de processo de inscrição. Ou seja, são ajudas que durão o tempo necessário para os carenciados encontrarem apoio numa outra instituição, cujo programa contemple o seu perfil. "*Migalhas de amor são direcionados para as pessoas que não têm condições de dar uma participação de um euro para levar 10 pontos em produtos do mercado da Mesa Farta. No Migalhas de Amor as pessoas recebem uma ajuda durante um tempo muito curto. Tanto que não é se quer aberto um processo.*" (Dra. Luiza – responsável pelo serviço de apoio social)

Caixa de observação 3 - "O caso Sônia"

Observação realizada no Coração da Cidade em 09/04/2015, na sala do apoio social.
São 12:35, Sónia entra na sala do apoio social, já falando dos seus problemas, mesmo antes de sentar-se à mesa da Dra. Luiza, umas das responsáveis pelo apoio social do Coração da Cidade. Neste mesmo instante, o Sr. Almeida, voluntário que está na triagem das pessoas para apoio social, interrompe Sónia, dizendo que ainda não era a sua vez de ser atendida, e por isso teria que sair da sala. Sónia fez-se de desentendida, e permaneceu na sala. Então Dra. Luiza, calmamente, explicou-lhe que deveria sair e esperar pela sua vez. Sónia saiu e voltou meia hora depois…
Sónia tem 23 anos. Mas as dificuldades da vida deram-lhe uma aparência mais envelhecida. Já viveu pelas ruas do Porto, mas agora mora sozinha num quarto em Paranhos, que consegue pagar com uma ajuda de 50,00€ da Segurança Social. Sua única "companhia" são as vozes que escuta quando deixa de tomar seus medicamentos, também pagos pelo Estado. Sónia sofre de esquizofrenia. Dirigiu-se ao apoio social do Coração da Cidade para pedir roupas. Mas Dra. Luiza não tem como atender o seu pedido, uma vez que as roupas doadas à instituição vão todas para as lojas sociais. Por sua vez, Sónia não pode levar alimentos, porque onde vive não tem como cozê-los. Também não tem micro-ondas para aquecer as refeições já confecionadas do serviço de Take Away.
Sónia queixa-se de não ter dinheiro para comer, nem para pagar o passe para Aldoar, onde se desloca todos os dias para tomar os medicamentos.
A Dra. Luiza não tem como ajudar pessoas como Sónia. Ela não se encaixa no perfil da instituição. Mas "o Coração da Cidade não deixa ninguém sair de mãos vazias", refere Dra. Luiza. Através do programa Migalhas de Amor, Sónia vai receber uma autorização alguns dias para pegar comida no mercado social. Uma vez que não tem onde cozinhar, a Dra. Luiza aconselhou-a a levar pão, fiambre, queijo, frutas e iogurtes.
Sónia foi aconselhada a ir procurar ajuda em outras organizações. Dra. Luiza aconselhou-a a fazer suas refeições na Igreja do Marquês ou mesmo em Aldoar, no Colégio do Rosário, uma vez que fica perto de onde faz os tratamentos para a sua doença.

4.6 A Fila

A fila dos utentes foi sempre um problema para o Coração da Cidade. Já na época em que a instituição apoiava os sem-abrigos e toxicodependentes havia muitos protestos contra a concentração de pessoas com aspeto "suspeitos" na rua Antero de Quental. Atualmente, a fila já não assusta tanto, porque os novos pobres possuem um aspeto menos ameaçador. Contudo, há sempre quem se queixe do ruído provocado pelas vozes das pessoas. Atualmente, o motivo para a concentração de pessoas à porta do Coração da Cidade prende-se com o fato de que o mercado social só tem capacidade de atender de 3 a 4 utentes de cada vez, o que faz com que as pessoas tenham de esperar muito tempo na fila para serem atendidas. Para resolver este problema, o Coração da Cidade vai abrir em breve, na mesma rua, um mercado social com maior capacidade.

4.7 O Tipo de Combate

No que se refere ao modelo de combate à pobreza do Coração da Cidade, percebemos que há, de fato, uma preocupação, por parte da instituição, em se demarcar de uma postura meramente caritativa ou assistencialista. Isso é visível nos diversos programas desta instituição, vocacionados para o aumento da autoestima dos carenciados, assim como, nos programas de cariz mais educacional e de desenvolvimento de capacidades, tais como gestão da economia doméstica, ou otimização dos recursos existentes. Contudo, o desenvolvimento de capacidades individuais, apesar de contribuir para o aumento da autoestima, o que sem dúvida é de grande importância para qualquer pessoa, não configura um modelo de empoderamento, no sentido em que não implementa uma ação transformadora no contexto social em que se desenvolve. Assim sendo, não produz condições sociais tangíveis e duradouras de desenvolvimento dos agentes sociais, nem promove, segundo Freire, uma "libertação do individuo", ou seja, o empoderamento "implica, essencialmente a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência [do ator] quanto a sua condição atual, uma clara formulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída, [como também] uma mudança de atitude que impulsione a pessoa, grupo ou instituição para a ação prática, metodológica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçados, abandonando-se a antiga postura meramente reativa e receptiva." (Schiavo e Moreira, 2005, p. 59).

Quadro 4 - Entre o assistencialismo e o empoderamento

Ano	Programa	Descrição do programa
2003		Preocupação com a recuperação da autoestima do assistido.
2005	Não existe ainda um programa.	Formação de pessoas carenciadas. Ensino de economia doméstica para famílias em situação de desemprego. Incremento do voluntariado como terapia ocupacional. Otimização dos recursos existentes. Eventos culturais (sensibilização humanitária)
2006	VER	Adoção de lares mais pobres, por lares economicamente mais abastados e com maior organização familiar, que tenham como preocupação essencial apoiar uma família mais debilitada na reestruturação familiar. Adoção de vias de ensino e formação profissional, por particulares ou empresas que tem como objetivo o apoio a crianças e jovens na sua formação intelectual através da via de conhecimento que for da sua eleição.
2007	VER	A abertura de um espaço " mercado" onde as horas de trabalho comunitário se podem traduzir em bens essenciais, para se fazer face aos problemas das famílias carenciadas, contribuindo para o aumento da autoestima.
2008	VER	Uma livraria para a formação académica de jovens sem possibilidades económicas, viabilizando as suas formações e especializações. "Adoção" de crianças carenciadas, apenas para pagamento das suas despesas com os infantários
2009	ARESA	Formação cívica do individuo carenciado com aplicação prática dos meios educacionais ao alcance da instituição. Ajuda a carenciados excluídos com problemas de depressão, trabalhando as suas autoestima através do convívio continuado e acompanhado dentro da instituição.
2011	GFI	O Coração da Cidade vai ajudar a "caminhar" as pessoas sem apoio, encaminhando os pedidos, direcionando as ajudas e favorecendo a persecução de todos os atos sociais, visando a sociabilização de quem está isolado, por falta de recursos económicos e emocionais
2012	Oficinas de Amor	Sensibilização dos trabalhadores manuais, de forma a rentabilizar as suas produções, expostas nas lojas sociais da instituição, contribuindo desse modo para a economia do lar.

4.8 Os números do Coração da Cidade

O Coração da Cidade possui um número aproximado de 4000 pessoas inscritas distribuídas em dois programas. No primeiro programa Vidas em Risco (VER) fazem parte cerca de 3500 pessoas. Estas pessoas recebem quinzenalmente um cabaz com produtos alimentares não perecíveis e dispõem de um mercado social onde podem ir três vezes por semana para adquirir os alimentos frescos, como verduras, laticínios, pães e alguns alimentos já confecionado, como sopa, refeições etc. O programa VER ainda apoia as mães, com uma média de 15 enxovais para crianças recém-nascidas por mês; e fornece roupas para crianças até aos 12 anos. As famílias inscritas nesse programa ainda recebem apoio médico e medicamentoso, podendo usufruir também de uma farmácia social e uma médica voluntária que atende todos os sábados na própria instituição. Algumas famílias recebem ajudas para o pagamento das rendas das casas, das faturas de água, luz, gás, etc.

No segundo programa, Mesa Farta, estão perto de 800 pessoas inscritas que podem recorrer ao mercado social três vezes por semana, para suprir as suas necessidades de alimentos frescos, mediante uma "participação"[8] de 1,00€, que da direito a 10 pontos em alimentos.[9]

[8] O Coração da Cidade prefere utilizar o termo "participação", no lugar de "pagamento". A instituição explicou que este termo não é adequado, uma vez que a instituição não tem fins lucrativos.

[9] Cada ponto pode ser trocado por um, ou um conjunto de produtos no mercado social. Isto vai depender da abundancia/ou escassez dos vários alimentos em cada dia. Por exemplo um ponto pode equivaler a um quilo de maçã, num dia normal. Contudo, se este fruto estiver em excesso, pode-se levar a quantidade desejada por apenas 1 ponto.

Capítulo 5 - Retratos Sociológicos

5.1 Perfil1: Reformado Carente

Retrato 1: Manuel Tavares – Do desgosto amoroso à nova pobreza

Manuel tem 74 anos e nasceu na Barrigueira, uma aldeia próxima a Pombal. Está reformado e vive só num quarto alugado no Porto. Foi estucador[10] profissional e está separado da mulher. Não tem contato com suas duas filhas, nem com nenhum de seus irmãos. Quando era criança, começou a trabalhar com os pais no campo. Vai para Lisboa com 13 anos, para trabalhar na construção civil. Com 18 anos, emigra para Joanesburgo onde constitui família. Entretanto, é convocado para combater na guerra colonial. Depois da guerra, de volta à Africa do Sul, depara-se com problemas conjugais, que teve como uma das consequências o alcoolismo e consequentemente, para o desemprego. Acaba por ser expulso do país, por falta de visto de trabalho. Regressa a Portugal, para a casa dos pais, sendo expulso pouco tempo depois. Passa a viver só, nas ruas de Pombal. Nem os irmãos lhe apoiaram. Vinte anos depois, decide deixar o álcool. Emigra para a Espanha, onde já não há lugar para a sua profissão. Sujeita-se a outras atividades, mas apesar de tudo, sentia-se satisfeito. Oito anos depois, fica doente, e descobre que não tem direito à Caixa de Previdência. Sem o apoio social em Espanha, acaba por regressar a Portugal. Depois de gastar as economias e não conseguir encontrar trabalho, entra para a instituição Remar. Mete os papéis para a reforma e recebe-a juntamente com os retroativos. Como não gostava do controle excessivo daquela instituição, muda-se para o Porto, onde vai pedir ajuda ao Coração da Cidade.

Manuel pertence a uma época onde a escola, em Portugal, era um privilégio de poucos. Por isso, nunca foi à escola. Seus pais eram pobres. *"Naquele tempo era tripa, pá!"*. Os pais puseram-no a trabalhar no campo ainda criança. Era necessário contribuir para a economia familiar. Seu sonho era ser estucador. Como não gostava do trabalhar no campo, parte para Lisboa, com 13 anos. Consegue um lugar na construção civil. Trabalhou na construção do primeiro bar de Queluz em 1952. Depois veio o bar das Carriças e a seguir o de Moscavide. Aos poucos foi aprendendo a sua arte. *"Fui servente, aprendiz, fui meio oficial, depois passei a oficial."* De Moscavide vai para Nazaré. Tinha orgulho na profissão de estucador, *"era mesmo uma arte."* As peças de gesso eram feitas à mão. Gostava até da indumentária exigida pela firma: calças brancas, boné branco e sapatilha branca. *"Era uma profissão boa e ganhava-se muito dinheiro"*.

[10] O estucador é o artista que modela os ornatos artísticos aplicados ou integrados geralmente no interior das edificações.

Depois da Nazaré emigra para a Joanesburgo, onde se casa. Na altura da Guerra Colonial, vai combater na Guiné, deixando para trás a mulher e duas filhas. Regressa a Africa do Sul, 27 meses depois. A vida no trabalho corria bem, orgulhava-se de trabalhar para a Anglo-américa. *"Trabalhei para a maior companhia mundial […] Gostava de trabalhar para eles, porque havia uma certa regalia, pá. Pegamos as 8 horas, as 10 tínhamos chá, leite e soda, pá. A meia hora era o almoço, depois as 3 horas, tínhamos outra vez chá, café, laranjada, qualquer coisa que agente quisesse beber, pá. E pronto às 5 horas, mais ou menos [voltávamos para casa]. […] [trabalhávamos] de segunda a sexta."*

Gostava também das horas de lazer, passadas com a família. *"Chegava-se ao sábado […] no verão, íamos para o lago, uma lagoa, pá. Levava-se um carro, levava-se um fogareiro, levava-se carne e uma tenda e passávamos ali o sábado e o domingo. Regressávamos no domingo a tarde, que era para descansar, para segunda-feira estar apto para trabalhar."*

Contudo, sua vida conjugal entra em crise. Não quis dar detalhes sobre este assunto… O certo é que a desestruturação familiar afetou o seu equilíbrio emocional. Começou a «afundar as suas mágoas no álcool», de tal maneira que acabou por abandonar o trabalho. *"Dizia a mulher que andava a trabalhar, mas não andava a trabalhar. Ia p'ras "coisas" [prostitutas?], pá. Ia pros hotéis […] a companhia deu-me baixa, pá e eu fui abrigado a vir cá [para Portugal], cortaram-me o direito de estar lá na Africa do Sul, por ter abandonado a companhia."*

De volta a Portugal, com 37 anos, volta para a casa dos pais em Pombal, e traz consigo o vício do álcool. Seus pais não suportavam mais ver o filho naquele estado. Então, pediram-lhe para que saísse de casa. Passou a dormir na rua. *"Eu ia dormir para a estação, ia dormir pro jardim. Quantas vezes, eu fui à polícia pra me deixarem dormir na coisa, pá"*. Os irmãos também o ignoram. Tudo isso agravou ainda mais o seu percurso descendente. " [meus irmãos] *viam-me e iam para o outro lado [da rua]. Não queriam conversar comigo, nem nada. Depois daí ainda fiquei mais coisa, […] mais coisa ficava, e mais bebia."*

Depois de vinte anos vivendo na rua, decide mudar de vida. Contava já 57 anos. Parou de beber e de fumar. Decidiu emigrar para a Espanha. Lá chegando descobre que já não havia lugar para os profissionais do gesso. *"Era uma arte que desapareceu,*

porque era uma arte que ficava cara, […]. E hoje é tudo mais fácil, já vêm molduras feitas, já vem tudo, já vêm as molduras p'ras faixas de dentro da parede e o teto, já vem tudo feito". Dessa forma viu-se obrigado a fazer outros tipos de trabalho. Mesmo assim, sentia-se satisfeito com a vida em Espanha. *"Tinha contrato e [visto de] residência. Lá eu tive uma vida boa"*. Foi assim durante 8 anos, até que um dia ficou doente e descobriu que seu patrão, não lhe fazia os descontos para a Caixa de Previdência. Manter-se em Espanha sem o apoio social, tornou-se inviável, pois os problemas na cervical impediam-no de trabalhar.

Volta para Portugal. Trás consigo algum dinheiro, que foi gastando com as despesas do dia a dia. Não queria rebaixar-se perante a família. Já fazia mais de trinta anos que ele não tinha notícias de ninguém. Como as economias esgotaram-se, entrou para a Remar. Não sentia-se bem com as exigências da instituição. *"Infelizmente, aquilo era pior que uma prisão, não se pode ir ao café sozinho, não podíamos andar sozinhos, temos que estar ali e não podemos ir sozinhos para a rua."* Um conhecido, que era voluntário na Remar, aconselha-o a meter os papéis para a reforma. A reforma chega com sete meses de retroativo. Com esse dinheiro decidiu livrar-se da Remar e ir morar para o Porto.

No Porto foi morar na Rua do Vale Formoso, onde alugou um quarto por 150,00€. Um desconhecido informou-lhe que perto dali havia uma instituição, que dava apoio aos reformados. Dirigiu-se ao Coração da Cidade e foi inserido no programa Mesa Farta. *"Hoje em dia vivo num quarto alugado. Faço a comida à minha vontade. Dão-me permissão para ir a cozinha. O resto do tempo, as vezes… vou jogar às cartas, vou ali para o Marques, outras vezes vou para o Castelo do Queijo, pá, a beira-mar […] De vez em quando, de manhã, vou dar a minha voltinha a correr, fazer um bocado de exercício e tal. Por exemplo ainda hoje saí, eram 6 horas da manhã."*

Retrato 2: Alzira Mota – Duas perdas irreparáveis: o marido e a vista

Alzira tem 70 anos e nasceu em Vila Pouca de Aguiar. É viúva e vive com seu filho e sua neta num apartamento arrendado na Rua do Carvalhido no Porto. Recebe uma pensão de sobrevivência e o complemento solidário para idosos. É costureira de profissão, mas um problema de visão a impede de trabalhar. Seu filho conseguiu recentemente um emprego precário num restaurante. Seu pai era Carcereiro e sua mãe era dona de casa. Alzira teve 3

irmãos que, como ela, estudaram até a quarta classe. Mudou-se para o Porto e foi viver para a casa de sua madrinha, com seus pais e irmãos. Assim que terminou os estudos, começou a trabalhar como costureira, para uma casa de família. Viveu em casa de sua madrinha até o dia do seu casamento.

Alzira nasceu em Trás-os-Montes, em Vila Pouca de Aguiar em 1955. Apesar de pertencer a uma família muito humilde, nunca tinha passado por dificuldades na vida. Seu pai era carcereiro e sua mãe cuidava da casa e dos filhos (dois rapazes e duas raparigas). Quando ainda era criança, seus pais decidem ir para o Porto, onde vão viver para a casa de sua tia e madrinha, irmã de sua mãe. *"Viemos todos pro Porto, que a minha mãe era de cá e meu pai era de lá, de Vila Pouca. Como tínhamos aqui muitos conhecimentos, ficamos por aqui."*

Após terminar a 4ª classe, vai trabalhar como costureira, juntamente com sua irmã, em uma casa de família. *"Eram todos família. Irmãos uns dos outros. Era uma casa pra cada uma, e aí comíamos, ganhávamos um dinheirinho. Vivíamos em casas das nossas madrinhas, que eram irmãs e que eram muito nossas amigas."* Alzira viveu com suas madrinha até se casar.

Alzira tem boas recordações dos anos em que esteve casada, apesar da saúde debilitada de seu marido. *"Fomos um casal muito feliz. Ele foi um bom marido. Exemplar. Estive casada 45 anos com ele. Tive dois filhos. Ele era um exemplo de marido, um exemplo de pai, um exemplo de avô."*

Contudo, Alzira refere com muita mágoa os problemas de saúde de seu marido. *"Eu desconfio que não há nada que ele não tenha no corpo que não tivesse sido operado". Mas um dia apareceu-lhe um sinalzinho no calcanhar… coisinha mínima, assim pequenina... Durou dois anos."* A biopsia que seu marido fizera acusou grau 5 que corresponde ao estágio IV, ou seja o último estádio da classificação, no qual o tumor original já se espalhou para os outros órgãos (metastização). Já não havia nada a fazer contra o cancro, que se espalhara por toda parte do corpo de seu marido. Para a satisfação de Alzira, o marido *"morreu em casa, nos braços da mulher e do filho."* Morreu no mesmo dia em que nasceu. *"Ainda festejamos os anos, embora ele não quisesse, ele dizia que não queria... Mas a minha netinha pequenina quis cantar os parabéns e tudo"*.

Depois da morte do marido, Alzira foi viver com seu filho e neto. Habitam um apartamento no carvalhido que custa 350,00€. Seu filho conseguiu recentemente um trabalho precário num restaurante. Alzira tem que arcar com a maior parte das despesas da casa. Recebe uma pensão de sobrevivência de 181,00€, a qual junta mais 150,00€ do complemento solidário para idosos. Os recursos de Alzira não são suficientes se quer para pagar a mensalidade da renda da casa, quanto mais para comprar comida e os remédios que precisa para seus problemas de diabete, pressão alta e depressão. Se tivesse uns óculos novos, ainda podia ir fazendo uns biscates na costura, mas sem dinheiro, não pode mandar fazê-los.

Neste momento, Alzira garante a alimentação da família com a ajuda do Coração da Cidade, onde também consegue um ou outro medicamento na farmácia da instituição.

Alzira não tem amigos, mas relaciona-se bem com seus filhos. *"Estou tão bem com os meus filhos, eu tendo os meus filhos e as minhas netas, são tudo raparigas. As minhas netas são as flores da minha."* Mas também entende-se bem com os irmãos que estão a viver na Maia.

O desejo de Alzira é buscar os restos mortais de seu marido que está em Felgueiras, para cremá-lo no cemitério do Prado do Repouso no Porto, *"e trazê-lo para casa, para estar a minha beira e já disse aos meus filhos, um dia que parta, também quero […] ser cremada, para ficarmos aqui os dois."*

Apesar de tudo, Alzira parece estar conformada com seus problemas, vive muito das lembranças dos anos em que o marido era vivo.

Retrato 3: Emanuel Sousa - A independência que produziu dependência

Emanuel Sousa tem 72 anos e é natural do Porto. Está reformado e vive em união de fato com uma cidadã brasileira, numa casa alugada no Porto. Aos 11 anos foi para Angola, porque seu pai fora destacado pela Seguradora Tranquilidade, para trabalhar na cidade de Lobito. Sua família vivia bem. Com 17 anos vai para Luanda, para trabalhar no comércio. Pouco tempo depois, consegue um emprego numa seguradora. Casa-se com uma portuguesa, com quem tem uma filha. Receando as instabilidades causadas pela guerra colonial, manda sua mulher e filha para

Portugal, mas insiste em ficar em Angola. Um ano depois, em 1978, com aumento da insegurança causado pelas guerrilhas, decide abandonar Angola e voltar para Portugal. Depois de um ano, recomeça a trabalhar para Seguradora Mundial. Seis anos depois, é despedido, após a integração da sua companhia com a Seguradora Mundial. Depois disso, nunca mais conseguiu emprego.

Emanuel Sousa nasceu no Porto. Seu pai era tomador na Seguradora Tranquilidade e ganhava o suficiente para proporcionar uma vida tranquila a sua família. *"Nunca me faltou nada, meu pai tinha uma vida boa."* Sua mãe cuidava da casa e dos filhos. Emanuel teve uma irmã. Em 1944, seu pai é destacado pela Seguradora Tranquilidade para trabalhar em Lobito. Consequentemente, toda a família parte para Angola.

Em Africa, Emanuel continua os estudos até o 5º ano antigo (9º ano do unificado). Quando completa 17 anos (1960), começa a trabalhar. Inicialmente entra para uma concessionária de automóveis, representante da Austin. A seguir vai trabalhar para a CUF (atual Confabril). *"Vendia de tudo. Desde vinho, adubo para agricultura, isso tudo."* Depois vai para Luanda trabalhar no ramo dos seguros. *"Fui seguir o mesmo trabalho que o meu pai estava a fazer."* Na capital, casa-se e tem uma filha. Por causa da guerra colonial em Angola, manda sua mulher e filha para Portugal. Mas não pensava em voltar para sua terra natal. Permanece em Luanda até 1978, quando os perigos das guerrilhas o forçaram a voltar para Portugal.

Em Portugal, Emanuel fica suspenso por um ano, até ser chamado para recomeçar a trabalhar na Seguradora Mundial. Sua vida volta ao normal, mas não vai ser por muito tempo. Seis anos depois, a Mundial integra-se à Seguradora Confiança, resultando dessa fusão a Companhia Mundial Confiança, acompanhada de uma carta de despedimento dirigida a Emanuel.

Durante algum tempo, procurou emprego em outras companhias de seguros. Mas foi-se desencorajando, à medida que ia recebendo respostas negativas. Já sem esperanças de ser contratado por uma companhia de seguros, começa a trabalhar por conta própria, *"mas o dinheiro não chegava para manter o trabalho, tive que desistir."* Sem alternativa, Emanuel começa a fazer pequenos biscates: *"umas luzinhas numa casa particular, pintar uma parede, ou lá que, e lá me fui safando com isso."*

Emanuel está reformado, mas o pouco tempo de descontos para Segurança Social em Portugal deu-lhe uma reforma de 280,00€ mensais. Tentou recorrer aos descontos que fez em Angola, no tempo que ainda estava sobre a administração

portuguesa. Mas com o fim do domínio colonial português, muitos documentos foram destruídos, de forma que dificilmente conseguiria comprovar os anos de descontos que fez naquele país.

Atualmente vive em união de fato com uma cidadã brasileira. *"Estou a 12 anos com ela. Ela é de Belo Horizonte. Refiz a minha vida, até a data estou satisfeito. Não tenho quaisquer comentários em relação a isso. Minha mulher trabalha, faz salgadinhos…Trabalha muito para fora. O pouco que ganha sempre ajuda alguma coisa."* Manuel e sua companheira moram num apartamento T3 arrendado. Do qual, Subaluga um quarto para a Segurança Social. Usa este dinheiro para ajudar a pagar a renda da casa. *"A Segurança Social, nesse sentido, tem-me ajudado porque aquilo que eu ganho mal dá para a renda."*

A especificidade no trajeto de vida de Emanuel prende-se com o fim da condição de emigrante em Angola, ligada a perda dos direitos referentes aos anos que trabalhou fora de Portugal que o condenou a uma situação de precariedade.

5.2 Perfil 2:trabalhador precário

Retrato 4: Cláudia Pereira – Uma mãe leoa numa selva de desigualdades

Cláudia, 41 anos, é natural do Porto. É empregada doméstica e está divorciada. Atualmente vive numa habitação social no Bairro do Lagarteiro. Tem 5 filhos, os quais sustenta com a ajuda do Coração da Cidade. Cláudia casou com 17 anos, mas seu casamento foi de pouca dura. Os problemas de toxicodependência do seu marido levaram-na a pedir o divórcio. Seus pais, além de pobres, eram deficientes físicos. Cláudia tem uma irmã que também é empregada doméstica, e três irmãos toxicodependentes. Estudou até a terceira classe do ensino básico e aos 12 anos começou a trabalhar.

Cláudia nasceu na Ribeira do Porto, onde viveu até os 7 anos. Depois mudou-se com sua família para o Bairro do Lagarteiro. Quando casou foi morar num barraco em São Roque da Lameira. Depois da separação, voltou para o Bairro do Lagarteiro, após conseguir uma casa social. *"É um T4, tenho 4 quartos, uma sala grande, uma cozinha, uma casa de banho, uma dispensa. Tenho uma casa grande. Um quarto para cada filho."* O filho mais velho, já tem 27 anos e faz vida independente. Contudo, almoça e janta todos os dias em casa da mãe. Seus pais eram pobres e deficientes, mas tiveram 5

filhos, duas meninas e três rapazes. Seu pai era carregador de tecidos numa fábrica e sua mãe era doméstica. "*Sou a filha mais nova de cinco filhos. Meus pais eram muito pobres, meu pai era deficiente a minha mãe também. Então, prontos, vivíamos muito mal. Chegamos, inclusive a passar fome quando eramos miúdos*."

Ao concluir a 3ª classe, Cláudia interrompe os seus estudos para trabalhar como empregada de limpeza interna. Teve sempre a mesma atividade. Cláudia casou com 17 anos. Seu casamento durou pouco. Seu ex-marido é serralheiro soldador. "*Eu não sei, mas acho que ele foi para um centro para deixas as drogas. Ele é muito trabalhador."* Atualmente, Cláudia trabalha numa firma de limpeza e recebe 505,00€ brutos (salário mínimo nacional). Os problemas do marido com a toxicodependência fizeram com que Cláudia terminasse a relação, e pedisse o divórcio. Seu ex-marido não contribui para a alimentação dos filhos e raramente os vai visitar. "*Falo poucas vezes com o meu ex-marido. Quando ele se lembra de ir visitar os meninos. Ele vai a minha casa, eu deixo entrar, para ver os miúdos, mas ele também raramente aparece lá."* Dessa forma, Cláudia teve que suportar sozinha, todas as despesas da casa.

Cláudia decidiu ser voluntária do Coração da Cidade há 10 anos, por absoluta necessidade. Apesar de trabalhar a tempo inteiro, concordou em contribuir com 10 horas semanais de trabalho para a instituição. Só assim, poderia garantir a alimentação da família. "*Então tenho que vir pra qui, porque se não vier pra qui, não como. Não consigo alimentar os meus filhos. Eu levanto-me todos os dias as cinco da manhã para ir trabalhar. Não tenho folgas. Trabalho de domingo a domingo, mas meu ordenado não chega para eu manter a mim, e aos meus filhos. A parte da alimentação tem que ser mesmo daqui, porque não dava mesmo. Passávamos mal."*

Cláudia nunca baixou os braços, apesar de todas as adversidades da vida. E é capaz de tudo para não ver os filhos passarem privações.

Retrato 5: Helena Carneiro – O rapto de um futuro melhor para Helena, perpetrado pelo estado

Helena Carneiro tem 59 anos e é natural do Porto. É empresária, mas sua firma está em processo de insolvência. Para enfrentar as dificuldades, trabalha num consultório médico, em regime de *part-time* e ainda faz 10 horas semanais de voluntariado no Coração da Cidade. Vive na rua de Visconde de Setúbal no Porto, desde que se casou, há 35 anos. Tinha 7 anos quando seus pais

mudaram-se do Bairro das Condominhas no Porto, para a Senhora da Hora em Matosinhos, onde viveu até se casar, com 24 anos. Começou a trabalhar aos 16, quando inicia o Curso Complementar de Contabilidade e Administração. Depois, já com o curso concluído, vai trabalhar para um grupo de empresas na área da construção civil e reparação naval, onde permaneceu 23 anos, após o que, o grupo desfez-se. Seu ex-patrão oferece-lhe uma sociedade, que trabalhou bem por 10 anos. Seu sócio fugiu para o Brasil, deixando Helena com as dívidas por pagar.

Helena sempre teve uma vida sem dificuldades. Sua mãe era doméstica e seu pai carpinteiro de moldes. *"Meu pai fazia os moldes para todas as peças que tinham necessidades de ser fundidas."*

Helena começou a trabalhar com 16 anos, numa fábrica de estofos, chamada Duarte e Vítor. Três anos depois, a fábrica abre falência. Entretanto, Helena conclui um Curso Complementar de Contabilidade e Administração. A seguir, vai trabalhar para um grupo de empresas de construção civil e reparação naval, onde esteve por 23 anos. *"Eram sete empresas completamente distintas, mas que faziam todas, parte do mesmo grupo que tinha um sócio, em comum. Depois variavam os outros* [sócios]." Cinco anos após começar a trabalhar neste grupo de empresas, casa-se. Vai viver com o marido, para uma casa na rua Visconde de Setúbal. A certa altura, o grupo começa a ter problemas financeiros, que resulta na falência de umas empresas, e no encerramento de outras. Em consequência disso, Helena e o marido abrem outra empresa em sociedade com um ex-patrão. Dez anos depois, quando os negócios começaram a dar sinais de fraqueza, o sócio foge para o Brasil, deixando Helena e seu marido numa situação difícil. *"Foi um malabarismo [do tal sócio comum], que nos obrigou a ficar com a empresa, que é a tal empresa que está com dificuldade"*.

Helena lamenta não ter conseguido fazer um curso superior. O seu Curso Complementar de Contabilidade e Administração lhe dava acesso direto ao ensino superior. Mas o Serviço Cívico Estudantil impossibilitou a sua entrada na faculdade. "*Esse curso dava acesso ao ISCAP* [Instituto Superior de Contabilidade e Administração]. *Dava acesso à faculdade. Naquela época não deu acesso direto porque …depois, foi criado o "ano cívico"* [Serviço Cívico Estudantil] … *que era um ano cívico de voluntariado. Que me ia estragar a vida toda."*

Helena só iria para a faculdade 32 anos depois (2007), quando conseguiu entrar para um curso de gestão, através dos Concursos Especiais de Acesso e Ingresso no Ensino Superior, na modalidade de maiores de 23 anos. Mas acabou por não concluir o

curso, devido a problemas de saúde, que lhe causaram uma cegueira. *"Eu fui para a faculdade, aos 48 anos, para fazer gestão de empresas. Só que, entretanto […] fiquei cega durante oito meses […] era o sistema nervoso. Era uma medicação que […] provocou-me a cegueira […] Eu ia na mesma às aulas, mas eu não conseguia escrever. […] E portanto […] eu disse não, não vamos insistir mais, porque não vale apena, quer dizer, era só uma questão de ego."*

Apesar de ter o Curso Complementar de Contabilidade e Administração, Helena não pode mais trabalhar como contabilista, uma vez que, atualmente, é exigido o curso de Técnico Oficial de Contas (TOC). *"Isto mudou muito durante todos estes anos, foram criadas coisas e mais coisas. Antigamente quem tinha o Curso Geral do Comércio já era contabilista. A maioria dos contabilistas da minha idade ou um poucochinho mais velho, só tem o Curso Comercial"*.

Atualmente, Helena trabalha como secretária num consultório médico em regime de *part-time* e faz voluntariado no Coração da Cidade. Mas ainda tem de ir todas as manhãs para sua empresa, enquanto não sai a insolvência.

Retrato 6: Luís Seabra – A licenciatura poderia ter evitado a entrada na pobreza

Luís, 51 anos, é natural de Cabeceira de Bastos. É casado há 30 anos e tem um filho. Vive no Porto, onde trabalha como fiscal na companhia Águas do Porto e faz voluntário no Coração da Cidade. Foi viver para o Porto com 5 anos de idade, onde completou o ensino secundário. A partir do 10º ano, começou a trabalhar numa empresa de serigrafia. A seguir, entra para a EDP. Passados uns anos, é despedido e trabalha durante dois anos, a recibo verde. Finalmente entra para as Águas do Porto onde está há 20 anos. Após sua mulher perder o emprego, como secretária de direção administrativa, inicia-se um processo de endividamento familiar. Primeiramente foi a sua esposa quem procurou a ajuda Coração da Cidade, como voluntária. Entretanto, após sua mulher conseguir colocação, Luís entra no seu lugar como voluntário no Coração da Cidade.

Luís casou-se aos 21 anos. Ele e sua esposa sempre tiveram uma vida folgada. Sua esposa era secretária de direção administrativa numa empresa em Matosinhos, onde ganhava acima da média. *"No inverno eu ia para o ski. Nós adorávamos, eu e minha esposa* [íamos] *fazer ski. Uma semana íamos para Espanha, numa instância qualquer. E no verão íamos sempre uma semana para fora. Para fora do país. E outra semana era aqui para a aldeia dos meus pais."* Também iam ao cinema, e ao teatro, umas duas

vezes por ano. "*Naquelas [produções] do La Féria… que o La Féria trouxe cá, aqui ao Porto."*

Mas as coisas mudaram na vida Luís. Sua esposa foi despedida da empresa. A situação fica muito difícil para o casal. Só com o salário de Luís não conseguiam suportar as despesas e as dívidas começavam a crescer. "*Tínhamos uma vida mais ou menos boa. Em vários aspetos. A nível financeiro, a nível também da estabilidade familiar. Só que entretendo, aqui a meia dúzia de anos, ano 2000 pá, essa coisa da crise abalou-me bastante. Começamos a ficar com muitas dívidas. Tivemos que vender a casa*." Sem conseguir trabalho, sua esposa foi pedir ajuda ao Coração da Cidade. "*Falamos com a dona Lassalete, a diretora. E então entramos naquele programa, um programa de 10 horas de trabalho [VER]. Tínhamos direito a um cabaz por semana, 5 alimentos, produtos, não é bem alimentos. Fiambre, queijos, batatas. E um cabaz de compra de 15 em 15 dias, não era semanal, era de 15 em 15 dias. Pá, isso é o que nos manteve um bocado, que era mais ou menos um salário mínimo"*. Depois de 2 anos, vai trabalhar para um consultório médico. Depois passou para uma empresa de sondagens estatísticas. Luís lamenta-se por não ter seguido os estudos. "*Desisti dos estudos, fiquei por aí. Arrependi-me bastante. Na altura não liguei. No mínimo tirar uma licenciatura, porque na empresa onde estou é importante"*. Se tivesse uma licenciatura Luís ficaria com a categoria de técnico, passando a receber um salário mais alto. "*Se tivesse a licenciatura, na empresa onde estou, tirava o dobro ou o triplo do salário."*

Uma licenciatura poderia ter evitado que Luís se tornasse um novo pobre.

5.3 Perfil 3: jovens regressados a casa dos pais

Retrato 7: Fernando Almeida - O filho pródigo que não regressou só

Fernando Almeida tem 27 anos e é natural do Porto. Vive em casa dos pais, com sua companheira que é mãe de duas crianças de uma relação anterior. Está desempregado. Seu último trabalho foi na construção civil. Estudou até o 4º ano. É proveniente de uma família com baixos capitais económicos e culturais. Seu pai foi empregado de balcão e sua mãe era empregada doméstica. Emigrou para a Espanha, mas não teve sucesso. Procurou o Coração da Cidade e foi selecionado para o programa Mesa Farta.

Devido ao baixo capital escolar, Fernando começa a trabalhar como aprendiz de padeiro aos 16 anos, num pão quente no Porto. Trabalhava de 8 a 9 horas por dia, em regime noturno. Sentia necessidade de estar com os amigos, mas o horário de trabalho não permitia. "*Com 18, queria era noites, e depois eu não tinha fim de semanas porque meus fins de semana eram na padaria. Eu trabalhava só a noite. Eu começava às quatro da manhã e saia por volta do meio-dia, uma hora."* Depois de 4 anos, despediu-se do pão quente.

Não encontrando emprego em Portugal, emigra para Espanha, para trabalha na construção civil. Esteve um ano e oito meses em Barcelona. Terminado o contrato, volta para Portugal, onde consegue trabalho na construção civil em Braga. Pouco tempo depois, perde o emprego por falência da firma.

Fernando pertence a uma família com poucos recursos materiais. Apesar de sua mãe insistir para que continuasse a estudar, desde cedo demonstra o desinteresse pela escola. *"Eu disse a minha mãe que fazia a quarta classe e depois começava a trabalhar."* A desmotivação de Fernando pela escola, em parte gerada pelas dificuldades matérias da família, é também compartilhada pelos seus 3 irmãos. *"Naquela altura a vida não estava muito boa, não é'? Portanto, nós, irmãos, fomos todos nós trabalhar"*. Sua experiência com a escola é marcada pelo insucesso uma vez que só concluiu 1º ciclo do ensino básico com 15 anos.

Mas as baixas qualificações de Fernando dificultavam ainda mais as possibilidades de arranjar trabalho em Portugal. Depois de um tempo procurando o que fazer em Portugal, Fernando decide emigrar para a Espanha, onde consegue uma vaga, para um trabalha temporário de servente de carpinteiro, na construção civil em Barcelona. Ao fim de 20 meses termina o seu contrato. Retorna a Portugal. A seguir consegue trabalho na construção civil em Braga. *"Eu ia e vinha todos os dias. É uma hora. Ia de comboio, ir e vir é uma hora. Eu vinha sempre nos últimos. Não paravam nos apeadeiros, era mais rápido. Eles iam buscar-me na estação e depois eu ia pro trabalho.*" Mas a firma em Braga acabou por falir, dois anos depois e Fernando ficou novamente desempregado.

Durante o tempo em que esteve a trabalhar em Braga, Fernando conheceu Fátima, uma ajudante de cozinha, mãe de dois filhos. "*Estou solteiro. Tenho uma companheira agora. Ela era ajudante de cozinha, mas está desempregada … tenho*

filhos, ela tem dois filhos, não são meus, mas são dela. Não foi eu que os fiz, mas agora 'tô-os a criar". Depois de algum tempo, foram viver juntos. Pouco antes de Fernando perder o emprego em Braga, sua companheira também foi despedida do restaurante onde trabalhava no Porto. Ainda receberam, por algum tempo, o subsídio de desemprego. *"'Tava ano e meio no fundo de desemprego. Eles não dão mais que ano e meio.***"** Contudo, ao fim do período de concessão dos apoios, Fernando pede ajuda aos pais, que permitem que ele volte para casa, com a companheira e seus dois enteados.

Apesar de não conseguir colocação, Fernando não desiste de procurar trabalho. "*Agente procura, procura e não há nada. … Sempre a pé que é mais rápido. Sempre a procura de trabalho. Bater nas portas. Se agente não arranja no fundo desemprego, não arranja em lado nenhum, tem que se ir bater às portas. A ver se arranja. Uso jornal e internet [para procurar emprego],"*.

O caso de Fernando torna-se muito complicado pelo fato de possuir habilitações muito baixas. Mesmo que consiga arranjar um emprego, certamente vai ter uma remuneração muito baixa, o que o torna um forte candidato a um percurso de pobreza prolongado.

Retrato 8: Rui Nogueira - O cavaleiro errante

Rui,42 anos e é natural da cidade do Porto. Está desempregado e vive com sua mulher em casa de sua mãe, em Ermesinde. Seus pais eram agentes da PSP. Sua mãe está reformada e seu pai foi morto em serviço. Interrompe os estudos com 14 anos (1987), para trabalhar. Com 18 anos, ingressa no serviço militar e na mesma altura, sua namorada anuncia que está grávida. Rui deserta do Exército para ajudar a sua filha que nasceu com problemas de saúde. Como consequência, tem de cumprir mais 3 anos de serviço militar, para não ir preso. A seguir é destacado para combater no Golfo Pérsico. Catorze meses depois, volta para Portugal, com problemas psicológicos. Interna-se, voluntariamente, no Magalhães Lemos. Seis meses depois, está curado. Em 1994 retoma os estudos. Divorcia-se em 1998. Dois anos depois, emigra para os EUA. Trabalhou em Washington e em New Jersey. Volta para Portugal a pedido de sua mãe em 2002. Em Portugal casa-se pela 2ª vez, com uma cidadã brasileira, mas divorcia-se dois meses depois. Volta a emigrar em 2004, mas desta vez vai para o Brasil. Casa-se pela 3ª vez, e novamente, separa-se. Em 2007, muda-se para Porto velho em Rondónia. De Porto Velho, vai para Gil Paraná e depois para Roulim de Moura, onde trabalhou para o prefeito da cidade. Casa-se pela 4ª vez. Mais uma vez, sua mãe pede-lhe ajuda. Rui retorna para Portugal em 2014, deixando sua 4ª mulher grávida no Brasil. Depois de dar a luz, sua mulher segue para Portugal para encontrar-se com Rui. Rui quer voltar para o Brasil, mas quer convencer a sua mãe a ir também.

Rui ficou órfão de pai aos 10 anos de idade (1982), estava cursando o 7º ano. A partir daí, sua mãe teve que arcar com as despesas da casa sozinha. Com 14 anos, no 10º ano, Rui interrompe os seus estudos para começar a trabalhar. Entra para uma empresa de transitários. "*Basicamente, eu andava a entregar os documentos de uma empresa. Portanto ia fazer as entregas para levantar o material que estava na alfândega. É… chamava Transnáutica na altura"*. Um acidente de moto revelou aos responsáveis da empresa a sua menoridade, resultando no seu despedimento.

A seguir, vai trabalhar para a seguradora Tranquilidade, por dois anos. "*Desta vez,* [como] *office-boy. Andava dentro…, portanto, aqui da Tranquilidade, pra cima e pra baixo, dois andares, a entregar documentos. Logo de manhã era entregar a correspondência e tudo mais."*

Em 1991 inscreve-se no serviço militar e vai para Lisboa para fazer um curso de paraquedismo. Entretanto, sua filha nasce com sérios problemas de saúde e precisa de sangue. Rui pede permissão para ir ao Porto, para poder doar sangue à sua filha. O pedido é-lhe recusado, mesmo assim, Rui vai ao Porto, sendo considerado desertor pelo Exército. Como castigo, o tribunal militar obriga-o a fazer mais 3 anos de serviço militar, caso contrário seria preso.

Ainda em 1991, é destacado para combater na Guerra do Golfo. Volta 14 meses depois com problemas de transtorno de *stress* pós traumático[11] (TEPT). Por iniciativa própria, interna-se no hospital psiquiátrico Magalhães Lemos, de onde sai recuperado 6 meses depois. Seu casamento entra em crise. Em 1993, Rui pede o divórcio. Um ano depois retoma os estudos até concluir o ensino secundário no ano 2000. Neste mesmo ano, emigra para os EUA. Primeiramente vai para Washington D.C., onde vai trabalhar na fábrica de componentes informáticos da HP. Em 2001 muda-se para New Jersey, onde fica mais um ano, trabalhando nos serviços de limpeza. *"Trabalhei com* [limpeza]*...quando estavam prontas as casas,* [fazíamos] *as limpezas* [de fim de obra]. *Dava muito mais dinheiro isso, do que as horas todas que eu fazia na HP na samblagem."*

[11] O transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) é um distúrbio da ansiedade caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas físicos, psíquicos e emocionais em decorrência de o portador ter sido vítima ou testemunha de atos violentos ou de situações traumáticas que, em geral, representaram ameaça à sua vida ou à vida de terceiros.

Em 2002 retorna a Portugal, a pedido da mãe, que estava vivendo uma fase difícil. Conhece uma cidadã brasileira, com quem se casa, separando-se 2 meses depois, após descobrir que ela queria apenas conseguir a documentação para residir em Portugal. "*Vi realmente o que estava a passar…*[o que ela queria], *era para pegar o documento, […] uma pessoa acaba por descobrir tudo. Porque o SEF, exatamente como a polícia federal* [no Brasil], *diz tudo o que esta a passar."*

Em 2003 emigra para o Brasil. Em Goiânia encontra-se com uma rapariga que havia conhecido em New Jersey. Vivem juntos numa fazenda perto de Andrelândia por 4 anos. Até que Rui decide ir embora. "*Eu disse assim,* [para ela] *sabe de uma coisa? fica com a casa, o mundo é meu."* Rui vai para Porto Velho, capital de Rondónia, onde não conhece nada, nem ninguém. "*Agora estou completamente desamparado, sem conhecer ninguém, o que que eu faço."* Rui procura ajuda na polícia federal. Mas a sua situação não é muito boa. *"Pois é amigo, você já está aqui há cinco anos, quase seis, e você não tem documento nenhum. E agora?"* Rui é aconselhado a pedir ajuda na Embaixada do México, uma vez que não existe serviço consular de Portugal em Rondónia. Rui consegue a documentação para trabalhar no Brasil. De porto Velho, parte para Gil Paraná. De Gil Paraná, para Roulim de Moura, onde trabalha para o prefeito, que também é o proprietário do maior supermercado da cidade. Em 2012, começa uma nova relação e casa-se pela 4ª vez. Dois anos depois, sua mãe, mais uma vez, precisa da sua ajuda. Embora sua 4ª mulher esteja no início de uma gravidez, Rui parte para Portugal para socorrer sua mãe. Após dar a Luz, sua mulher vai para Portugal. Rui deseja voltar para o Brasil, mas antes quer convencer sua mãe a ir também.

5.4 Perfil 4: desempregado perto da reforma

Retrato 9: Manuel Ribeiro - E a lembrança é que entristece[12]

Manuel Ribeiro, 65 anos, nasceu numa aldeia perto de Vila Real. É casado. Faz dois anos que está desempregado, e sua mulher há três. Vivem numa casa própria. Há três meses, perdeu, tragicamente, uma filha de 23 anos, que pôs termo a própria vida. Mesmo recebendo o subsídio de desemprego, Manuel e sua Mulher não conseguem arcar com as despesas da casa. Por isso, foram pedir ajuda ao Coração da Cidade.

[12] Excerto do poema "Vaga, no Azul Amplo Solta". (Fernando Pessoa *in "Cancioneiro"*, 2002)

Manuel Nasceu em Ribeira de Pena, Vila Real, em 1950. Começou a trabalhar muito cedo nos campos de vinha, ainda era uma criança. Aos 16 anos troca a vida do campo, pela da cidade, e vai para Lisboa. Depois de um ano, vai para Angola, combater na Guerra de Ultramar, onde fica 7 anos. Em 1975, volta para Portugal. Regressa ao trabalho nas vinhas, por mais 6 anos. Mais uma vez abandona o campo e vai para Lisboa. Dessa vez, fica uma ano e meio na capital. A seguir vai para a cidade do Porto (1984), onde casa e tem dois filhos. No Porto, vai trabalhar para o café Porto Trindade, o qual, 30 anos depois, entra em falência, deixando Manuel desempregado.

Para ele, muitas coisas contribuíram para o fecho do café Trindade. Desde a crise financeira, que fechou muitos estabelecimentos, cujos trabalhadores enchiam os restaurantes da baixa do Porto, na hora do almoço. Mas também, o metro do Porto contribuiu para a diminuição da clientela, uma vez que a redução do tempo de viagem permitiu à muitas pessoas almoçarem em casa. "*Aquela casa teve 30 empregados em 1983. Era café, self-service e snack. Chamava-se Porto Trindade. Quando fechou agora, há 2 anos só tinha 4* [empregados]. *Depois o metro também… as pessoas comiam no restaurante. O metro dá facilidade a umas coisas, mas prejudica outras. Havia pessoas que não tinham tempo de comer a casa e comiam ali. Passaram a comer em casa. Muitas pessoas. Por exemplo: uma pessoa morava em Gaia, agora com o metro põe-se lá em 5 minutos ou 10. Antigamente não tinha hipótese. Tudo isso ajudou"*

Manuel já está desempregado há dois anos, e sua mulher há três. Apesar de viverem numa casa própria, ainda têm muitas despesas, que não conseguem suportar, somente com o fundo desemprego. *"A casa é minha, mas só que estava a pagar ao banco. Se pagava ao banco não tinha o suficiente para comer, se comia não tinha o suficiente para pagar ao banco, ficava sem casa. Isso é ainda pior… Tive que pedir ajuda. A casa era rés do chão, eu há 12 anos, antes de começar a crise, fiz obras, pus mais um andar e pedi 7 mil euros ao banco.* […] *Mas a casa também precisava de obras."*

Foram pedir ajuda ao Coração da Cidade, onde entraram para o programa Mesa Farta. *"Foi uma ajuda boa. Foi uma maravilha, depois que vim para cá a minha vida estabilizou. Por exemplo, eu recebo o desemprego [subsídio] mas água, luz, seguro,*

IMI, medicamentos por causa do infarto (50,00€), tenho carta de condução e não tenho carro. Só pra comida isso vai muito [dinheiro] e isto ajuda a estabilizar."

Manuel e sua esposa tiveram dois filhos. O rapaz tem 34 anos, está casado e tem um filho. A rapariga suicidou-se há três meses atrás, com 23 anos. Ela trabalhava no supermercado Continente, mas também, perdeu o trabalho, uma vez que não lhe renovaram o contrato. "*Não existe na vida, dor maior que perder um filho da maneira que eu perdi* […]. *Ela trabalhava no Continente, mas não renovaram contrato, e ela ficou desempregada.* […]. *Mas não foi só isso. Ela zangou-se com o namorado. A partir daí, nunca mais teve nenhum. Ela tinha muita personalidade. Era muito inteligente. […] Mesmo com os amigos, ela tinha um feitio muito especial. Isso de ficar desempregado pode ajudar. Ela ficou sem trabalho, ela viu o futuro dela sem trabalho. O pai sem trabalho, a mãe sem trabalho. Eu não sei o que ela pensou, ela não deixou nada escrito."*

A perda da filha é uma dor constante na vida de Fernando. Não consegue ficar um instante se quer sem pensar na sua menina. Uma menina que passa, ou um animal de estimação de que ela gostava tanto. Tudo lhe traz a filha a memória.

Retrato 10: Armindo da Costa - O vendedor traído pelo coração

Armindo da Costa tem 65 anos. Está divorciado e tem uma filha, com quem não fala há 15 anos. Está desempregado e recebe o RSI. Vive só num quarto alugado no Porto que consegue pagar com a ajuda do Coração da Cidade. Nasceu na aldeia de Casconho perto de Coimbra, onde estudou até a 4ª classe. Com dez anos, interrompe os estudos, para trabalhar no campo com seus pais. Aos 12 anos, vai trabalhar na construção civil. Aos 14 anos retoma os estudos em regime noturno. A seguir, com 16 anos vai para Coimbra, onde frequenta o Curso Comercial e trabalha de dia, na fábrica Vista Alegre. A seguir, entra para o serviço militar com 22 anos. Com o fim do serviço militar, muda de ramo e começa a trabalhar como vendedor de livros, em busca de melhores condições de trabalho. Trabalhou neste ramo 30 anos, passando por diversas empresas: Círculo de Leitores; Os Amigos do Livro; Centro de Promoção Cultural. Em 2004, muda, novamente, de ramo, devido a contração no mercado de livros. Consegue emprego na TV Cabo, onde fica 8 anos. Em 2012, tem um enfarto do miocárdio. Vai para o Porto, onde um segundo ataque impossibilita-o de reingressar no mercado de trabalho.

Armindo pertence a uma família de agricultores. Fez o ensino obrigatório na aldeia (4ª classe). Interrompe os estudos para ajudar seus pais na agricultura. Não gostava do trabalho do campo. Ambicionava tirar um curso profissional. Por isso, decidiu trocar

sua aldeia natal por Coimbra, onde matricula-se no Curso Comercial no turno da noite. Ao mesmo tempo, durante o dia, começa a trabalhar na fábrica da Vista Alegre. As dificuldades em conciliar os estudos, com a dureza do trabalho na fábrica, frustraram o sonho de Armindo: *"eu entrava as 8 da manhã* [na fábrica]*, vivia longe da escola. Chegava a casa meia-noite, meia-noite e tal. Ia a pé, portanto, não é? Ainda ia jantar. […] E muitas vezes estávamos na escola a noite e os olhos pesavam. […] Não conseguia conciliar a nível de aproveitamento total, e depois...também se meteram pelo meio as raparigas, etc... Conclusão, fui para a tropa com o nono ano incompleto."*

Armindo é convocado para o serviço militar em 1972. Nessa altura, já fazia 10 anos que Portugal estava em guerra com as ex-colónias. Mas graças a sua mãe não é convocado para combater no ultramar. *"E eu queria mesmo ir, mas minha mãe lá [usou suas influências] mesmo até contra a minha vontade… Não pode, já viste filho, vai fazer seis anos de tropa, seis anos e mais isto."* A seguir o serviço militar, Armindo fica mais um mês e meio na fábrica da Vista Alegre, onde sente que está sendo explorado. Então, decide mudar de ramo. Responde um anúncio do Diário de Coimbra e entra como vendedor do Círculo de Leitores, onde trabalha por 7 anos. *"Um dia […] um colega meu que acabou por sair nessa altura, […] veio mostrar-me […] o Diário de Coimbra, aonde vinha um anúncio […] fui a entrevista. […] Dois dias depois, fui admitido para o Circulo de Leitores, que na altura estava a chegar a Portugal. Fui ganhar muito bem, foi uma volta muito grande que a minha vida deu."*

Enquanto esteve no Círculo de Leitores, casou e teve uma filha. Em 1981 começa a trabalhar numa nova empresa chamada "Os Amigos do Livro" onde ficou dois anos. A seguir entra para uma empresa que dava cursos à distância, onde fica por sete anos. Quando saiu, era já o responsável máximo. Depois disso, foi para uma empresa a qual não revelou o nome. Dez anos depois de estar nesta empresa, o mercado do livro começa a contrair. *"Depois entretanto, com os sinais dos tempos, a área livreira começou em decadência, veio a net, veio...tudo já em CDs. Portanto já é como hoje, hoje quase que não se vê daquilo que agente fazia"*

Em 2000, um enfarte do miocárdio obriga-o a ficar parado 2 anos. Após o que muda de ramos mais uma vez. *"E então deixei [*de vender livros*], há entretanto, pelo meio, tive um problema de saúde grave. […] Estive, cerca de dois anos, parado. E quando resolvi começar, quando senti-me em condições para começar, fui ver no que*

que me ia agarrar. Já tinha decidido [mudar de ramo], porque entretanto [todos os meus colegas] estavam a fugir do meio porque, prontos...não estava a dar. Já estava a começar em decadência"

Recuperado da doença em 2002, Arlindo começa a trabalhar na TV Cabo (empresa pioneira na transmissão por cabo em Portugal), onde assume uma função de chefia. Mas isso não significou uma melhoria remuneratória, como também não melhorou as condições de trabalho. A empresa exigia o cumprimento de objetivos cada vez mais ambiciosos. Arlindo passa a viver um ritmo de trabalho estressante. Dez anos depois, após transferir-se para o Porto, sofre o segundo ataque do miocárdio. Ainda tem a esperança de poder voltar a trabalhar. "*Estou a espera que o meu cardiologista, que é de Coimbra* [me autorize trabalhar]. […] *Aqui* [no Porto] *também não querem que eu vá trabalhar. Mas eu tenho que ir à guerra, tenho que ir a luta. Eu não quero continuar [sem trabalhar], quero voltar a vida que tinha, quero voltar a minha forma de viver que tinha, a minha paz de espírito.*"

Armindo, atualmente vive apenas com o RSI, que mal dá para pagar o aluguel do quarto. Por isso, não pode prescindir das ajudas alimentícias do Coração da Cidade.

Capítulo 6 - Caracterização dos Retratos Sociológicos (analise horizontal e vertical)

A nossa coleta dos dados restringiu-se a uma amostra de 10 indivíduos novos pobres que recorrem a ajuda da Instituição portuense de solidariedade social Coração da Cidade, escolhidos de forma não alheatória, mediante 4 perfis de novos pobres (três previamente definidos em nosso projeto de investigação e um definido a posteriori). A partir das entrevistas criamos os retratos sociológicos - metodologia inspirada em Bernard Lahire e que visa resgatar a pluralidade disposicional e contextual das práticas sociais (Nunes, 2012).

Quadro 5 - Dimensões de caraterização dos retratos sociológicos

Nº	Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Reda	Pai	Mãe	Origens sociais
Perfil 1 - Reformados Carente								
1	Manuel Tavares	74	Nenhuma	Estucador	300,00	Agricultor	Agricultor	Operário industrial e agrícola
2	Alzira Mota	70	4ª Classe	Costureira	331,00	Carcereiro	Doméstica	Pequena burguesia técnica e de enquadramento
3	Emanuel Souza	72	5ª Classe elementar	Tomador de seguros	280,00	Tomador de seguros	Doméstica	Pequena burguesia técnica e de enquadramento
Perfil 2 - Trabalhador Precário								
4	Cláudia Pereira	41	3ª Classe	Limpeza	505,00	Carregador de tecidos	Doméstica	Pequena burguesia de execução
5	Helena Carneiro	56	12º Ano	Contabilista	Montante irregular	Carpinteiro de moldes	Doméstica	Pequena burguesia técnica e de enquadramento
6	Luís Seabra	51	12º Ano	Fiscal	505,00	Empregado de balcão	Ajudante de cozinha	Pequena burguesia de execução
Perfil 3 – Jovens Regressados a Casa dos Pais								
7	Fenando Almeida	26	4ª Classe	Confeiteiro	Sem renda	Empregado de balcão	Empregada doméstica	Pequena burguesia de execução
8	Rui Nogueira	41	11º Ano	Segurança	Sem renda	PSP	PSP	Pequena burguesia técnica e de enquadramento
Perfil 4 - Desempregado Perto da Reforma								
9	Manuel Ribeiro	65	Nenhuma	Empregado de mesa	450,00	Agricultor	Agricultor	Operariado agrícola
10	Armindo da Costa	65	5ª Classe do elementar	Vendedor	RSI	Agricultor	Agricultor	Operariado agrícola

6.1 Perfis dos retratos sociológicos

Como se pode observar no quadro1, acima, propomos 4 categorias de retratos sociológicos: 1- *Reformados Carentes, 2- Trabalhadores Precários, 3 - Jovens Regressados à Casa dos Pais; Desempregados Perto da Reforma.* O primeiro perfil (*Reformados Carentes*) refere-se àquelas pessoas reformadas, cuja pensão não lhes

permite viver acima do limiar da pobreza. O segundo grupo (*Trabalhadores Precários)* refere-se às pessoas que estão inseridas no mercado de trabalho precariamente com ordenados mais baixos, menos benefícios sociais e sem segurança no emprego. O que resulta numa deficiente estabilidade laboral e no aumento do risco de pobreza. A terceira categoria (*Jovens Regressados À Casa Dos Pais*) enquadra os jovens que após consumarem a passagem para a vida adulta, pela conquista da independência económica, através da estrada no mercado de trabalho e saída da casa dos pais, sofrem um retrocesso, ocasionado por processos de precarização laboral e/ou desvinculação do mercado de trabalho, tendo por isso, que voltar a viver com os progenitores. Finamente, o 4º grupo (*Desempregados Perto Da Reforma*), inicialmente, não estava previsto em nosso projeto de investigação. Contudo, encontramos evidências empíricas, que justificassem a introdução de mais este tipo. Este perfil refere-se a um conjunto específico de desempregados sem apoios sociais, com idade próxima da reforma, os quais enfrentam enormes obstáculo para regressarem ao mercado de trabalho, devido sobretudo à idade avançada, a baixa oferta de emprego e também ao baixo capital escolar.

6.2 Recursos

Com base na análise do conteúdo das entrevistas, constatamos que os recursos dos novos pobres entrevistados (seja salário, subsídio de desemprego, pensões, RSI, complemento solidário para idosos) não ultrapassam o equivalente a um salário mínimo nacional. Sendo que 2 indivíduos não recebem qualquer rendimento, nem apoios sociais, ou de outra ordem (ver quadro 1, nºs 7 e 8), um recebe o RSI (ver quadro 1, nº 10). Três pessoas recebem na faixa dos 300,00 euros/mês (ver quadro 1, nºs 1, 2 e 3). Somente duas pessoas recebem salário mínimo nacional (ver quadro 1, nºs 4 e 6). Um entrevistado não recebia um montante regular (ver quadro 1, nº 5).

Com referência ao capital escolar dos progenitores dos entrevistados, os retratos revelaram uma baixa escolaridade para a maioria dos pais dos novos pobres. Podemos verificar, no quadro 1 que, todos os pais e mães dos novos pobres exerceram atividades profissionais de baixa ou nenhuma qualificação. Assim das 10 mães, 4 foram donas de casa, 3 conjugavam as atividades domesticas com a agricultura de subsistência. Uma foi ajudante de cozinha, uma empregada doméstica e uma Agente da PSP. No que se refere aos pais dos entrevistados, três são agricultores, dois empregados de balção, um agente

da PSP, um carcereiro, um tomador de seguros, um carpinteiro de moldes e um carregador de tecidos.

A análise do capital económico de origem e escolar dos nossos retratos sociológicos torna-se importante, uma vez que estes capitais, tanto definem como são definidos pelas classes sociais. Por sua vez, as origens sociais dos indivíduos entrevistados parecem influenciar negativamente os seus desempenhos escolares. "Há diversas perspectivas teóricas sobre a natureza da educação e as suas implicações na desigualdade" (Giddens, 2010, p. 514). Segundo Bernstein, as crianças das variadas origens sociais desenvolvem códigos ou maneiras de falar que vão ter reflexos nos seus percursos escolares. Por exemplo: "o discurso das crianças da classe trabalhadora (…) representa um «código restrito» " (idem), ou seja, uma forma de linguagem na qual são usadas frases curtas e simples, com pouco pormenor ou precisão de conceitos e informação. Este código restrito é mais adequado para comunicações sobre experiencias práticas. Por outro lado, Bernstein defende que as crianças da classe média vão possuir uma linguagem mais desenvolvida, ou seja, um «código elaborado», onde " a criança é capaz de generalizar e expressar ideias abstratas mais facilmente" (idem). Dessa forma, as crianças da classe média estariam mais preparadas para as exigências do ensino escolar do que as crianças da classe baixa. Dessa forma, a escola vai se tornar um difícil obstáculo para os indivíduos menos favorecidos "Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. Conferindo uma sanção que se pretende neutra, e que é altamente reconhecida como tal, as aptidões socialmente condicionadas que trata como desigualdades de 'dons' ou de mérito, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em 'distinção de qualidade', e legitima a transmissão da herança cultural" (Bourdieu, 1999, p. 58).

6.3 Origens sociais

Fazendo o cruzamento das profissões dos pais dos entrevistados, segundo a Matriz de Construção dos Lugares de Classe de Família/Classe de Origem de João Ferreira de Almeida e António Firmino da Costa (Costa, 2005), chegamos as seguintes conclusões: 7 novos pobres retratados pertencem à classe da pequena burguesia, sedo que desses 3 pertencem à subclasse da pequena burguesia de execução e os outros 4 à

pequena burguesia técnicas e de enquadramento). Os restantes 3 indivíduos pertencem a classe do operariado agrícola. Por sua vez, a situação de classe dos entrevistados está dividida da seguinte forma: 4 dos agentes entrevistados pertencem à pequena burguesia de execução, 4 à classe da pequena burguesia técnica e de enquadramento e 1 à classe operária (ver quadro 1). Assim, somente em dois casos houve, efetivamente, mobilidade social ascendente, do ponto de vista transgeracional, como podemos verificar no quadro 1, nos retratos nº9 (Manuel Ribeiro) e nº10 (Armindo da Costa).

Constatámos em nossos retratos a tese de Bourdieu que defende que a escola contribui para a reprodução social, mais do que para a mobilidade social onde os alunos "não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar." (Nogueira e Nogueira, 2002, p.18)

Dessa forma, encontramos em nossos retratos sociológicos, aquilo que Bourdieu definiu como "causalidade do provável", porque existe uma tendência em "favorecer o ajustamento das esperanças às oportunidades, constitui decerto um dos fatores mais poderosos de conservação da ordem social" (Bourdieu,1997, p. 283).

6.4 Convergências e divergências

Dando um novo passo analítico vamos tentar perceber as convergências e divergências existentes nos retratos sociológicos, com base nas 6 dimensões, por nós definidas. Os nossos retratos sociológicos foram feitos a partir de 10 entrevistas aplicadas a pessoas em situação de nova pobreza, no Coração da Cidade. Do ponto de vista socio demográfico, no nosso universo de entrevistados há uma predominância do sexo masculino (7 homens e 3 mulheres). Metade das histórias de vida tem como protagonistas pessoas com mais de 65 anos. A outra metade, apresenta apenas uma pessoa com menos de 41 anos. Isso evidencia um público envelhecido, o que é confirmado pela idade média da amostra que é de 56 anos. Com respeito a dicotomia rural/urbano, temos que dos dez entrevistados, três são oriundos do meio rural e sete do meio urbano, sendo que desses, 5 nasceram no Porto.

Quadro 6 - Análise horizontal dos retratos sociológicos por dimensões de esferas de vida

Dimensões	Semelhanças	Dissemelhanças
Percurso Académico	Nenhum dos entrevistados tem nível superior.	Percebemos um conjunto de percursos académicos muito heterogêneo: há 2 indivíduos sem escolaridade, 2 indivíduos com a 4ª classe e 2 com a 5ª classe do ciclo elementar. Um com o 3º ano do ensino básico, 1 com o 11º ano e 2 com o 12º ano do ensino secundário.
Percurso Profissional .	A maioria dos percursos profissionais dos entrevistados é caracterizada pela precariedade laboral.	Mutações e configurações no mercado de trabalho que resulta em novas exigências no mercado de trabalho. Manuel Tavares - Sua profissão deixa de ser reconhecida devido aos avanços tecnológicos, Helena Lagarto é vítima de um processo de desqualificação por falta de *up grade*, que resulta num processo de mobilidade social descendente., Armindo da Costa foi vítima da crise no mercado livreiro causada pelas inovações tecnológicas na área informática. **Percurso estável**: Armindo da Costa foi vendedor de livros durante 30 anos Manuel Ribeiro foi empregado de mesa por 30 anos Alzira Mota trabalhou toda vida como costureira. Luís Seabra trabalha a mais de 20 anos nas Águas do Porto
Percurso de Saúde	Seis entrevistados não tiveram problemas de saúde.	Os problemas de saúde contribuíram para uma situação de pobreza: Alzira Mota ficou cega da vista esquerda. Helena Lagarto perdeu a visão temporariamente. Armindo da Costa teve um ataque do coração.
Percurso Familiar		Os problemas familiares foram decisivos para a situação de pobreza de Manuel Tavares (vulnerabilização pela via conjugal).
Percurso habitação	Predominância de habitações alugadas sejam apartamento, casa ou quartos.	Só dois agentes sociais possuem casa própria, embora ambos ainda paguem os empréstimos bancários. Manuel Ribeiro e Luís Seabra.

Como podemos observar no quadro 2 acima, selecionamos 6 dimensões para a análise horizontal dos retratos sociológicos. Escolhemos os aspetos que parecem ser mais relevantes para categorizar as semelhanças e dissemelhanças nos diversos retratos sociológicos. Assim sendo, temos as seguintes dimensões: *Percurso Acadêmico*; *Percurso Profissional*; *Percurso de saúde*; *Percurso Familiar*; *Percurso Habitação*.

No que se refere ao *Percurso Académico*, verificamos uma convergência em relação ao baixo capital educacional, que é praticamente transversal ao conjunto dos retratos sociológicos. Isso sugere uma relação entre o baixo capital escolar dos agentes sociais carenciados e a sua origem social. Porém, é curioso notar que mesmo tratando-se de um baixo capital escolar e uma origem social modesta, observamos que dos 10 indivíduos entrevistados, 4 tiveram uma carreira profissional acima dos 20 anos (o que pode ser considerado uma carreira estável).

Quanto ao grau de escolaridade, nossa pesquisa teve o seguinte resultado: dos 10 retratos sociais, 7 tiveram escolaridade até o nível de ensino básico, sendo que, duas pessoas nunca estiveram inscritas numa instituição escolar e somente três cursaram o

ensino secundário. Contudo, no conjunto dos níveis mais baixos de escolaridade, há uma variedade de percursos dissemelhantes como podemos verificar no quadro 1. Ou seja, há pessoas que nunca estudaram (Manuel Tavares e Manuel Ribeiro, nºs 1 e 9), pessoas que completaram a 5ª classe do curso elementar (Emanuel Sousa e Armindo da Costa, nºs 3 e 10), pessoas que concluíram o 12º ano do ensino secundário (Helena Carneiro e Luís Seabra, nºs 5 e 6)[13].

Com relação aos *Percursos Profissionais*, observamos que estes são marcados, na sua maioria, por processos de precariedade, resultante principalmente de baixos níveis de escolaridade, e/ou instabilidade laboral, e/ou baixos salários. Mas existem também processos de mutações e reconfigurações do mercado de trabalho, que resultam em novas exigências, as quais os indivíduos são apanhados desprevenidos. Como é o caso de Manuel Tavares, Helena Lagarto e Armindo da Costa (ver quadro 1, nºs 1, 5 e 10). A profissão de estucador de Manuel Tavares perde reconhecimento em decorrência do avanço tecnológico, uma vez que as peças em gesso passam a ser confecionadas por máquinas; Helena tinha o Curso comercial que a credenciava exercer a profissão de contabilista. As transformações no mercado trabalho exigem-lhe agora uma licenciatura para continuar na mesma atividade. Como Helena não pôde fazer o *up grade* para Técnica Oficial de Contas, acabou por ser desqualificada, sofrendo um processo de mobilidade social descendente.

Contudo, encontramos três retratos cujos percursos profissionais são estáveis, embora se trate de pessoas com baixo capital educacional. Assim, Alzira Mota estudou até a 4ª classe do ensino elementar, mas trabalhou como costureira toda sua vida, só interrompendo sua atividade laboral por problemas de saúde na vista esquerda; Cláudia Pereira tem o 3º ano do ensino básico e sempre trabalhou como empregada doméstica. Manuel Ribeiro nunca esteve inscrito num estabelecimento escolar, mas trabalhou no mesmo café durante 30 anos.

Alguns retratos revelam a importância da dimensão da saúde para a permanência no mercado de trabalho, o que levou a criação da categoria *Percurso de Saúde*. Nesta esfera, podemos constatar, pela análise dos retratos, que a maioria dos casos não

[13] Helena Carneiro e Luís Seabra mostraram-se arrependidos por não terem seguido o ensino superior. Luís Seabra refere se tivesse um curso superior, estaria recebendo o dobro do salário que ganha atualmente. Helena Carneiro, por sua vez, afirmou que com a licenciatura de Técnica Oficial de Contas, poderia continuar exercendo as atividades na área da contabilidade.

apresentara problemas graves de saúde. Todavia, em três indivíduos este percurso foi crucial para a desvinculação do mercado de trabalho. No caso de Alzira Mota uma operação de catarata resultou na cegueira parcial de um dos olhos, o que impossibilitou-a de continuar trabalhando como costureira. Por sua vez, os problemas de coluna de Manuel Tavares o impediram de continuar trabalhando na construção civil em Espanha. E finalmente, Armindo da Costa, depois do segundo infarto do miocárdio, ficou impossibilitado de trabalhar, enquanto não tiver autorização de seu médico.

No que se refere ao *Percurso Familiar,* metade dos entrevistados são divorciados. Com respeito ao tipo de família, há em nossa amostra três famílias nucleares, três unipessoais, uma monoparental e três alargadas ou extensas. As três famílias unipessoais são compostas por indivíduos divorciados do sexo masculino. Um destes três casos de separação resultou num processo de vulnerabilização pela via conjugal, que se substanciou num percurso de pobreza estrema que durou 20 anos. Foi o caso de Manuel Tavares que, depois da separação, iniciou uma carreira de alcoólatra, que o levou ao desemprego, e consequente expulsão da Africa do Sul, país onde estava imigrado. Defendemos existir aqui uma relação entre o comportamento anómico de Manuel Tavares com o enfraquecimento dos seus laços sociais os quais, segundo Travis Hirschi são um elemento central para o equilíbrio social. Assim, a delinquência seria o resultado de um conjunto de mecanismos de regulação enfraquecidos e de um baixo controlo. (Travis Hirschi, 2009). Contudo, poderá haver outros fatores como por exemplo o domínio "ecológico desenvolvimental" (Broffenbrenner, 1996) como são a organização, localização, condições espaciais e humanas do país em que se vive, dos valores culturais de uma sociedade, e que influenciam a ocorrência de comportamentos desviantes.

Na categoria *Percurso Habitação,* constatamos pela análise de nossos retratos que a maioria dos casos não vive em habitação própria. Há três casos de homens, acima dos 65 anos que vivem sós em quartos alugados (Manuel Tavares, Emanuel Sousa e Armindo da Costa). Há dois casos de mulheres que vivem em apartamentos alugados (Alzira Mota e Helena Lagarto). Alzira é viúva e vive com o filho e uma neta. Helena Lagarto vive com o marido e filho. Há, também, dois casos de pessoas que moram em casa própria. Luís Seabra vive num apartamento com mulher e filho. Manuel Ribeiro habita uma casa com a esposa. Finalmente, Cláudia Pereira mora numa habitação social com seus filhos.

6.5 Análise Vertical

Retrato 1: Manuel Tavares

Neste retrato, o trajeto de vida é definido por três categorias estabelecidas na análise horizontal. Assim, o coeficiente de singularidade de Manuel Tavares é constituído pelos percursos: *Percurso Família*, *Percurso de saúde* e *Percurso Profissional*.

Primeiramente, na dimensão *Percurso Familiar*, o fim da relação conjugal deu origem a um primeiro estado de encruzilhada no percurso de vida de Manuel Tavares, no sentido em que marcou uma virada para um processo de desqualificação social, causado pela perda do controle emocional, em consequência da desestruturação familiar. Segundo Durkheim, a família, ocupa neste processo um papel crucial face à possibilidade dos agentes adotarem uma postura conformista, uma vez que é a principal estrutura de socialização e construção identitária do sujeito bem como de controlo informal (Ferreira, C. et al, 1995). Dessa forma, a dificuldade em aceitar um novo ciclo de vida conduziu Manuel a um processo de dependência alcoólica, que por sua vez resultou na perda do trabalho, seguida da expulsão da Africa do Sul, país onde estava emigrado, por impossibilidade de renovação de visto. Todas estas situações anteriores conduziram Manuel a um afastamento das redes de relação familiar, e de amizade, conduzindo-o a um estado de bifurcação que o manteve durante 20 anos na condição de sem-abrigo.

Por sua vez, a dimensão *Percurso Profissional* foi também importante para o trajeto de Manuel que após ter superado os problemas de alcoolismo, emigra para a Espanha onde volta a ter uma vida normal. Neste país, as mutações e reconfigurações no mercado de trabalho, provocadas pelo avanço tecnológico, levou à perda de reconhecimento da profissão de estucador, tornando a profissão de Manuel, que antes era muito valorizada, num atividade obsoleta. Assim, foi obrigado a fazer trabalhos menos qualificados, de muito baixa remuneração, o que configurou uma mobilidade social descendente, em relação ao nível de vida que tinha em Joanesburgo.

Para finalizar a construção do coeficiente de singularidade de Manuel, a categoria *Percurso de Saúde* liga-se a sua segunda viragem de volta a uma situação de precariedade, causada pela impossibilidade de continuar trabalhando na construção civil

em Espanha, devido a problemas na coluna vertebral. As conjugações desses 3 percursos são fundamentais para a explicação e caracterização das suas condições sociais e do seu trajeto de vida até a condição de novo pobre.

Retrato 2: Alzira Mota

No caso de Alzira Mota, o trajeto para uma carreira de novo pobre é condicionado pelo *Percurso de Saúde.* Embora, Alzira tivesse vivido sempre muito próximo do limiar de pobreza, visto que sempre trabalhou como costureira autónoma. O aparecimento de um glaucoma levou-a a fazer uma operação que resultou na perda parcial da visão do olho esquerdo. Consequentemente, Alzira teve que interromper as suas atividades profissionais. O subsídio de velhice e a baixa pensão que recebe pela morte do marido não lhe permitem que viva acima do limiar da pobreza.

Retrato 3: Emanuel Sousa

A grande especificidade na trajetória de vida de Emanuel Sousa está relacionada com o fato de ter de abandonar Angola, onde estava emigrado desde os 11 anos idade. Os problemas internos em Angola e o difícil processo de independência forçaram Emanuel a voltar para Portugal, onde perdeu não apenas o seu posto de trabalho, como também todos os anos de descontos que lhe dariam direito a uma reforma condigna. Assim sendo, o coeficiente de singularidade no percurso para a nova pobreza de Emanuel está muito relacionado com *Percurso Profissional.*

Retrato 4: Cláudia Pereira

A grande especificidade do caso de Cláudia Pereira assenta, principalmente, na dimensão *Percurso Académico.* O seu baixo capital escolar não lhe permitiu uma mobilidade social ascendente, ou seja, trabalhou sempre numa profissão desqualificada (empregada doméstica). Por sua vez, esta mobilidade se tornou ainda mais difícil, devido ao baixo capital económico e social da sua família. O retrato de Cláudia reflete uma "nova pobreza" com muitos traços de pobreza tradicional: sua família

monoparental é numerosa. Os percursos de toxicodependência dos irmãos e ex-marido são também reflexos de uma pobreza estrema e prolongada.

Retrato 5: Helena Carneiro

Aquilo que nos parece mais específico no retrato sociológico de Helena Carneiro são as categorias *Percurso Académico* e *Percurso Profissional.* Isto porque, o contexto de crise económico-financeira resultou na dissolução do grupo de empresas em que Helena trabalhava como contabilista. Por conseguinte, as mudanças no mercado de trabalho resultaram em novas exigências em termos de quilificações que impediram Helena de voltar a trabalhar como contabilista, o que levou a uma mobilidade social descendente. No plano do *Percurso Académico* Helena foi vítima do Serviço Cívico Estudantil que impediu a sua entrada no Instituto Superior de contabilidade e Administração do Porto (ISCAP), onde pretendia fazer o curso de Técnico Oficial de Contas.

Retrato 6: Luís Seabra

O retrato de Luís Seabra está mais especificado pela dimensão *Percurso Académico.* O próprio tem consciência de que se tivesse investido num curso superior não estaria passando por uma situação de dificuldade económica, agravada pelo desemprego temporário de sua mulher. Ou seja, com uma licenciatura, poderia ter uma melhor remuneração, sendo promovido para um escalão mais alto na companhia das Aguas do Porto, onde já está efetivo a mais de 20 anos. Como isso não aconteceu, e apesar de sua mulher voltar a trabalhar, ainda não consegue aguentar todas as despesas da casa sem a ajuda do Coração da Cidade.

Retrato 7: Fernando Almeida

No caso de Fernando Almeida, a dimensão *Percurso Académico* foi a que mais contribuiu para o seu coeficiente de singularidade, ou seja, foi a que mais influenciou a sua situação de nova pobreza, fazendo com que voltasse a viver em casa dos pais. Mas

também não se pode descartar o baixo capital económico da sua família, que o fez desistir dos estudos ao fim do 4º ano do ensino básico, para começar a trabalhar como aprendiz numa padaria. Fernando tem apenas 27 anos, mas não vê em seus horizontes qualquer hipótese de voltar a estudar. Seu único interesse, atualmente é arranjar um trabalho, para poder voltar a viver independentemente com sua mulher e seus dois enteados.

Retrato 8: Rui Nogueira

O coeficiente de singularidade no caso de Rui Nogueira assenta, sobretudo, na dimensão *Percurso Familiar*. Rui sofreu a perda do pai quando tinha 10 anos, o qual foi morto em serviço, numa operação policial no Porto. "A perda de um dos progenitores pode significar o ruir de apoio económico e de acompanhamento metódico nos modos de estudar" (Lopes e Costa, 2012). As dificuldades resultantes dessa tragédia familiar fazem com que Rui interrompa os estudos para trabalhar aos 14 anos. Um outro fator importante, ainda falando na dimensão familiar, relaciona-se com a dificuldade deste agente social, em estabilizar uma relação conjugal. Rui separou-se por 3 vezes e já vai no quarto casamento. No primeiro casamento, deixou um apartamento para a sua primeira mulher e filha. No terceiro casamento Rui também abdicou de mais uma casa. Todas estas separações levaram Rui a uma espécie de "eterno retorno", estando preso a um único ciclo de vida que se vai repetindo, não permitindo a sua normal evolução nas várias fazes da vida. Ou seja, a cada novo casamento Rui tem que passar pelas exigências próprias dessa faze: montar casa, ter filhos etc.

Retrato 9: Manuel Ribeiro

A história de vida de Manuel Ribeiro apresenta como coeficiente de singularidade a dimensão *Percurso Académico.* Mas pela negativa, uma vez que este agente social nunca esteve ligado a nenhuma instituição escolar. Todavia, teve uma vida profissional consideravelmente estável, tendo trabalhado durante trinta anos no mesmo café. Esta estabilidade possibilitou a aquisição de uma casa própria, a qual já está paga. Desta forma, não teria mais nenhum encargo, se não tivesse optado em contrair um novo empréstimo para fazer melhoramentos na casa. Se adivinhasse que, tanto ele como a sua mulher, fossem ficar desempregados, jamais teria feito as obras. Atualmente já esta

reformado, mas só consegue pagar as prestações do empréstimo bancário e as despesas da casa com a ajuda do Coração da Cidade.

Retrato 10: Armindo da Costa

O coeficiente de singularidade de Armindo da Costa é composto pelas dimensões *Percurso Profissional* e *Percurso de saúde*. Armindo após fazer o curso comercial deixa de trabalhar na fábrica da vista alegre, para começar a trabalhar na venda de livros. Tal fato caracterizou uma mobilidade social ascendente no seu percurso de vida, ou seja, passou de um serviço manual com pouca autonomia e elevado controle, para um serviço mental, mais reconhecido, com melhores condições de trabalho e melhor remuneração. Sentia-se realizado nesta atividade até o dia em que os avanços tecnológicos na área informática começaram a baixar as vendas dos livros. Paralelamente à esta mudança no mercado de trabalho, Armindo vai ser vitimado por dois ataques cardíacos.

Conclusão

Os dados estatísticos sobre a situação da sociedade portuguesa demonstram que o país vive hoje uma situação dramática do ponto de vista social, com milhares de pessoas vivendo com dificuldades. Neste quadro, o desemprego representa hoje uma das principais causas do fenómeno da nova pobreza que é resultante de mudanças estruturais na economia portuguesa, nomeadamente as novas formas de divisão do trabalho, originada pela inovação tecnológica (robótica e informática) a qual eliminou milhares de postos de trabalho e ainda pelas políticas de liberalização económica, através das privatizações e desregulamentação do mercado de trabalho. Atualmente existem mais de 700 mil desempregados em Portugal. Este número coloca Portugal entre os 5 países mais desiguais da comunidade europeia. Um país onde os 10% de pessoas mais ricas da população ganha 11 vezes mais que os 10% mais pobre, o que demostra uma fraca divisão da riqueza que resulta na progressiva diluição dos estratos médios da sociedade, originando uma sociedade cada vez mais dualizada.

Diante deste cenário altamente desfavorável, pensamos que o Estado português não pode fugir às suas responsabilidades, uma vez que milhares de pessoas dependem das prestações sociais, para enfrentarem as adversidades provocadas, principalmente pela desvinculação do mercado de trabalho. As transferências sociais são, assim, responsáveis por uma redução de mais de 50% das taxas de risco de pobreza.

É certo que as despesas da Segurança Social com as transferências sociais em Portugal nunca deixaram de crescer. Mas também não é menos certo que o desemprego cresceu ainda mais. Atualmente, mais da metade dos desempregados não recebe qualquer apoio do Estado português. São mais de 400 mil carenciados que dependem do terceiro setor para satisfazerem as suas necessidades básicas.

Com quase 20 anos de existência, o Coração da Cidade sobrevive da boa vontade do setor privado, através da receita de cotas dos associados e de doações de bens que abastecem o mercado social e as lojas sociais. Contudo, estas fontes de renda não são suficientes para cobrir todas as despesas da instituição. Para se ter uma ideia, as despesas fixas do Coração da Cidade rondam, atualmente, os 25.000,00€/mês.

O Coração da Cidade possui perto de 4000 utentes, sendo que a maioria faz parte do programa Vidas em Risco (perto de 3200 indivíduos), os restantes estão no programa Mesa Farta. Atualmente, a grande mola impulsionadora do Coração da Cidade são as grandes superfícies que doam alimentos para a instituição. Todo o trabalho realizado nesta instituição é feito por voluntários. Não há propriamente uma divisão de trabalho hierarquizada. Todos trabalham em prol de uma única causa que se resume no lema da instituição: "*mais importante que verbalizar doutrinas, é humanizar atitudes"*. Esta humanização dar-se-ia através do empoderamento dos novos pobres, como podemos perceber nas palavras da presidente da instituição: "*nós viemos não para fazer caridade, mas para fazer humanização"*. Contudo, apesar da boa vontade de todos as pessoas envolvidas neste projeto social, que impede que centenas de famílias passem fome, ou se tornem sem-abrigos, percebemos que o Coração da Cidade na prática quase não realiza uma mudança efetiva na vida de seus utentes, no sentido de os libertarem da dependência. Isso porque as dificuldades materiais impossibilitam a realização de grande parte dos programas, como, aliás refere Lassalete Piedade: "*nós temos muitos programas, muitos. A maior parte não está a funcionar porque precisava de apoios e os governos não nos dão apoio*". Muitos dos programas do Coração da Cidade, que não estão ativos, estão vocacionados para a área educacional.

Como é sabido, a mobilidade social ascendente nas sociedades modernas dá-se, sobretudo, pela aquisição de capital escolar. Esta hipótese é confirmada, de forma negativa em nossa amostra, onde a maioria dos retratos sociológicos dos novos pobres apresentaram um baixo nível de escolaridade. Outro fator transversal aos nossos retratos relaciona-se com a origem social dos agentes entrevistados. Assim, quase todos os novos pobres, por nós analisados, são provenientes de famílias com baixo capital económico. O *deficit* educacional e económico produz um conjunto de disposições que dificultam, ainda mais, a adaptação a uma mudança brusca para um contexto adverso. Ou seja, a dificuldade dos agentes em se adaptarem, rapidamente, a uma situação desfavorável, os torna ainda mais vulneráveis, o que por sua vez, pode dar início a carreiras de nova pobreza.

Nossos retratos sociológicos nos mostram que a nova pobreza, assim como a pobreza tradicional, é um fenómeno complexo, formada por um grupo marcadamente heterogéneo, cujos trajetos individuais para a desclassificação social são feitos na sua maioria pela combinação de diversos fatores, os quais produzem trajetórias de vidas

singulares. Deste modo, os perfis “idosos reformados” e “idosos perto da idade da reforma” possuem níveis de vulnerabilidade semelhantes, uma vez que as possibilidades de voltarem para o mercado de trabalho são praticamente nulas. Não apenas pela dificuldade de se adaptarem as transformações do mundo laboral, mas também porque concorrem com os mais jovens a um número cada vez menor de postos de trabalho. O perfil “trabalhadores precários” apresenta um menor grau de vulnerabilidade em relação aos outros perfis. Observamos que, neste grupo, existe uma maior, embora relativa, possibilidade de sair da condição de pobreza, uma vez que, através do trabalho, mesmo sendo precário, este grupo mantem-se vinculado aos diversos sistemas sociais, como por exemplo, o sistema de bens e serviços, laços sociais e de amizade.

Os nossos retratos sociológicos apontam para uma pluralidade de novos pobres que reúne agentes sociais com variados níveis de capital social resultando num conjunto diferenciado de percursos para a nova pobreza, os quais requerem uma forma de combate diferenciada por parte das instituições e do estado, o que torna ainda mais difícil uma ação que restitua aos agentes desclassificados uma vida independente e autónoma. Isto contribui, ainda mais, para a existência do carater híbrido do Coração da Cidade, em cujos discursos e práticas vamos encontrar, ao mesmo tempo, elementos de emancipação, assistencialismo e de controlo social.

7 Referências bibliográficas

Almeida, João Ferreira de (1992) *Exclusão social: fatores e tipos de pobreza em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Becker, Howard Saul (2008) *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.

Bloomberg, Linda Dale, Marie Volpe (2008) *Completing your qualitative dissertation*, Los Angeles, London, Delhi, Singapore, Sage Publications.

Bourdieu, Pierre (1998) *Meditações Pascalianas, Oeiras*, Celta Editora.

Bourdieu, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J.-C. (1999) *A profissão de sociólogo:preliminares epistemológicas*, Petrópolis, Vozes.

Bourdieu, Pierre (2000) *Poder, Derecho y clases sociales*, Bilbao, Editorial Desclée de Brouwer.

Bronfenbrenner, U. (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*, Porto Alegre, Artes Médicas.

Capucha, Luís (coord.) (1998) *Grupo desfavorecido face ao emprego - tipologias e quadros básicos de medidas recomendáveis*, Lisboa: Editora Observatório do Emprego e Formação Profissional.

Costa, Alfredo Bruto da (coord.), Isabel Baptista, Pedro Perista e Paula Carrilho, (2008) *Um Olhar Sobre a Pobreza: Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*, Lisboa, Gradiva.

Creswell, John W. (2010) *Projeto de pesquisa, métodos qualitativos, quantitativos e mistos*, Porto Alegre, Artmed.

Ferreira, C.; Graça, J; Marques, R.; Peixoto, J.; Raposo, R. (1995). *Sociologia*, Alfragide, Mcgraw-hil.

Hirschi, T. (2009) *Causes of delinquency*, USA, Library of Congress.

Giddens, Anthony (2010) *Sociologia,* Lisboa, Editora da Fundação Calouste Gulbenkian.

Quivy, R., Campenhoust L. V. (2013) *Manual de Investigação em Ciências Sociais,* Lisboa, Gradiva.

Paugam, Serge (2003) *A Desqualificação social, ensaio sobre a nova pobreza*, Porto, Porto Editora.

Rodrigues, Eduardo Vítor (2010), *Escassos caminhos – os processos de imobilização social dos beneficiários de rendimento social de inserção*, Porto, Edições Afrontamentos.

Páginas consultadas na WEB:

Costa, Firmino *Anexo IV grelha de profissões e de classes sociais – a, Culturas Urbanas e Modos de Vida Juvenis: Cenários, sonoridades e estéticas na contemporaneidade portuguesa (2005-2009) Doutoramento em Sociologia Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.*

http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56304/8/Anexo4000129556.pdf

Bourdieu, Pierre (1997) *Meditações Pascalianas, Rio de Janeiro,* Art Line.
http://Copy.me/Arcevo/livro/BOURDIEU,20%Pierre.%20Meditações%20Pascalianas.pdf

Bourdieu, Pierre (2002*), Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos sobre etnologia cabila*, Oeiras, Celta.
https://pt.scribd.com/doc/231903989/61705520-Esboco-de-Uma-Teoria-Da-Pratica-Pierre-Bourdieu

Caria, Telmo H. (2002), *Da estrutura prática* à *conjuntura interactiva – relendo o esboço de uma teoria da prática de Pierre Bourdieu*, revista crítica de ciências sociais pp 135-143
http://rccs.revues.org/1239

Pessoa, Fernando (2002) *Cancioneiro, Ciberfil Literatura Digital*
http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Cancioneiro_de_fernando_pessoa.pdf
Joaquim, Cláudia (2015), *Proteção social, terceiro setor e equipamentos sociais: Que modelo para Portugal?* Observatório sobre Crises e Alternativas, Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado, Universidade de Coimbra.
http://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/documentos/cadernos/CadernoObserv_III_fevereiro2015.pdf

Lewis, Oscar (1961) *Los hijos de Sánchez*
http://www.ignaciodarnaude.com/textos_diversos/Lewis,Oscar,Los%20Hijos%20de%20Sanchez(1961).pdf

Lopes, João Teixeira, Costa, António Firmino, *2012 Desigualdades de percurso dos estudantes do ensino superi*or, VII Congresso Português de Sociologia
http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0988_ed.pdf

Nogueira, Cláudio, Nogueira, Maria (2002) A sociologia da educação deierre Bourdieu: limites e contribuições. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002

http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf

Nunes, *Nuno Registos do ator plural. Bernard Lahire na sociologia portuguesa* [*João Teixeira Lopes (org.), 2012, Porto, Edições Afrontamento]*, *Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), CIES-IUL, Lisboa*, Portugal, sociologia, problemas e práticas, n.º 73, 2013, pp. 173-176. DOI:10.7458/spp2013732813

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-65292013000300009&script=sci_arttext

Observatório das desigualdades, 2015
http://observatorio-das-desigualdades.com/2015/02/10/desigualdade-de-rendimento-s90s10-entre-os-10-mais-ricos-e-os-10-mais-pobres-agrava-se-em-2013/

Perista, Pedro e Isabel Batista (2010), *A Estruturalidade da pobreza e da exclusão social na sociedade Portuguesa – conceitos, dinâmicas e desafios para a acção*, Revista Fórum Sociológico, nº 20 (II serie,2010) pp. 39-46.
http://sociologico.revues.org/165

Pizzio, A. (2009), *Revista mal-estar e subjetividade* **–** Fortaleza – Vol. IX – Nº1 – p. 209-232 – MAR/2009
www.redalyc.org/pdf/271/27113836009.pdf

Rodrigues, Eduardo Vítor, (1999) *A Pobreza e a exclusão social: teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal*, Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, séria I, vol. 09,pp. 63-101
http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1468.pdf

Kang, T. (2011), *Justiça e desenvolvimento no pensamento de Amartya Sem*, Revista de Economia Política, vol. 31, nº 3 (123), pp 352-369, julho-setembro/2011
http://www.scielo.br/pdf/rep/v31n3/02.pdf

Krugman, Paul, *A crise portuguesa e a política de austeridade,* Embassy of Portugal in New Delhi, All rights reserved.
http://www.portugal-india.com/pt/content/crise-portuguesa-e-politica-de-austeridade-paul-krugman

Anexos

Anexo 1. Guião de entrevista semiestruturada aos novos pobres

Apresentação do entrevistador

Nelson José Sampaio Reis, mestrando em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tema da pesquisa: A carreira do novo pobre e seus processos e fatores desqualificação social.

Objetivos da entrevista:

As entrevistas serão utilizadas somente para a nossa pesquisa **"A carreira do novo pobre: processos e fatores desqualificação social",** que tem como objetivo de apoiar a nossa reflexão sobre a problemática da "nova pobreza" a partir da "voz" dos agentes sociais que se encontram em situação pobreza.

A gradecemos a sua colaboração e asseguramos a total **confidencialidade da entrevista**.

Entrevista Nº_____

Data: ____ / ____ / _____

Nome fictício do Entrevistado:_____

Dados sociodemográficos do entrevistado

a) Género: Masculino_____ Feminino_____

b) Idade: _____

c) Habilitações Literárias:_____

d) Situação Profissional _____

e) Estado Civil _____

f): Nº de elementos que compõem o Agregado Familiar: _____

e) Nº de Filhos:_____

Guião da Entrevista

Esta entrevista faz parte de uma tese de mestrado em sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem como finalidade perceber o percurso de vida de pessoas atingidas pela pobreza mediante três perfis: reformados com baixas pensões, jovens

que voltaram a viver com os pais por falta de recursos para viverem independentemente; e trabalhadores precários cujos salários não são suficientes para cobrir suas despesas.

A entrevista vai abordar três momentos distintos da vida dos novos pobres:

a)Antes da situação de precariedade em vários agentes de socialização.

b) O momento da viragem, que se dá com a "perda de laços com o mundo do trabalho", resultante, não somente, de uma conjuntura de crise, mas também da aplicação de políticas neoliberais, responsáveis por processos de desregulamentação das leis trabalhistas e políticas de austeridade que resultaram no aumentando o número de trabalhadores precários e reformados com baixas pensões.

c) O momento a seguir a viragem, em vários agentes de socialização, para perceber o que é que mudou, e o modo de relação das pessoas com a instituição, ou seja o posicionamento face a instituição e o processo de assistências. Toda a informação recolhida será confidencial, não sendo revelada em momento algum a identidade do entrevistado.

TÓPICOS PARA A ENTREVISTA

Situação de pobreza

Antes	Viragem	Depois
Educação Família Amigos Habitação Saúde Mobilidade Trabalho Lazer Consumo	Trabalho - perda de laços Crise/Austeridade/ Rendimento Afastamento da vida social Crise identitária Saúde (depressão) Família (rutura) Tomada de consciência Sentimento de inferioridade Insucesso/Vergonha social (distanciamento na relações sociais) Amigos/ Solidão /perda de laços Isolamento – amargura – mal-estar Estratégias de distanciamento Comportamento defensivo Desencorajamento Serviços de ação social Habitação Fragilidade Dependência (assistidos) Rutura dos laços sociais (marginais)	Escola Família Amigos Habitação Trabalho Saúde Mobilidade Consumo Lazer

Posicionamento em relação instituição Coração da Cidade

Anexo 2. Guião de entrevista semiestruturada aos cargos de direção

Apresentação do entrevistador

Nelson José Sampaio Reis, mestrando em Sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tema da pesquisa: A carreira do novo pobre e seus processos e fatores desqualificação social.

Objetivos da entrevista:

As entrevistas serão utilizadas somente para a nossa pesquisa **"A carreira do novo pobre: processos e fatores desqualificação social",** que tem como objetivo apoiar a nossa reflexão sobre a problemática da "nova pobreza" a partir da "voz" dos agentes sociais que se encontram em situação pobreza.

A gradecemos a sua colaboração e asseguramos a total **confidencialidade da entrevista**.

Entrevista Nº_____
Data: ____ / ____ / _____

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

f) **Género:** Masculino_____ Feminino_____

g) **Idade: _____**

h) **Habilitações Literárias:_____**

i) **Tempo de serviço no Gabinete: _____**

Tópicos

1. Funcionamento do coração da cidade.
2. Papéis, serviços e funções da organização.
3. Divisão do trabalho
4. Modos de coordenação e de execução.
5. Cultura organizacional (valores e objetivos da organização).
6. Missão
7. Hierarquia interna
8. Papel do voluntariado na associação
9. Posicionamento dos dirigentes face aos modelos de combate a pobreza ou seja caritativo, assistencialismo ou empoderamento
10. As representações dos dirigentes relativamente ao fenómeno da nova pobreza
11. Recursos da organização

Anexo 3. Documentos relativos à instituição

Figura 2 - Declaração de registo definitivo da Segurança Social

DIREÇÃO-GERAL DA SEGURANÇA SOCIAL

DECLARAÇÃO

Declara-se, em conformidade com o disposto no Estatuto aprovado pelo Decreto-Lei nº. 119/83, de 25 fevereiro, alterado pelo Decreto-Lei nº. 402/85, de 11 de outubro e no Regulamento aprovado pela Portaria nº. 139/2007, de 29 de janeiro, que se procedeu ao registo definitivo de alteração dos estatutos da instituição particular de solidariedade social abaixo identificada, reconhecida como pessoa coletiva de utilidade pública.

O registo foi lavrado pelo averbamento nº. 2, à inscrição nº. 52/2000, a fls. 53 Verso, do Livro nº. 8, das Associações de Solidariedade Social e considera-se efetuado em 22-08-2012, nos termos do nº. 4, do artigo 9º., do Regulamento acima citado.

Dos estatutos consta, nomeadamente, o seguinte:

Denominação – Associação Migalha do Amor – Grupo Espírita de Fraternidade Cristã

Sede – Rua Antero de Quental, 806 - Porto

Fins – desenvolver e executar a solidariedade social, nas suas vertentes de assistência social, psíquica e espiritual à terceira idade, infância e juventude. A Associação tem também como objeto social da sua atividade a integração social e oferta de oportunidades de trabalho, nomeadamente através do desenvolvimento de ações direcionadas e articuladas com o tecido empresarial, no sentido de apoiar a organização e desenvolvimento de empresas e facilitar o acesso das pessoas ao mercado de trabalho. Desenvolvimento de atividades e projetos formativos que promovam a empregabilidade e promoção de adequada formação profissional em áreas consideradas estratégicas para a Associação. Execução de atividades, estudos e projetos direcionados à promoção dos direitos e igualdade de oportunidades assim como igualdade no género entre homens e mulheres.

Direção-Geral da Segurança Social, em 20 SET. 2012

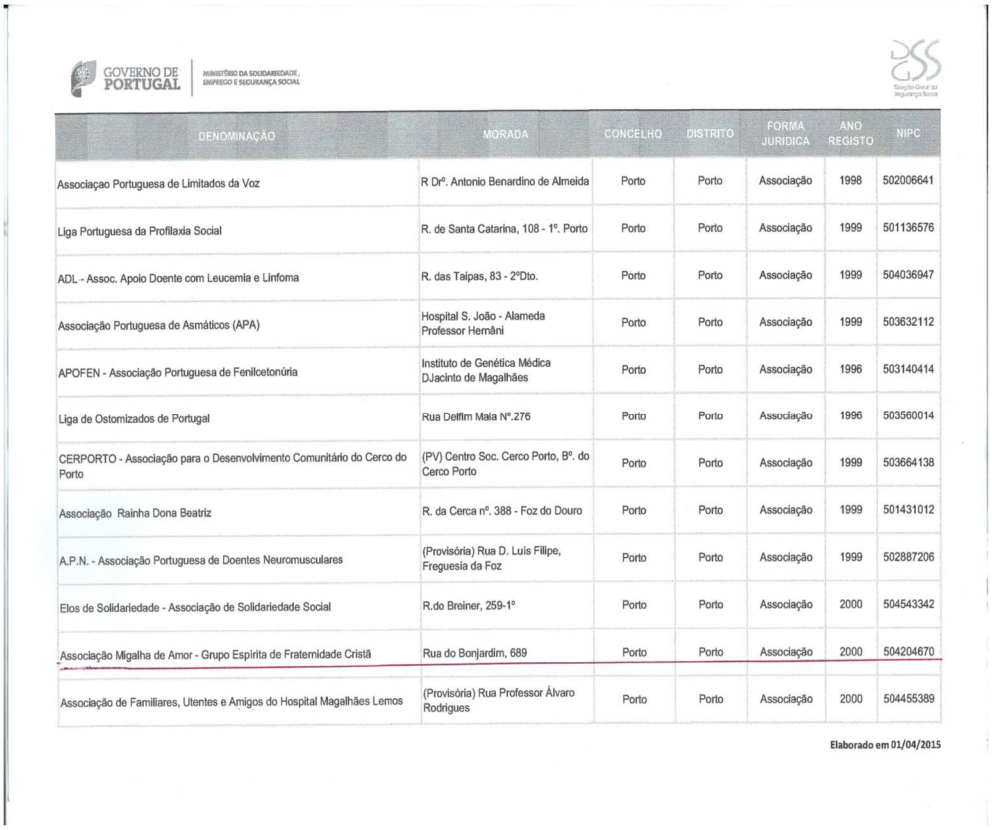
Pelo Diretor-Geral

O Chefe de Divisão
Rui Santos

SS

Mod DGSS/08

Figura 3 - Lista do Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social



GOVERNO DE PORTUGAL | MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE, EMPREGO E SEGURANÇA SOCIAL

DENOMINAÇÃO	MORADA	CONCELHO	DISTRITO	FORMA JURIDICA	ANO REGISTO	NIPC
Associaçao Portuguesa de Limitados da Voz	R Drº. Antonio Benardino de Almeida	Porto	Porto	Associação	1998	502006641
Liga Portuguesa da Profilaxia Social	R. de Santa Catarina, 108 - 1º. Porto	Porto	Porto	Associação	1999	501136576
ADL - Assoc. Apoio Doente com Leucemia e Linfoma	R. das Taipas, 83 - 2ºDto.	Porto	Porto	Associação	1999	504036947
Associação Portuguesa de Asmáticos (APA)	Hospital S. João - Alameda Professor Hernâni	Porto	Porto	Associação	1999	503632112
APOFEN - Associação Portuguesa de Fenilcetonúria	Instituto de Genética Médica DJacinto de Magalhães	Porto	Porto	Associação	1996	503140414
Liga de Ostomizados de Portugal	Rua Delfim Maia Nº.276	Porto	Porto	Associação	1996	503560014
CERPORTO - Associação para o Desenvolvimento Comunitário do Cerco do Porto	(PV) Centro Soc. Cerco Porto, Bº. do Cerco Porto	Porto	Porto	Associação	1999	503664138
Associação Rainha Dona Beatriz	R. da Cerca nº. 388 - Foz do Douro	Porto	Porto	Associação	1999	501431012
A.P.N. - Associação Portuguesa de Doentes Neuromusculares	(Provisória) Rua D. Luís Filipe, Freguesia da Foz	Porto	Porto	Associação	1999	502887206
Elos de Solidariedade - Associação de Solidariedade Social	R.do Breiner, 259-1º	Porto	Porto	Associação	2000	504543342
Associação Migalha de Amor - Grupo Espírita de Fraternidade Cristã	Rua do Bonjardim, 689	Porto	Porto	Associação	2000	504204670
Associação de Familiares, Utentes e Amigos do Hospital Magalhães Lemos	(Provisória) Rua Professor Álvaro Rodrigues	Porto	Porto	Associação	2000	504455389

Elaborado em 01/04/2015